Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Contém este livro 100 (cem) folhas numeradas tipograficamente de 1 (um) a 100 (cem) e que servirá de registro das personalidades que difundiram o nome desta Terra.

Paracatu, 18 de junho de 1994.

Fundação Municipal Casa de Cultura de Paracatu

Maria das Graças Caetano Tales
DIRETORA - PRESIDENTE

Biógrafa - Vera Neiva
Transcrição - Dalia M. Neiva Moreira Salles

Adelmar da Silva Neiva

Em 27 de Abril de 1901, nascia nesta cidade de Paracatu, aquele que seria um dos nossos médicos mais amados, o Dr Adelmar da Silva Neiva, filho do Sr Pedro da Silva Neiva (Pedroca), e D. Leonor da Silva Neiva.

O Dr Maneco, como era conhecido, começou a estudar com sete anos de idade no Grupo Escolar Afonso Arinos, tendo como primeira mestra D. Júlia Alves. Após ter frequentado o Ateneu de Paracatu, foi para a cidade de Uberaba, a fim de continuar os estudos, e, em seguida, para Belo Horizonte, onde iniciou o curso de medicina. Mais tarde, foi para a capital da República, ingressando na Faculdade Federal de Medicina do Rio de Janeiro, onde recebeu o diploma, com mérito. Dedicou-se inicialmente à Clínica Geral, e mais tarde, à Cirurgia Geral, em Paracatu.

Esse nosso ilustre conterrâneo exerceu outras atividades em sua cidade. Além de Diretor da Santa Casa de Saúde, onde clinicava e operava, foi também Diretor da Escola Normal Antônio Carlos, onde lecionou Geografia e História, durante muitos anos. Fazendeiro, criador de gado Nelore, político influente. Como político, pertenceu ao Partido Social Democrático - PSD, substituiu o prefeito Quintino Vargas, da UDN, mantendo sempre um relacionamento amigável com as pessoas dos demais partidos. Ele gostava muito de política, mas a sua vocação era a medicina.

Se fôssemos relatar aqui o depoimento de pessoas que conviveram com ele, estenderíamos sua biografia por todo esse livro, mas dispomos apenas de uma folha. Entretanto, sugerimos que perguntem aos da época, quem foi o Dr Maneco.

Ele sempre sonhou construir um Hospital em Paracatu, ideal este realizado com grande satisfação e alegremente comemorado pelo povo da cidade. No dia da inauguração ele se lembrou de seu juramento de médico e pediu a Deus que o primeiro pa-

ciente que ali entrasse fosse merecedor das Graças Divinas. Quis o Senhor que fosse ele o agraciado de Suas Bençãos, pois como primeiro paciente daquele hospital, veio a falecer vítima de uma peritonite. Pelo seu exemplo de vida, e por essa prece, acreditamos que ele, já há muito tempo se encontra junto ao Pai.

Durante os oito dias que permaneceu no hospital (hoje Hospital Municipal) teve à sua cabeceira dois amigos dedicados: o Dr. Elpídio Canabrava, ex colega de Faculdade, e a enfermeira Marta Silva Neiva, sua prima. As visitas foram proibidas, mas ele pediu que abrissem a porta do Hospital pois ele era do povo e o povo era dele.

Sua morte se deu numa noite chuvosa e escura, às 21 h do dia 04 de outubro de 1955. Tudo ficou triste, a cidade era um só lamento. Uma multidão silenciosa subia tristemente a Rua Goiás em direção à casa de seus pais para prestar a última homenagem àquele que foi, acima de tudo, um grande amigo.

Dr Maneco foi um grande homem, um grande médico. Nós devemos nos sentir honrados por ter sido seus parentes, seus conterrâneos. Verdadeiramente, ele cumpriu com dignidade a sua missão entre nós e a sua lembrança nos anima e seu exemplo nos edifica.

A direita da Igreja do Rosário, na Praça Dr Adelmar Neiva, encontrase seu busto esculpido em bronze e a inscrição:

" Adelmar da Silva Neiva - Médico Professor e Político. Notória a sua dedicação aos pobres de sua terra."

Homenagem da Prefeitura Municipal e do povo de Paracatu ao seu ilustre filho. 27.05.1901/04-10-1955

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Afonso Arinos de Melo Franco

Primogênito do casal, Virgílio Martins de Melo Franco e Dª Ana Leopoldina Pinto da Fonseca, nasceu em Paracatu, a 1º de maio de 1868. A sua inclinação literária já se fazia sentir desde os primeiros anos.

Iniciou em Paracatu as instrucões primárias, sob as vistas severas do velho Prof: Manoel Caldeira Brant.

Em 1876 partiu para a Vila Boa de Goiás, para onde seu pai fora nomeado juiz. Sempre junto dos tropeiros, homens rudes, ouvindo seus casos heróicos ou acompanhando as cantigas dolentes. A obra de Arinos está cheia destes homens. Pelo Sertão é a lembrança de suas jornadas pelas regiões solitárias de Minas e de Goiás, povoadas pelos mesmos homens daquele mundo verde.

Em 1885 matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo onde se bacharelou aos 21 anos de idade, no ano de 1889.

Uma vez formado, regressa a Minas inicia a sua carreira de vida pública.

Em 1898, reunindo vários contos esparsos pelos jornais, publicava o livro que o viria a imortalizar, sob o título: Pelo Sertão, que vinha quebrar a monotonia da literatura corrente, mórbida ou acadêmica. Ainda são de sua autoria: Notas do Dia, Os Jagunços, O Contratador de Diamante, A Unidade da Pátria, Lendas e Tradições

Brasileiras, Conferências Literárias, O Mestre de Campo, Histórias e Paisagens, Ouro... Ouro

Arinos foi um homem que lia pouco e via muito, preferindo o pó das estradas ao dos arquivos. É verdade: seu grande livro foi, de fato a Natureza. Folheava-a viajando.

A intenção regionalista, e através dela chegar ao nacionalismo, é bem clara no autor que confessou revelar num país saturado de literaturas estrangeiras, um pouco das impressões colhidas na natureza.

O Sertanejo entra definitivamente para a literatura, e, com ele, adquire categoria literária.

Faleceu a 19 de fevereiro de 1916, em Barcelona (Espanha), numa de suas viagens de regresso a Paris, onde residia.

Lana Lúcia Melo Franco Santiago

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Álvaro Álvares da Silva Campos

Álvaro Álvares da Silva Campos, nasceu em Paracatu, a 12 de maio de 1925, filho do Prof. Carlos Campos e de D. Maria das Dores Brochado Campos.

Com a transferência de seus pais para Belo Horizonte, em 1927, ali realizou todos os estudos, bacharelando-se pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - 1948.

Além de advogado militante, dedicou-se ao jornalismo e foi oficial de Gabinete do Secretário de Agricultura Indústria e Comércio do Estado de Minas Gerais, Dr. Aloísio Costa, em 1954, e o Gov. Clóvis Salgado. Foi Advogado Consultor do Estado de Minas Gerais e Consultor Jurídico dos Ministérios da Saúde (1956-1961) e da Educação e Cultura a partir de 1956, até a sua aposentadoria. Foi ainda Prof. de Direito Civil Processual Penal do Curso de Formação de Inspetores da Academia Nacional de Polícia. Membro de várias entidades jurídicas do país e agraciado com as medalhas "Clóvis Bevilacqua", do Instituto Nacional de Educação de Surdos, Comemorativa da Trasladação dos Despojos da Imperatriz Leopoldina, entre outras. Conferencista sobre assuntos jurídicos filosóficos, sociológicos e administrativos no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul.

Na vida política, foi presidente do Diretório Estudantil do Partido Republicano-PR em 1944, em Belo Horizonte e Suplente a Dep. Federal (1958-1962) pelo Partido Republicano de Minas Gerais.

Autor de A Verdade sobre o Processo do Dr. Romualdo Neiva, Plano de Proteção à Fauna, Flora e Solo do Estado de Minas Gerais, o Direito Educacional na Jurisprudência da Consultoria Jurídica do Ministério da Educação e Cultura, e das monografias: A Concepção Histórica do Direito, a Soberania, o Poder do Grupo, a Existência de Deus e a Imortalidade da Alma.

Possui ainda pareceres diversos publicados em revistas especializadas e vários deles com repercussão internacional. É ainda autor de prefácio de livros, mesmo que fogem da área de sua especialização e de artigos de pesquisa histórica sobre a sua região natal. Escreve com clareza e expõe suas ideias, jurídicas ou filosóficas, acessíveis à todo tipo de eleitor.

Alyrio Carneiro

Nasceu na cidade de Paracatu, aos 12 de agosto de 1875. Foram seus pais Elias Carneiro e Dª Eudóxia Martins de Melo Franco.

Em sua terra natal iniciou os estudos de primeiras letras, bem como o secundário, na Escola Normal, diplomando-se normalista. Mais tarde, transferiu-se para a capital do Estado, onde fez os preparatórios para o curso de Farmácia.

Regressou a Paracatu, já nomeado Coletor Estadual, acumulando o cargo de Coletor Federal, para finalmente, ficar com este último, no qual se aposentou.

Destacou-se na política local, como chefe do Partido Popular de Paracatu.

Nesta ocasião funda-se o jornal Folha do Povo (24 de fevereiro de 1910), quando é escolhido para a chefia da redação deste órgão partidário da política dos Melo Franco.

Jornalista influente, foi colaborador assíduo de vários jornais do Estado. Autor de inúmeros artigos e comentários políticos e do opúsculo o Centenário de Paracatu. Escrevia com clareza e elegância. Poeta de inspiração satírica, tendo produzido, esparsos

Fundo Casa de Cultura/NGP/A001/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

jornais e nunca reunidos em livro, poemas de ironia e sátira aos homens do governo e ao governo dos homens.

Faleceu em Belo Horizonte, onde passou a residir, em 26 de março de 1961 e foi sepultado em Paracatu, no jazigo da família.

Antero Moura Santiago

Dr. Anthero de Moura Santiago - o primogênito dos doze da abençoada prole do saudoso casal Joaquim de Moura Santiago e D. Adelaide Avelino Santiago - nasceu aos 05 dias do mês de junho de 1900, na cidade de Paracatu - Estado de Minas Gerais.

Foi educando dos Irmãos Maristas, no Ginásio Diocesano da cidade de Uberaba-MG, onde fez os cursos primário e secundário. Após os exames preparatórios, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, transferindo-se, dois anos depois, para a Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro (Universidade do Brasil), onde se diplomou em 1927. Em seguida, doutorou-se em medicina ao defender, com distinção, sua tese "Do sopro circular na insuficiência aórtica".

Nos albores de sua vida médica especializou-se em grandes hospitais do Rio de Janeiro, orgulhando-se do título de assistente de seu ex-Professor Garfield Almeida.

Uma vocação privilegiada e inteiramente devotada ao fiel exercício de sua profissão. Sua medicina praticada com verdadeira filantropia foi um verdadeiro sacerdócio: tanto atendia os mais abastados como amparava os pobres e necessitados.

Era clínico geral, tendo exercido com alta proficiência e acendrado amor a sua profissão no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, e, de forma mais intensa, em Paracatu - sua terra natal tão amada e querida.

Dividiu também seu talento no magistério da ca-

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

-deira de Psicologia, na Escola Normal Antônio Carlos, de Paracatu, ministrando-a com reconhecida cultura e grande dedicação.

Alma privilegiada e sensível - seu coração magnânimo repartiu, incessantemente, com os jovens de sua terra otimismo e a crença nos altos ideais dos que sabem estudar, lutar e amar!

Excelente filho e irmão: dedicou à sua família e aos seus extremado e inexcedível serviço e amor fraterno.

Sua partida, aos 31 de maio de 1966, em doloroso desastre de carro que lhe roubou repentina e cruelmente a vida, foi e é lamentada com grande e imorredoura saudade.

Biógrafo(a) -
Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles

Antonio Oliveira Mello

Nasceu em Paracatu, a 22 de abril de 1937, tendo como pais Itamar de Oliveira Melo e Adalgisa Jordão de Oliveira Melo.

Iniciou os estudos primários na escola particular de Dª Maria Pereira da Costa (Marocas) e, a seguir, matriculou-se nas Classes Anexas à Escola Normal Oficial de sua terra natal, onde realizou o curso secundário, transferindo-se em 1951, para a cidade paulista de Itu e ingressou no Seminário do Carmo, onde terminou o curso humanístico em 1955. Em 1956 transferiu-se para o Seminário Maior de Mogy das Cruzes. Já no ano de 1957 encontra-se no Seminário Arquidiocesano de São José do Rio de Janeiro, e aí conclui o curso de Filosofia. Por motivo de saúde, deixa o Seminário, em 1959, permanecendo fora, na condição de Seminarista, durante três anos. Neste período ingressa na vida do magistério em Patos de Minas, e, ativamente, na imprensa interiorana. Em 1961 publica a sua primeira de inúmeras obras que escreveu. Logo depois, reingressa no Seminário, já em Belo Horizonte, e fez o curso teológico para logo depois, abandonar os estudos eclesiásticos e dedicar-se inteiramente ao magistério e ao jornalismo, em fins de 1962.

Foi Diretor do Colégio Normal Oficial de Paracatu, além de ter sido professor de diversas matérias (Português, Literatura, Francês, Psicologia, etc...) em cidades como: Patos de Minas, Paracatu, Ibirité, dentre outras.

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Atualmente é Prof. de Português e Literatura do 2º grau da E.E. Prof Fama Maciel, de Patos de Minas.

É titular das cadeiras de Estudo de Problemas Brasileiros, de Iniciação Filosófica e de Filosofia; aprovado pelo Conselho Federal de Educação na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras e de Estudo de Problemas Brasileiros, da Faculdade de Ciências Administrativas de Patos de Minas.

É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais; do Centro de Folclore Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais; do Centro de Folclore de Piracicaba (S.P); da Academia Piracicabana de Letras; da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, da Academia de Letras do Brasil Central (Uberlândia), da Academia Patense de Letras; da Academia Paulistana de História e da Ordem Nacional dos Bandeirantes (S.P); da Academia Piauiense de Letras (PI) e da União dos Escritores Brasileiros (S.P).

Através do projeto da Res. 2174, a Câmara Municipal de Patos de Minas outorgou-lhe o título honorífico de cidadão patense. Em 21 de abril de 1984, por Decreto do Gov. Tancredo Neves, é condecorado com a mais alta comenda do Estado, a Medalha da Inconfidência

É casado com a Prof. Nilce Franco Mello e pai de 3 filhos.

Maria José Oliveira Lima

Beatriz Botelho Vasconcelos

Nasceu em Paracatu, em 10 de outubro de 1912, tendo como pais Francisco Botelho e Maria Conceição Adjuto Botelho.

Fez o curso de primeiras letras em sua terra natal e secundário em Belo Horizonte. Funcionária do Itamarati e, como tal, já esteve adida ao Consulado do Brasil em Casa Blanca, na África. Viúva do então Promotor de justiça de Paracatu, Dr. Francisco de Vasconcelos. Hoje, reside em Brasília.

Um Caderno de Versos, seu livro de estréia, mereceu em Passeios na Ilha, de Carlos Drumond de Andrade, o seguinte comentário: "Seu poder de transfiguração permanece intato, em ambiente propício à imobilidade fícia e espiritual." Fala-nos por exemplo, de uma fabulosa mangueira de sua infância, que dava também mel e laranjas. As imagens de vida interior são delicadas e ativas: atrás da criatura humana, ela vê a "sombra enorme e densa do mundo se projetando".

O mesmo livro, ilustrado por Guignard, mereceu ainda referências elogiosas de Manoel Bandeira e Oto Maria Carpeaux.

Vários de seus poemas, publicados em revistas literárias do País, tiveram ilustração de Ilen Kerr.

"Beatriz surge com uma poesia forte nas palavras de Bueno de Rivera marcada

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

por um temperamento vivo e singular, sem desesperos e lamentações internacionais. É instintivo como vôo de pássaro.

A alegria dolorosa que descobrimos na poesia de Beatriz Botelho vem de sua angústia em compreender a terra e seus frutos. Ela possui a virtude de rosa selvagem: é natural e pura na paisagem do mundo, sem a preocupação de escolas e de forma e sem o brilho artificial das margaridas de estufa.

É uma poesia que vem das tristezas dos campos. Com a sua ternura humana e lírica, conquistará, por certo, o coração das cidades desumanizadas."

Francisco Solano Ulhôa Botelho

Benedita Gouveia Damasceno

Nasceu em Paracatu, 29 de junho de 1950. Filha de José Gouveia Damasceno e de Cenira Damasceno. De origem humilde, família numerosa e apegada à religião, Benedita muito teve que lutar, desde criança para conseguir o que queria na vida. Conheceu a vida dura, estudou e trabalhou ao mesmo tempo.

Fez o curso primário no Grupo Escolar D. Serafim e, em seguida, continuou os estudos na Escola Normal, onde concluiu os Cursos Normal e Científico, simultaneamente em 1970. Concluído o 2º grau, segue para Brasília.

Fez concurso público e entrou para a Fundação Educacional de Brasília, como professor. Aprovada no vestibular, ingressou na Universidade de Brasília, no Curso de Letras, e obteve a Licenciatura Plena em 1975.

A partir de um artigo do professor Cassiano Nunes, e estimulada por ele Benedita defendeu a tese de mestrado, em 26 de agosto de 1980. Em sua dissertação versou sobre A Poesia Negra no Modernismo Brasileiro.

Em Brasília participou de movimentos em defesa dos negros, embora esses movimentos não estivessem de acordo com a sua visão do problema. Fez uma palestra em setembro de 1980, apresentou e debateu o tema

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

O Negro na Realidade Brasileira, sob a coordenação do Centro de Estudos Afro-Brasileiros - CEAB.

Através de concurso, é Oficial de Chancelaria no Itamarati, em 1981 é nomeada adida cultural na Embaixada Brasileira de Lagos - Nigéria. O contato com a cultura nigeriana aprimorou, em seu espírito, a acuidade e a lucidez de seu grupo social, assumindo a sua cor e a sua cultura sem radicalismo e sem a alienação do ideal de branqueamento.

Em 1983 é transferida para a Embaixada Brasileira de Roma (Itália) como diretora do Centro de Estudos Brasileiros, cujo cargo ocupa até os dias de hoje.

Em 1987 casa-se na Itália, no civil, com o Produtor Cinematográfico e Diretor Giuliano Simonetti. E, no mesmo ano, no dia 05 de setembro, casa-se no religioso em sua terra natal na bicentenária Igreja do Rosário, a antiga igreja dos pretos, conforme era seu desejo.

Pela Editora Pontes, de Campinas-S.P., em abril de 1988, lança em livro a **Poesia Negra no Modernismo Brasileiro**, nas principais capitais do País com grande repercussão. Tem em preparo um trabalho crítico sobre a poesia de Cruz e Sousa, onde mostrará que se trata de uma autêntica poesia negra.

[illegible]
Marilúcia Gouveia Pacheco

Branca Adjuto Botelho

Antes de atingir a idade de 24 anos, já eram tolhidos pela morte as atividades poéticas de Branca Adjuto Botelho. Uma jovem que escrevia no momento de inspirações, sem dar maior valor e importância ao que escrevia. Depois de morta é que seus poemas foram encontrados e recolhidos para se formar o livro **Simplicidade**, editado pelos "Amigos do livro", de Belo Horizonte, em 1937 com prefácio de sua própria mãe.

Uma poetisa de alta sensibilidade e um tanto irônica. Possuidora desta ironia fina e viva, nascida com as coisas próprias da vida. A sua alma era muito dilatada para viver estreitamente mensurada num pequeno mundo de idéias e de ideais. A sua Poesia tem muito da paisagem de sua terra natal, configurando não apenas a cidade colonial, encravada no sertão mineiro, mas muito de sua sua paisagem, de seus campos, até das imagens barrocas e seus santos.

Branca Botelho fez as primeiras letras em sua terra natal, Paracatu, onde nasceu em 23 de agosto de 1911. Em Belo Horizonte, no Colégio de Santa Maria, inicia o curso secundário,

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

terminando-o em São Paulo, no Colégio
Sion. Em 24 de agosto de 1934, no
Rio de Janeiro, veio a falecer em
consequência de leucemia. Era
filha de Francisco Botelho e de Maria
Conceição Adjuto Botelho.
Em à Mensagem Poética de Branca,
à certa altura, Emílio Moura diz:
"Quando a morte a veio surpreender,
tão matinalmente ainda, Branca
devia estar no instante justamente
mais intenso de sua comovida e
fascinante descoberta do mundo.
Seus versos já de um espírito amadu
recido e algum tanto irônico, nos falã
a cada momento, dessa descoberta.
Talvez seja por isso mesmo que há
tanta poesia e poesia autêntica
nos versos que nos deixou. Se hou-
vesse vivido um pouco mais, sua
poesia ganharia em plasticidade,
em força lírica, o que Branca
fosse perdendo em ingenuidade
diante da vida."

Francisco Solano Ulhôa Botelho

Cândido Gonçalves Ulhoa

Cândido Gonçalves Ulhoa, filho de Dr. Sérgio
Gonçalves Ulhoa e Estefânia Vilela de Ulhoa,
nasceu em Paracatu em 29 de agosto de 1898 e
faleceu em Belo Horizonte, em 7 de junho de 1980,
sendo sepultado no cemitério de Santa Cruz
de Paracatu, e no dia seguinte sob a consterna
ção de seus conterrâneos. Realizou os estudos primá
rios na terra natal, na Escola Isolada Municipal
do Professor José Joaquim da Costa. O secundário e o
humanístico no Ginásio Diocesano de Uberaba, e
o Superior na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro,
onde o concluiu em 1924. Regressou a cidade natal
e passa a exercer a profissão a partir de 1925.
Em 1928 é eleito vereador. Com a ditadura Vargas
implantada no país, dedica-se exclusivamente à
medicina até 1947, quando é eleito Deputado à
Assembléia Constituinte de Minas Gerais, reeleito
consecutivamente em 1950, 1954, 1958 cujo
mandato iria até 1962, porém renuncia-o em
1960 para assumir o cargo de Conselheiro do
Tribunal de Contas de Minas Gerais.
É autor de tese de doutoramento, em
1925, e de discursos e pareceres parlamentares.
Foi membro da Associação Médica de Minas
Gerais e condecorado com a Medalha de Honra
da Inconfidência. Conseguiu do Governo Fede
ral (Presidente Juscelino Kubitschek), a altera
ção do trajeto da Rodovia Belo-Horizonte-
Brasília (BR-040), a fim de passar pela
cidade de Paracatu.

No campo educacional foi responsável pela criação dos Grupos Escolares "Dom Serafim" e "Dr Sérgio Ulhoa", e a construção do Prédio da Escola Normal (atual E. E. Antônio Carlos) em Paracatu. No campo da saúde pública realizou convênio entre o SESP e a Santa Casa de Misericórdia de Paracatu para a instalação do Hospital "Dr Adelmar da Silva Neiva", (o atual hospital municipal) na época era provedor da Santa Casa. Cândido Ulhoa sempre esteve à frente dos principais eventos da sua Terra Natal, participando da Fundação da Santa Casa de Misericórdia e do Jóquei Clube Paracatuense.
Cândido Ulhoa encerrou a sua vida de homem público como Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado. Foi casado com Djalmira de Paula Sousa e pai de Antônia, licenciada em Letras e de Maria Angélica, que seguiu a tradição de Medicina da família, como pediatra em Belo Horizonte.

Biografia fornecida por Dr Joaquim Álvares da Silva Campos
Resumo feito por D. Zenóbia Vilela Loureiro
Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles

Fundo Casa de Cultura/INOP/ABN/CAV02/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Carlos Álvares da Silva Campos

"... Nós somos viajores da solidão dos mundos.
Só depois da viagem, abrimos os olhos para a estrada"
C. Campos

Advogado, Jurista, Professor, Político.
Visão aguda, notável espírito crítico, inteligência rara, exerceu os cargos com admirável competência e caráter ilibado.
Nasceu em Paracatu, a 2 de fevereiro de 1883. Filho do Juiz de Direito de Paracatu Dr Martinho Alvares da Silva Campos e D. Zulmira Loureiro, fez o Curso Primário na Escola do Prof. Antônio Alberto da Fonseca Lima, de grande preparo intelectual. Cursou a Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro onde se formou a 29 de dezembro de 1917.
O Professor Carlos Campos era estimado pelos alunos por sua capacitação intelectual e formação moral.
No mundo científico do Direito e das Letras suas obras ganharam projeção internacional, pelos seus conceitos singulares do Direito
Sua obra. Hermenêutica Tradicional e Direito Científico mereceu elogiosas referências pelos juristas do país e do estrangeiro - Universidade de Paris, da Espanha, da Argentina.
Exerceu cargos de relevo - Funcionário da Casa da Moeda, Promotor de Justiça de Campo Belo e Pium-i. Foi Deputado pelo Congresso Mineiro, autor da lei de Reforma da Legislação eleitoral do estado, instituiu o voto secreto e cumulativo e Processo Mineiro de

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Ação Declaratória, Consolidação das Leis Eleitorais.
Professor de Direito da Universidade de M. Gerais na cadeira de Introdução à Ciência do Direito. Foi Deputado Federal.
Ingressou em várias bancas julgadoras para provimento de Cátedra, com desempenho magistral.
Sua maneira de ensinar era reconhecida pela obra filosófica e sociológica, rica de ensinamentos. A ciência brasileira alçou vôo em sua obra de renome universal.
No Curso de Doutorado lecionou com brilho a Filosofia do Direito
Faleceu a 26 de maio de 1955, em Belo Horizonte.
Dele disse Clóvis Bevilaqua:
"Neste livro afirma-se a forte individualidade pela independência dos conceitos na base da sólida educação jurídica e filosófica".
O professor Del Vechio saudou o Lauro, na Universidade de Roma como filho de Carlos Campos, a quem citava constantemente.
René Demogue saudou a originalidade do pensamento de Carlos Campos, isto em 1932.
A Universidade de Havard, fez um simpósio e apontou Carlos Campos como o pensador do século.
Enfim, Carlos Campos está consagrado em todo o mundo civilizado.

Delano Brochado Adjuto

Nasceu em Paracatu, a 12 de maio de 1945, filho do Sr. Almir Alaor Porto Adjuto e Sra. Martha Botelho Brochado Adjuto.

Concluiu o curso primário no Colégio das Irmãs e o ginasial na Escola Normal de Paracatu de onde saiu para o Colégio Anchieta, em Belo Horizonte, no qual concluiu o científico. Prestou vestibular no final de 1965. No ano seguinte começava o curso que fez dele um grande cardiologista, respeitado em Minas e no Brasil. Formou-se pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais em 1971.

Foi professor Adjunto da Faculdade de Ciências Médicas em 1971 a 1990; Assistente Efetivo do Serviço de Cardiologia do Hospital do Coração na Santa Casa - 1972 a 1990; Foi Professor Titular da Cadeira de Cardiologia e membro do Conselho Diretor - Concursado pelo INPS.

Ocupou o cargo de chefe do Fundo Rural de 1975 a 1980 e o de superintendente do INAMPS de 1983 a 13 de março de 1990.

Teve vários trabalhos apresentados em simpósios, encontros e Congressos nacionais e internacionais. Participou de Congressos na França, Inglaterra

e Rússia, dentre outros. Recebeu o título de Cidadão Honorário nas cidades de Passos, Manhumirim e outras cidades mineiras e a Medalha do Inconfidente em Congonhas.

Apesar de ser membro de uma família que sempre esteve no centro dos acontecimentos políticos de Paracatu e da região, ele jamais sentiu qualquer atração pela militância partidária.

Sua primeira e única incursão política ocorreu no ano de 1968 quando foi Secretário Geral do Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

Pontilhou o caminho de sua existência com os mais nobres exemplos de amor e justiça. Faleceu em 02.06.1990.

[illegible] Alcar Porto [illegible]
Martha Brochado Adjunto

Fundo Casa de Cultura/NGP/ADDI/GAV03/Cad.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Diogo Soares Rodrigues

Nasceu nesta cidade Paracatu, no dia 18 de abril de 1925, filho do Sr. Agenor Soares Rodrigues e de Teodora de Oliveira Melo.

Cursou o curso primário no Grupo Escolar Afonso Arinos, concluído em dezembro de 1938. Concluiu o curso ginasial na Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro. Concluiu também o curso de Administração Municipal no D.A.M. e IBAM de BH/MG. É comerciante em Paracatu desde 1949. Foi presidente da Conferência de São Vicente de Paula em 1947 a 1959 e 1960 a 1963. Foi Provedor da Santa Casa de Caridade de Paracatu em 1977. Sócio-Fundador do Lions Clube Paracatuense. Presidente do Jóquei Clube Paracatuense, em 1966 à 1969 e 1973 à 1974.

Eleito Vereador em 1963. Presidente da Câmara Municipal em 1964 à 1965. Eleito a Prefeito Municipal de Paracatu em 1971 à 1972. Nesta gestão dentre outras realizações relevantes, Diogo iniciou a construção da Escola Polivalente em convênio com o Governo de Minas Gerais.

Novamente, fora eleito Prefeito Municipal de Paracatu em 1982 à 1988. Nesta 2ª gestão no governo municipal, ele fora agraciado por várias entidades importantes no âmbito nacional e internacional, como o Diploma conferido a ele pelo Governo

do Japão, tanto como a Medalha da Inconfidência Mineira, Diploma e Medalhas conferidos pelo Centro de Estudos de Ciências Jurídicas e Sociais do Brasil.

Nesta gestão, ele fez "restaurar" a velha Escola Normal da Rua do Ávila", criando no prédio A Casa da Cultura de Paracatu, na época, assessorada pelo Prof. Lavoisier Wagner Albernaz, que não mediu esforços na conclusão do erguimento da casa, como elaborou o Plano de Ocupação e Funcionamento da Casa da Cultura, aprovado então, pelo Prefeito Diogo Soares Rodrigues, Membros do Ministério da Cultura, Secretaria de Estado da Cultura, Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico, Movimento Cultural, cujo trabalho cognominou o referido professor como "Fundador da Casa", sendo depois eleito como seu primeiro Diretor-Presidente.

Criou também o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Artístico de Paracatu, como Órgão de assessoramento ao prefeito, e juntamente com o conselho, criou a Lei Municipal de Preservação dos Monumentos Históricos.

Firmina Santana

Firmina Santana nasceu em Paracatu aos 18 de fevereiro de 1909. Fez seus primeiros estudos no Grupo Escolar Afonso Arinos e o curso secundário na Escola Normal Oficial de sua terra natal. Uma vez formada professora primária, passa a lecionar nas Classes Anexas à Escola Normal.

Em 1934 transfere-se de Paracatu para o Rio, onde se matricula na Escola de Enfermagem Ana Nery.

Inteligência privilegiada. Indispondo-se com o professor de Patologia Externa, com a autorização da Diretora, não mais frequentou as aulas. Permitiram-lhe apenas fazer as provas parciais e finais. Arguida sobre toda a matéria, obteve distinção e elogios do próprio professor!

Em 1937 termina, com brilhantismo, o curso de enfermagem. Vai para a Argentina às expensas do Governo Brasileiro, em 1940, onde fez o curso de dietista na Escola de Nutrição. De volta ao Brasil, por muito tempo, foi assistente do Professor Josué de Castro. Organizou a Dietética do Hospital dos Servidores Públicos, do qual era chefe. Criou uma Escola de Nutrição no Brasil no molde da Argentina, tudo com considerações e projetos seus. Para apresentar o projeto ao Ministro da Educação, serviu-se dum médico

da Santa Casa do Rio. E esta escola, por ela criada foi, mais tarde, anexada à Universidade do Brasil. Em 1951 esteve em Campos do Jordão e Maranhão estudando as alimentações por ordem do Governo.

Foi ao Congresso Internacional de Nutrição, realizado em Haia como representante da ONU, sobressaindo-se entre os outros congressistas. Parte para os Estados Unidos em 1952 em Comissão do Governo Brasileiro a fim de aperfeiçoar os seus conhecimentos. Concorre ao curso de trabalhos realizados no Departamento Internacional de Saúde, para uma bolsa de mais de dois anos de estudos, doada pelo Departamento de Estado Norte Americano. Vencendo-se o prazo, com permissão do Governo Brasileiro, permanece em Washington, onde, a 31 de julho de 1955, a morte a veio surpreender. Tal curso deveria terminar em fins de 1955.

Firmina Santana foi a primeira nutricionista brasileira. E Paracatu se orgulha de tê-la dado ao Brasil.

Ana Lúcia Faria de Freitas e Lima
Mayanna Faria Lima

João Carneiro Ulhôa

Filho de Ascendino Pimentel Ulhôa e Maria Carneiro de Ulhôa, nasceu em Paracatu no dia 06 de junho de 1935.

Cursou o primário no Grupo Escolar Afonso Arinos e o secundário no Ginásio Estadual Antônio Carlos, em Paracatu. Concluiu o científico no ano de 1954, no Colégio Estadual de Belo Horizonte e formou-se em Direito, pela UFMG em 1960.

Iniciou a carreira, exercendo a advocacia em Belo Horizonte e cidades vizinhas. Ingressou, mediante concurso, no Ministério Público de Minas Gerais (comarca de Jequeri) em 1967 e, três anos depois, foi promovido Promotor de Justiça da Comarca de Rio Casca. Um ano e meio mais tarde, foi aprovado, em concurso público para ocupar cargo no Ministério Público do Distrito Federal.

Assim, recebeu várias promoções, por merecimento, até chegar ao cargo de Procurador-Geral da Justiça do D.F. e dos Territórios, em 1985; cargo este, de confiança dos Excelentíssimos Senhores Presidente da República e Ministro de Estado da Justiça.

mayanna

Por decreto do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, de 09.02.87, foi nomeado Desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal na vaga decorrente da aposentadoria do Desem-

Fundo Casa de Cultura/NGP/A001/GAV03/Cád.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

bargador Helladio Toledo Monteiro, destinada ao Ministério Público; publicado D.O.U. de 10.02.87. Posse e exercício em 09.03.87.

Escolhido em Sessão Administrativa Ordinária como Suplente do Vice-Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal em 03.07.90

Lecionou História do Brasil e Geral, Organização Política e Social e Português, no Ginásio de Jequeri-MG, enquanto Promotor naquela Comarca.

Direito Processual Penal na Escola de Polícia do Distrito Federal 1980.

Vários trabalhos publicados na Revista do Conselho Penitenciário do Distrito Federal, notadamente pareceres e votos.

Conferência proferida na Academia Nacional de Polícia, sobre o penitenciarismo, após o advento da Lei nº 7.210/84 publicada na Revista do Ministério Público, nº 1.

Participou da Comissão Encarregada da Revisão do Sistema Prisional do Distrito Federal, juntamente com a "Comissão Theotônio Vilela."

[signature]

Joaquim de Morais Brochado

Filho do casal Joaquim Pinto Brochado e Margarida Morais Brochado, nasceu no dia 09 de fevereiro de 1884, na cidade de Unaí. Iniciou os seus estudos primários na sua terra natal, e ainda muito jovem, mas já com os olhos no futuro, procurou outros centros mais evoluídos. Seguiu para Juiz de Fora, onde, no Educandário "Granbery," concluiu com brilhantismo o curso ginasial. Mais tarde, transferiu-se para a capital Federal - Rio de Janeiro e, na Escola Nacional de Medicina, concluiu o curso como um dos melhores alunos da turma.

Defendeu a tese-denominada "Das Estenoses, adquiridas da Artéria Pulmonar", perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 25 de agosto de 1914 e obteve nota dez com louvor. Em virtude do acontecimento, conhecendo de perto a capacidade e a dedicação do ex-aluno, o Professor Miguel Couto, convidou-o para transferir-se para São Paulo, a fim de se especializar conhecendo as necessidades da população de Paracatu e do Arraial do Capim Branco, preferiu colocar os seus conhecimentos médicos em favor desses poucos favorecidos. E assim, naquele ano de 1914, chegava com sua esposa Dona Maria Botelho Brochado e a filha Helena, na cidade de Paracatu (terra natal de sua

esposa), fixando aqui a sua residência definitiva. Desde então, atendeu às populações dessas regiões; (inclusive dos Municípios de João Pinheiro, Guarda-Mor e Vazante) com dedicação e amizade. Viajava por toda região, a cavalo, atendendo a quantos o chamassem. Debaixo de chuva ou debaixo de Sol, sempre no cumprimento de seu ofício. Manteve, por muitos anos, relações amistosas com os políticos de evidência na época, a saber: com o imortal Presidente Juscelino Kubischek de Oliveira, com o Governador Benedito Valadares, com o Senador Melo Viana, com o Governador Bias Fortes, (com quem mantinha uma relação íntima de amizade).

Em 1973, a Associação Médica de Minas Gerais, fazendo justiça à sua vida, conferiu ao mesmo o Diploma de Honra ao Mérito por haver completado 50 anos de exercício profissional.

Faleceu, após prolongada enfermidade (que tirou-lhe a visão), com 95 anos, em 19 de outubro de 1979, faleceu rodeado por seus familiares e grande número de pessoas amigas!

Martha Brochado Adjuto
Lygia B. Brochado
Maria Aerto Roquete

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

José Israel Vargas

José Israel Vargas, foi eleito presidente do Conselho Executivo da Unesco-Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura em 23 de novembro de 1987, e ao término de mandato, em dezembro de 1989, os 160 países membros da UNESCO aprovaram, por unanimidade resolução submetida à assembléia geral "exprimindo reconhecimento e profunda gratidão ao Prof. José Israel Vargas pelos resultados positivos de seu mandato, permitindo que a Organização recuperasse prestígio internacional e capacidade de atuação."

Mineiro de Paracatu, onde nasceu em 09 de janeiro de 1928, José Israel Vargas, filho de João Vargas e dona Violeta Sóter Vargas, iniciou os estudos na terra natal, tendo frequentado o curso Anexo à Escola Normal Oficial de Paracatu. Fez o curso secundário nos colégios Arnaldo e Marconi, de Belo Horizonte.

Dono de um currículo que inclui uma sólida formação profissional, obtida na América do Sul e na Europa, mais especificamente os cursos de pós-graduação em Mecânica Analítica e Estatística pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, Teoria dos Sólidos no Instituto de Tecnologia da Aeronáutica; Teoria das Ligações Químicas, na Faculdade de Filosofia da USP;

Radioquímica, na Universidade de Concepcion, no Chile, e Doutorado na Universidade de Cambridge (Inglaterra), com a defesa da tese The Annealing Reactions of Irradiated Chromates, que seguiram à sua graduação em Química, pela Universidade de Minas Gerais, em 1952.

Em Minas, especificamente, mereceram destaque as suas atuações à frente da Fundação João Pinheiro, da Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais _ CETEC _ do Grupo Executivo de Ciências e Tecnologia de Minas Gerais, da qual foi o primeiro titular. Elegeu-se membro do Conselho Executivo da UNESCO, na abertura da 114ª Sessão do Conselho, realizada a 5 de maio de 1982, em Paris, representando o Brasil, por indicação do ex-presidente João Batista Figueiredo. É também vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências; Presidente da Comissão de Avaliação do Programa Nuclear Brasileiro e prof. titular do Centro de Pesquisas Físicas do Rio de Janeiro.

Os seus trabalhos, na maioria são escritos e publicados em inglês pelo seu elevado teor científico.

Atualmente, José Israel Vargas é Ministro das Ciências e Tecnologia do Governo Itamar Franco.

Irene Vargas Renaqua

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

José da Silva Neiva Netto

José da Silva Neiva Netto, Doutor José, médico e professor, nasceu em Paracatu no dia 03 de dezembro de 1901, filho de João Chrisóstomo da Silva Neiva (Vão), e de Antonieta Rodrigues Neiva (Nenzinha). Aqui estudou as primeiras letras, até transferir-se para Passos e depois para Uberaba, aonde concluiu os estudos primários.

Aí pelos idos de 1928 formou-se em medicina na Escola Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, recebendo o título de Doutor, com a defesa de tese sobre o esterno. Já no exercício da medicina, permaneceu algum tempo no Rio de Janeiro, período em que serviu como médico de bordo junto à Marinha Mercante Brasileira.

Em 1932 assumiu a direção do Hospital Regional de Pirapora, cargo para o qual foi designado pelo Presidente da República, onde permaneceu até 1934. Casou-se, em 34, com Alice Cordeiro.

Depois de breve passagem por Paracatu, sua terra natal, internou-se no interior de Goiás: primeiro em Santa Luzia de Goiás, hoje Luziânia, depois em Pouso Alto, hoje Piracanjuba. Nesta última cidade, onde nasceram seus quatro filhos, permaneceu até 1947.

Retornando finalmente a Paracatu, aqui exerceu a medicina e magistério por longos anos: como clínico geral e diretor dos Postos de Puericultura e de Higiene; como Professor da Escola Normal Antônio Carlos _ por

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

por cuja direção foi responsável no início dos anos 50, como médico da Cooperativa dos Funcionários do DER, até 1985.
Com a morte de sua esposa em 1985, 51 anos depois de seu casamento, mudou-se para Brasília, aonde veio a falecer, em 1991, aos 89 anos de idade.
Da medicina e do magistério, fez sacerdócio. Médico e professor por vocação, dedicou ao exercício de suas atividades tanto a modestia de suas ambições quanto as utopias de seu espírito sempre voltado para os outros.
Paracatuense de nascimento e de coração, devotou-se à sua cidade e seu povo, aqui e alhures, servindo com dignidade, durante 57 anos, à profissão que escolheu.

Jorge Cordeiro Neiva
Jorce Cordeiro Neiva Aguiar
[illegible]

Jorge Vargas

Filho de Quintino Vargas e Maria Sóter Vargas, nasceu em Paracatu em 28 de janeiro de 1926. Casado com Maria Helena Coutinho Vargas e pai de oito filhos.
Cursou o primário em Paracatu - Grupo Escolar Afonso Arinos e Classes Anexas à Escola Normal Antônio Carlos - e o Ginásio, iniciou em Patrocínio indo terminá-lo em Belo Horizonte, no Colégio Arnaldo. Fez o Curso Complementar no Colégio Afonso Arinos, em Belo Horizonte e formou-se em Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da UFMG, em 1953.
Iniciou sua carreira como Advogado Autônomo, em Belo Horizonte, tendo, antes disso, sido Secretário Parlamentar do Deputado Quintino Vargas e Assessor Parlamentar do Deputado José Vargas da Silva, também em Belo Horizonte.
Em 1963, elegeu-se Deputado Estadual em Minas Gerais, em duas legislaturas (de 1963 a 1971). Tornou-se líder da União Democrática Nacional, na Assembléia Legislativa de Minas Gerais, até 1964. Depois, tornou-se Membro do Diretório Estadual da União Democrática Nacional, em Minas Gerais, até sua extinção.
Já em 1965, foi Presidente da Comissão

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

de Construção do Palácio Inconfidência sede da Assembléia Legislativa de Minas Gerais (até 1966). Elegeu-se, também, Vice-Líder e Líder do Governo na Assembléia Legislativa de Minas Gerais, tornando-se Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais. Em 1971 elegeu-se Deputado Federal pelo Estado de Minas Gerais em quatro legislaturas consecutivas, 1971 a 1987.
Em 1972, foi Relator do Projeto de Lei que criou a Empresa Brasileira da Infra-Estrutura Aeroportuária - INFRAERO.
Em 1987, foi nomeado, pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República, com aprovação do Senado Federal, Ministro do Egrégio Tribunal de Contas da União, tendo tomado posse aos 02.09.1987.
Possui diversos trabalhos publicados, dentre eles: "O Rio São Francisco e o Desenvolvimento Nacional" (1972); "Distensão Política" "O Brasil em face do Petróleo e de Outras Fontes de Energia", e "O Fosfato de Patos de Minas e uma nova Política de Desenvolvimento" (1975); "A Industrialização do Fosfato em Patos de Minas" e "Estatização e Desestatização" (1977). "Do as Promessas à Realidade" (1981); e "O Rio São Francisco e suas Potencialidades" (1985).

Maria de Fátima Vargas da Costa
Teresa Raquel Vargas - Irene Vargas Romagna

Josino da Silva Neiva

Josino da Silva Neiva nasceu em Paracatu - MG. a 15 de fevereiro de 1875. Foram seus pais Antonio da Silva Neiva e Maria Araújo Silva. Casou-se em primeiras núpcias com Mariana da Silva Neiva com quem teve um filho: Benedito e, em segunda núpcias com Elvira Rodrigues Neiva com quem teve 6 filhos. Faleceu em Paracatu em 04 de agosto de 1962.

Realizou-se seus estudos primários na Escola Isolada do Prof. Caldeira Brant e o Curso de Normalista na Escola Normal de Paracatu, onde se diplomou em 19/12/1896, tendo como único colega de formatura Dr. Leovegildo de Paula Souza, advogado em Goiás.

Foi professor primário e diretor nos Grupos Escolares de Paracatu, de Sacramento e de Miraí. Em 1934 aposentou-se em Miraí, após 36 anos de exercício no Magistério.

Como jornalista, colaborou com os seguintes jornais da época: O Paracatu, O Lar Católico, Gazetinha Popular, O Operário, Gazeta de Sacramento, Correio Católico de Uberaba, O Município, A Folha do Povo, O Miraí.

Como membro do Grêmio Dr. Pedro Salazar foi teatrólogo.

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Entretanto, seu grande mérito foi o de ser auto-didata.
Modesto, mas com toda autenticidade, sem títulos de doutor, foi grande homem. Colocava sua inteligência a serviço da educação, do povo humilde, com nobreza, lealdade e idealismo.
O amor à Deus e à Pátria estavam acima de qualquer consideração. Foi um grande educador paracatuense, responsável pela formação cultural dos primeiros grandes homens que dignificaram o nome da cidade.
Como legado seu existe uma coleção de discursos escritos para todas as datas cívicas, dirigidos às crianças e jovens sobretudo, escortando-os ao amor à Pátria. São páginas literárias de imenso valor cultural - elas comprovam o seu dom da oratória e um profundo conhecimento da História do Brasil, sua Geografia e da Língua Portuguesa. Percebe-se em todas elas o orgulho de ser brasileiro.
O Professor Josino Neiva fez do magistério um sacerdócio, no altar colocou também sua Pátria - e neste sacerdócio ele diferenciou os caminhos de sua vida.

Coraci da Silva Neiva Batista.

[signatures]

Lavoisier Wagner Albernaz

Primogênito entre oito filhos de Benedita Albernaz dos Santos (Fiota), casada com Armando dos Santos. Lavoisier Wagner Albernaz nasceu em Paracatu, em 12 de dezembro de 1947.
Estudou no Grupo Escolar Afonso Arinos, depois na Escola Agrotécnica de Brasília. Volta a Paracatu e conclui o antigo curso ginasial na Escola Estadual Antônio Carlos. Em Brasília, outra vez, conclui o segundo grau escolar e, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas licencia-se em Letras. É professor de português na E.E. Antônio Carlos de Paracatu.
Ao campo literário associa as artes plásticas e teatrais e participa de todos os movimentos culturais de sua terra.
Publicou o livro de poesia **Viagem Absoluta** que, nas palavras de Alvaro Campos, "é uma viagem às origens, ao passado, à beleza das coisas simples e o viajar se compraz na contemplação universal da poesia."
A sua poesia é muito impregnada da paisagem e dos costumes de Paracatu. Há muito cheiro de terra,

de coisas simples da vida, aspectos humanos, demasiadamente humanos.

Em 1992 produziu o "Morro do Ouro: Ambição e agonia" sendo responsável também pelo roteiro, figurino e direção do filme, cujo elenco foi escolhido dentre os habitantes da cidade.

Atualmente Lavoisier Albernaz pesquisa o folclore do Município, pretendendo lançar em breve, um trabalho sobre o assunto.

Lavoisier Wagner Albernaz

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Maria Conceição Adjuto Botelho

Em 29 de maio de 1892, na cidade de Paracatu, nascia Maria Conceição Adjuto Botelho filha de Francisco Garcia Adjuto e de Alexandrina Loureiro Adjuto.

Uma autodidata completa, pois recebera apenas a instrução primária. Casou-se muito jovem, com o fazendeiro Francisco Botelho.

As suas atividades juvenis foram de representar no teatro de Pedro Salazar. E, através dele, despertou-se para as especulações filosóficas. Referindo-se a um ginásio improvisado pelo Dr. Salazar, é a própria Maria Conceição quem fala:

"Foi aí que pela primeira vez entrei em contato com a filosofia. Menina cheia de inquietação, insatisfeita com a ordem do mundo, tinha sede de conhecimento e com avidez me aproximei da filosofia. Filosofia clássica, racional era a que se ministrava. Sendo coisa bem rara a vocação filosófica, ele se animava com o meu progresso e não perdia ocasião de me tecer elogios."

Além de Pedro Salazar, também o prof. Júlio Roquete e Dr. Sérgio Ulhoa despertaram na para o mundo filosófico.

Depois em 1930, com a chegada do Dr. Queiroz de Lima, que torna-se diretor da Escola Normal Oficial Maria

Conceição trava nova amizade e fica assim a par dos movimentos inovadores da intelectualidade da época. Daí em diante, passa a ler e estudar com afinco sobre as diversas correntes filosóficas. E, como resultado de seus estudos, escreveu **Amenizemos a Vida**, publicado em 1934. Um ensaio filosófico considerado pela autora uma tentativa de assimilação das diversas leituras feitas. No entanto, ela admite conceitos de grande atualidade como este sobre a mulher. "Emancipada, a mulher proverá a sua subsistência com seu próprio trabalho, não se levando à tragédia do casamento sem amor. Emancipada, escutará somente as vozes de seu coração, já que com o seu trabalho tem a existência garantida e não se descerá a artigo de comércio com tarifas e regulamentos do mais baixo nível de degradação e que pode cair a criatura humana". (p. 31) Além desse livro, em 1961 publicou Reforma da Filosofia. Dentre seus filhos devem-se destacar Pedro de Botelho, no campo da filosofia, com repercussão nacional. E na poesia, Branca e Beatriz.

Faleceu em sua cidade natal em 15 de maio de 1977.

Francisca Solano Mota Botelho

Fundo Casa de Cultura/NGP/ADDI/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Olímpio Gonzaga

Olímpio Gonzaga nasceu em 21 de julho de 1877. Filho do tabelião Euzébio Michael Gonzaga e de D. Joana Lopes de Trindade.

Homem inquieto, após os estudos elementares e concluído o curso de normalista pela Escola Normal de Paracatu, iniciou a vida profissional como professor público primário da cadeira do sexo masculino do Distrito do Rio Preto, em Capim Branco (Unaí), em 01 de maio de 1900. À frente dessa regência permaneceu até 1912.

Nesse período como professor, nos instantes de folga, passou a dedicar-se à pesquisa histórica de Paracatu. Em 1910, às suas expensas, publicou o livro **Memória Histórica de Paracatu**, que o faria conhecido. Sempre procurou manter contato com as revistas especializadas e com historiadores da época.

Vale ressaltar, com justiça e exatidão, que Olímpio Gonzaga foi o pioneiro na compilação da história paracatuense, marcando época na própria historiografia mineira.

Outros livros escrevera Olímpio Gonzaga, mas, infelismente não

vieram à lume. Capítulos ficaram esparsos em jornais de Paracatu e da região. Dedicou-se ainda à genealogia, alguns estudos publicados em revistas especializadas. Dedicou-se também ao folclore, escrevendo Lendas do Brasil Central (ninguém sabe de seu destino)

Uma vez abandonado o magistério, já como Tenente Quartel Mestre da Guarda Nacional, desde 1910, fixou residência em Paracatu, como Contador, Partidor e Distribuidor da comarca (1913-1920) estabeleceu-se com comércio de armarinhos, secos e molhados, atelier fotográfico e como concessionários da Ford.

Foi nomeado Escrivão da Coletoria Federal de Paracatu (1933-1940), posteriormente, Coletor Federal, cargo em que se aposentou. Veio a falecer em 6 de dezembro de 1948, deixando viúva Laura de Sá Guimarães, sem descendência.

Leonina Gonzaga Pereira

[illegible]

Quintino Vargas Martins Ferreira

Walter Silva [illegible]

Pero Adjuto Botelho

Pero Adjuto Botelho, como assinava em seus trabalhos filosóficos, nasceu a 09 de março de 1920, em Paracatu. Era filho do fazendeiro Francisco Botelho e da filósofa Maria Conceição Adjuto Botelho (Dondona).

Fez o curso primário na fazenda de seus pais, tendo sua mãe como professora. Em Patrocínio, no D. Lustosa, iniciou o curso secundário, concluindo-o em Belo Horizonte, no Colégio Afonso Arinos. O curso superior foi feito na Escola de Sociologia Política da Universidade de São Paulo. Através de bolsa de estudos Fundação Rockfeller, em 1946, parte para o México e aí permanece até 1950, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autônoma de México. Realiza curso de especialização, aperfeiçoamento e doutorado, sob direção de José Gaos, ainda no México, dedicando-se às pesquisas na filosofia grega.

Um dos seus principais trabalhos de pesquisa, no México, foi acerca da natureza especial de Philis que atribuiram os gregos à Sophia e que funda, em estilo grego e ocidental, a filosofia. Trata-se de uma contribuição à fenomenologia do saber filosófico.

• Regressou ao Brasil, em 1950, como

Fundo Casa de Cultura/NGP/ADDI/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

prof. de Lógica, introdução à filosofia e didática da filosofia da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Deixou publicados, além de grande número de artigos em revistas e suplementos especializados, os livros tratado da mente grega; Três Fragmentos; O Intelectual e o Político; Poética; Ontologia da Obra de Arte. Inéditos ficaram: Tratado do Saber, Filosófico; Engenho e Arte; Antropologia: Dianóia; A Obra de Arte.

Faleceu, repentinamente, em Madri (Espanha), onde realizava trabalhos de pesquisa, em 08 de janeiro de 1971. Seu corpo foi transladado para o Brasil e recebeu sepultura em sua terra natal, sob a consternação dos familiares e de todos os conterrâneos.

Francisco Solano Motta Botelho

Quintino Vargas

Quintino Vargas nasceu a 31 de outubro de 1891, no município de Paraopeba (M.G.), na fazenda São Sebastião, de onde se transferiu logo após, em companhia de seus pais Jorge Fernandes Vargas e Vitalina Correa Vargas, para a sesmaria do Monteiro - distrito de Santo Antônio da Lagoa, atual Cordisburgo. Aí frequentou a escola, onde fez parte do curso primário na escola de Candido Pereira de Souza. Até 18 anos, trabalhou com sua família na lavoura e como ajudante de tropeiro, atividade exercida por seu pai.

Em 1910, transfere-se para Pirapora, região de novos impulsos econômicos, proporcionados pela chegada dos trilhos da Central do Brasil e pela navegação do Rio São Francisco.

Após longa experiência no comércio fluvial, estabelece-se em Paracatu, voltando a trabalhar com tropas até adquirir um estabelecimento comercial fixo. Casa-se com Maria Sóter Gonzaga em 1919.

Na sua visão de seus contemporâneos, sua maior e constante preocupação era "o progresso". Foi o precursor da navegação no Rio Paracatu, organizando entre 1918 e 1920 uma companhia de navegação ligando a cidade de Paracatu ao porto de Pirapora no Rio São Francisco.

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Continuou em Paracatu, como comerciante e fazendeiro, já demonstrando aí sua liderança política na região, quando surge no país a questão da sucessão presidencial do Governo da República, ocupado por Washington Luís.

As crises econômicas e políticas ocorridas no decorrer dos anos 20, unidas à questão sucessória levam o país à Revolução de Outubro de 1930. Assim se apresenta Quintino Vargas ao Comando do Estado Maior Revolucionário, sendo apresentado por seu irmão o Coronel José Vargas da Silva, Assistente Militar do Secretário do Interior, que compunha o quadro dirigente da Revolução.

Voltando a Paracatu, foi recebido entusiasticamente pelo povo, onde retorna suas antigas atividades. Com a vitória da revolução é indicado como candidato à Prefeitura de Paracatu, sendo de imediato nomeado pelo Presidente Olegário Maciel. Eleito vereador em 1936, e já posicionado contra o governo Vargas, foi vítima de perseguição política tendo, devido às pressões que se retirar de Paracatu.

No auge de sua carreira política, quando buscava a consolidação de suas propostas, idéias e trabalho, vem a todos a notícia de seu inesperado falecimento, a 19 de agosto de 1949.

Neuo Vargas Roncaqua

Quintino Vargas Martins Ferreira

Maria de ... Vargas da Costa

Romero Lepesqueur

Nascido em Paracatu, a 23 de abril de 1928, filho mais velho entre 4 irmãos. Seus pais, Gastão e Dilênia Lepesqueur, viveram sempre em Paracatu como fazendeiros. Casou-se com a Sra Toyoko Ohtani Lepesqueur,

Iniciou os estudos no Grupo Escolar Afonso Arinos, o ginásio foi feito em Uberaba MG. com os Irmãos Marista (Colégio Diocesano) e em São João-del-Rei com os padres Franciscanos (Colégio Sto Antônio), ao longo dos anos de 1939 a 1945.

Prestou seu 1º concurso público em 1946, ingressando, como 1º colocado, na Escola Preparatória de Cadetes do Exército, então em São Paulo-S.P (hoje em Campinas S.P). Aí adquiriu as condições de ser promovido a cadete da Escola Militar de Resende (hoje AMAN), em Resende-RJ.

Em 1948 foi declarado Aspirante-a-Oficial, situando-se em 1º lugar na Arma de Artilharia.

Ao longo de 48 anos, exerceu sempre funções exclusivamente militares, entre as quais:

Instrutor do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Curitiba, como tenente e capitão.

Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

Oficial de Estado-Maior da Brigada Latino-

Americana da Força Interamericana de Paz, durante a intervenção da Organização dos Estados Americanos (OEA) na República Dominicana.
Redator da Military Review, publicação militar da Escola de Estado-Maior do Exército Norte-Americano, em Fort Leavenworth - EUA.
Assistente do Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército.
Chefe do Gabinete da Diretoria de Processamento de Dados do Ministério do Exército.
Chefe da Divisão, na Escola Superior de Guerra.
1º Diretor da Auditoria do Exército.
1º Diretor do Centro de Avaliações do Exército, tendo organizado e instalado esses dois Órgãos:
Cmt da 8ª Região Militar (Belém-PA)
Vice-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas - EMFA.
Secretário de Ciência e Tecnologia do Exército durante mais de 3 anos.
Cmt Militar do Leste, com jurisdição sobre os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.

Maria Letícia L. Cordeiro
Wander Cordeiro

Fundo Casa de Cultura/NUP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Sérgio Gonçalves Ulhôa

Nascido a 9 de setembro de 1866, na cidade de Paracatu, aqui faleceu a 19 de julho de 1939. Foram seus pais:
- Romualdo Gonçalves de Andrade e D. Francelina Pimentel de Ulhoa. Casou-se Dr Sérgio Ulhoa em Paracatu com D. Estefânia Vilela de Ulhoa, tendo vários filhos: José, Para, Maria, Chiquita, Maria Madalena, Adelino e Cândido. Formou-se em medicina no ano de 1890, pela Faculdade do Rio de Janeiro.

Voltou, então, para sua terra natal, onde exerceu sua nobre profissão até os últimos anos de vida, como um verdadeiro sacerdócio, atendendo a todos com dedicação, sem visar pagamento, desejando apenas curar as doenças ou pelo menos aliviar as dores de seus semelhantes. Para isso, viajava a cavalo por todo o município de Paracatu, o mais vasto de Minas, naquela ocasião. Foi professor de Ciências na antiga Escola Normal de Paracatu, tendo lutado pela criação do primeiro grupo escolar de nossa cidade.

Atividades Profissionais: Destacou-se no magistério, como político, foi vereador e pesquisador.

Atividade Científica. Defendeu tese sobre o uso de fórceps.

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Virgílio Rodrigues Bijos

Nasceu a 15 de dezembro de 1914. Na rua Sacramento; hoje, rua Eduardo Pimentel.

Fez o curso primário no Grupo Escolar Afonso Arinos

Aprendeu o ofício de padeiro e exerceu a profissão a vida toda.

Casou-se com Dona Odete de Souza Gonçalves e tiveram 14 filhos

Sempre lutou pela Cultura Paracatuense, conseguindo uma biblioteca para a cidade.

Quando vereador lutou pela regulamentação de uma lei para fundação de um museu histórico para a cidade.

Cidadão ímpar, combatente e defensor intransigente da causa pública e dos direitos da cidadania.

Não media esforços para praticar a caridade. E ainda estudava Botânica e a agricultura.

Foi Diretor-Presidente do Centro Cristo Redentor.

Era um incansável defensor dos menos favorecidos.

Faleceu em 05 de novembro de 1989.

Horacio R. Bijos

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Luiza Rocha

Luiza Rocha nasceu em Paracatu em 12 de junho de 1920, filha de Temístocles Rocha e Isabel Rocha. Fez o curso primário na Escola Estadual Afonso Arinos, o curso de adaptação e curso normal na Escola Normal Oficial Antônio Carlos de Paracatu, tendo recebido o diploma de normalista em 30 de dezembro de 1938. Acompanhando a sua caderneta escolar, que entre outras observações sobre vocação constou o seguinte: "poucas alunas têm certamente revelado aptdões equivalentes à Luiza Rocha."
Durante seus estudos dedicava parte de seu tempo ajudando o pai no comércio, de quem recebeu as melhores lições sobre a "arte de negociar" dentro dos ditames da honestidade. Trazia consigo o ideal de continuar seus estudos, entretanto reconhecia a necessidade de colaborar com seu pai na batalha que sempre enfrentou como fazendeiro, político proprietário e comerciante. Optou então pelo comércio onde iniciou o seu árduo trabalho em 1939, procurando sempre ao lado de seus familiares dinamizar a firma que hoje é orgulho em Paracatu.
A empresária Luiza Rocha através de uma administração cristã faz com que todos participem dos lucros da Empresa. Sua personalidade é sempre marcada pelo ideal de servir sua terra e sua gente.

Em 1962 atendendo pedido de seu pai candi-
datou-se ao cargo de vereadora, tendo sido
a primeira mulher paracatuense a ocupar
tão nobre cargo. Nesta época em que as
mulheres aceitavam sem contestação que
"política é negócio de homem" Luiza Rocha des-
pontou como a vereadora mais ativa de
que já se teve notícia. Durante o seu mandato
foi secretária e presidente da Câmara Municipal.
Sua atuação política se fez presente no setor
educacional quando:
junto ao governador do Estado Dr. José de
Magalhães Pinto e do Deputado Estadual Dr.
Jorge Vargas conseguiu a criação e construção
da Escola Estadual Temístocles Rocha, a construção
do prédio da Escola Estadual Dr. Sérgio Ulhôa,
da Escola Estadual Júlia Camargos, da refor-
ma da Escola Estadual Afonso Arinos e
Escola Antônio Carlos; da criação das Escolas
Combinadas Anexas ao Orfanato São José.
Junto à comunidade destaca sua colaboração
à Congregação das Irmãs Carmelitas desde
sua chegada a nossa cidade até a construção
de uma das maiores obras que engrandece
a nossa terra o Colégio Dom Elizeu. Notória
é sua atuação quando assume a reforma
e ampliações das dependências do Asilo
de São Vicente de Paula que se encontrava
em ruínas. Com apoio de toda comuni-
dade e dos vicentinos foi aquele asilo
transformado em moderna construção
que vem prestando maior conforto aos
que ali residem.
Em 1989 completou 50 anos de trabalhos
junto à Empresa Rocha e Cia Ltda recebendo,
na oportunidade da Associação Comercial
e Industrial de Paracatu através de sua
Diretoria justa homenagem.
Luiza Rocha dotada de espírito forte
sustenta os valores familiares pelo exemplo
de dedicação amor e fraternidade cristã.
É o elo que mantém a família unida.
O amor de Luiza Rocha se concretiza
pelas suas obras pois em cada canto
de Paracatu sua presença se faz através
de seu amor e de sua doação total
em favor dos seus semelhantes e do
progresso de Paracatu.
Com simplicidade procura em todos os
aspectos servir e sentir a extensão e
profundeza do grande ensinamento "**Há mais alegria em dar que em receber**".
Quando procurada dispensa todo seu
calor humano com uma palavra e
com um gesto de encorajamento
"**Conte Comigo**", demonstrando desta forma
a vivência maior do Evangelho que é
amar a Deus e ao próximo. Sua fé
se revela através das obras que edifica.

Luiza Rocha
x Beatriz Rocha
x Conceição Rocha
M. Isabel Rocha

Fundo Casa de Cultura/NCP/ADDI/GAVOS/C.Cod.../Acervo Arquivo Público de Paracatu

Anita Lopes Rocha
Teresa Botelho
Rita de Cássia Lopes Rocha
José Fernandes · Rádio Juriti
Maria José de Sá Rocha
Ana Lúcia Francisco Pires
Maria Trindade Oliveira
Ernestina Mendes Borges
Alcir Eclair Porto Lopes
[illegible]
Gilberto Batista Diniz
[illegible]
Joaquim André Lobianto

Biógrafa - D. Carmem Brochado Costa
Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles

…/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Marta Brochado Adjuto

É filha de Dr Joaquim Brochado e D. Maria Botelho. Nasceu em Paracatu onde fez os seus primeiros estudos na Escolinha de D. Júlia Camargos, no Grupo Escolar Afonso Arinos e na Escola Normal Antônio Carlos, transferindo-se mais tarde para Belo Horizonte, onde recebeu o diploma de Normalista no Colégio Sacré-Coeur de Marie. Retornando a Paracatu, lecionou por vários anos atividades ligadas a trabalhos manuais e modelagem, disciplina esta que mais tarde se transformou em "Artes Plásticas" e Economia Doméstica", onde permaneceu até se aposentar.

Desde muito cedo se revelou uma criança corajosa, irriquieta e curiosa. Na fazenda de seu pai, onde passavam as férias, ela liderava o grupo de amigos e colegas que sempre a acompanhavam nestas temporadas. Era a primeira que montava nos cavalos sem procurar saber se eram mansos ou não, tinha sorte pois não me lembro de nenhuma queda grave que tenha levado de algum deles. Chefiava também o grupo para a natação saltando dos altos barrancos que se erguiam dos córregos da fazenda. Gostava de conviver com os vizinhos amigos de seu pai de quem recebeu exemplo de amor e dedicação aos pobres, ao exercer a profissão de médico. Com ele, aprendeu muitas coisas, inclusive as primeiras noções de enfermagem acompanhando-o muitas vezes nos atendimentos a domicílio, quando era solicitado.

Revelou sempre muita curiosidade ao selecionar as amostras-grátis dos remédios que vinham dos laboratórios e que ficavam separados para serem levados aos pobres. Analisava minuciosamente as bulas dos mesmos e orientava os

Fundo Casa da Cultura/NGB/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

doentes nas maneiras de usá-los. O resultado foi sempre positivo e isto a empolgava na sua função de pequena charlatã. Este hábito a acompanhou pela vida afora.

Em 19 de outubro de 1942 casou-se com o Dr Almir Alaor Porto Adjuto, jovem e inteligente advogado que sempre participou ativamente da vida social e política desta cidade, tendo sido o seu companheiro e amigo de todas as horas. Tiveram sete filhos e quis o destino premiá-la com um filho excepcional. Premiá-la sim, pois foi a partir deste que ela depois de lutar com todos os recursos da medicina, chegou a conclusão de que seu filho não estava só, que como ele existiam inúmeras crianças doentes e desamparadas que aguardavam uma mão amiga para reerguê-las. Foi aí que nasceu a APAE, inicialmente APARE - Associação Paracatuense de Amparo e Recuperação do Excepcional, hoje integrada ao movimento nacional com a denominação de APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

D. Martha, verificando o alto índice de pessoas necessitadas de educação especializada e como mãe de um excepcional, conhecendo as dificuldades que este tipo de família enfrenta, atirou-se à tarefa de criar e manter a associação.

A Entidade foi fundada em 1977, inicialmente com pequeno número de alunos e hoje já conta com 210 matriculados.

Nos momentos de folga D. Martha dedicava-se a assistir aos que necessitam de uma mão amiga, levando conforto aos que sofrem, encaminhando doentes à médicos locais ou para Brasília e Belo Horizonte, orientando procedimentos para aposentadoria, atuando-se em campanhas de distribuição de agasalho e alimentos, procurando minimizar injustiças sociais. Além disto ela é presença constante e marcante nos momentos festivos ou dolorosos de parentes e amigos, que são muitos.

Assim é D. Martha, incansável, determinada, guerreira, que apesar dos cabelos brancos continua sendo uma presença jovem e bonita.

Martha Brochado Adjuto
Almir Alaor Porto Adjuto
[illegible]
Mauro Brochado [illegible]
Lucia Brochado Botelho
Carmen Brochado [illegible]
João [illegible]
Aijara Aguiar Adjuto
Érika F. Adjuto
Izabella F. Adjuto
[illegible]
Frederico Ulhoa Adjuto
Lourenço Aguiar Adjuto
Alexandre Ulhoa Adjuto
Maria Costa Brochado
Magda Faria Adjuto
Maria Aparecida A. Adjuto
Clélia Ulhoa
[illegible]
[illegible] B. [illegible]
Marlene Ulhoa Adjuto
Pedro Aguiar Adjuto
Mariana Ulhoa Adjuto

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Antônio Pedro Caxito

O primeiro filho da Prelazia de Paracatu a tornar-se sacerdote nasceu em São Romão M.G. ao 31 dias de dezembro de 1926. Filho do casal Joaquim D'Abadia Caxito e Mª da Ascenção Caxito, sendo o quinto filho dentre quatorze irmãos.

Ingressou na Ordem do Carmo dia 22 de janeiro em 1944. Realizou seus estudos eclesiásticos em São Paulo onde foi ordenado dia 11 de dezembro de 1949 por Dom Elizeu Van de Weijer que era Bispo Prelado de Paracatu.

Lecionou no Seminário Maior da Ordem Carmelita em São Paulo, no Seminário Menor de Itu prior e mestre de noviços em Mogi das Cruzes.

Chegou a Paracatu em 6 de junho de 1965. Foi prior do Convento das irmãs Carmelitas de Paracatu e foi nomeado vigário poucos dias após a morte de Dom Elizeu.

Frei Pedro chegou pequenininho aqui em Paracatu e foi se instalando no coração de cada um. Foi conquistando a amizade a confiança e o amor do povo desta cidade e de toda a vizinhança. Por todos é conhecido como amigo, o protetor espiritual, o santo do confessionário.

Enquanto vigário da paróquia teve um zelo especial com a guarda do patrimônio histórico, artístico e cultural de Paracatu.

Frei Pedro, o padre santo, o padre amigo foi se envolvendo de tal modo nas comunidades de Paracatu e Diocese com seu espírito de amor, de confiança, de esperança tudo isso envolvido

por uma película de humanidade (humildade).

Dedicou-se também a educação sendo professor de Filosofia e História da Educação na E. E. Antônio Carlos no curso de formação de Professores.

Com seu carisma não só ensinou mas também conquistou a confiança e o respeito de seus educandos.

Atendendo aos imperativos de sua vocação e cumprindo os deveres de sua missão ele viu nascer, batizou e acolheu mais de quatro gerações da família paracatuense.

A 13 de maio de 1983 a Câmara Municipal desta cidade concedeu o título de cidadão Benemérito de Paracatu a Frei Pedro Caxito. Ordem do Carmo.

Acontece que Frei Pedro vai além de um cumpridor de deveres exercendo as suas funções de sacerdote, acumulando o exercício de cidadania cristã às funções de conselheiro, de confessor, de compadre, de tio, de amigo. Permaneceu na Diocese de Paracatu até 1988. Regressando a São Paulo exerce o cargo de Conselheiro da Paróquia Carmelitana Santa Elias. Hoje, nossa história se engrandece ao laurear a nobre galeria de fotografias dos ilustres cidadãos paracatuenses e faz jus esta citação: Paracatu é de Frei Pedro e Frei Pedro é de Paracatu. 21/01/99

Frei Pedro Caxito Carm. – [illegible] Pereira – [illegible]
[illegible] – [illegible] Cardoso – Coraci da Silva – Neuza Batista
[illegible] – Maria das Graças Caitano Sales

Fundação Casa de Cultura/.../Acervo Arquivo Público de Paracatu

Luiz Gouveia Damasceno

(Luiz de Dario)

Luiz de Dario, na verdade Luiz de Darilo, pois esse era o verdadeiro nome de seu pai, casado com D. Rita Pereira Damasceno, nasceu em Paracatu em 06 de janeiro de 1914 e faleceu prematuramente em 16 de junho de 1958. Foi um dos baluartes da cultura negra de nosso município exercendo com afinco diversas atividades culturais e artísticas.

Homem sensível, pai de uma das maiores glórias paracatuenses o nosso **Dario Alegria**.

<u>Propagandista</u> - pioneiro na área de comunicação fazendo propaganda para o comércio com um megafone improvisado.

<u>Movimento Negro</u> - foi o fundador da primeira sociedade de negros e pessoas desfavorecidas - SOP. Sociedade Operária Paracatuense (Saca Rolha), tendo como companheiros de Diretoria José Gouveia Damasceno (Zé Pipoqueiro), Jacinta Pereira da Silva, Georgina Doceira e José Alves Meireles (Zé de Leno.)

<u>Carnavalesco</u> - criou o primeiro carnaval de rua em nossa cidade por volta de 1952 onde as pessoas desfilavam iluminadas pelo lampião de Seu Neco, pois nessa época não havia energia elétrica por estas bandas.

<u>Religioso</u> - era o leiloeiro oficial nas grandes festas do Divino e de São Benedito.

<u>Folclorista</u> - reviveu a Tapuiada criada pelo Padre Domingos, por três vezes na década de 50, merecendo vários registros e reportagens no jornal Estado de Minas.

<u>Líder Nato</u> - exercia forte liderança junto a comunidade, organizando festas famosas com seus com-

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

panheiros Zote André, Pé de Pato, Zé Pipoqueiro, Chico Banha, Nenem Rola, Paulo Turuna, Anísio Caldeira, Nezinho, Paulo Brochado, Antônio Chita, etc... Nestas festas, apesar das poucas posses Luiz sugeria a vestimenta dos homens e mulheres que capricharam nos trajes sempre de casimira e voal.

Comerciante - tinha na Praça do Santana o "Boca da onça" onde se vendia de tudo, desde fumo até a famosa cerveja Antártica de Ribeirão Preto, posteriormente foi proprietário da sorveteria Ponto Chic e do restaurante Califórnia.

Músico - por fim para completar tantas qualidades era um exímio músico tocando vários instrumentos mas principalmente a Sanfona e o Pé-de-Bode alegrando todos os paracatuenses e visitantes. Já acompanhou em seresta o presidente Juscelino Kubitschek e era sempre requisitado para tocar nas rádios das cidades vizinhas como Patos de Minas e Goiânia. De certa feita Paracatu recebeu a visita do rei do baião Luiz Gonzaga; este convidou nosso Luiz de Dario ao palco e lá travaram um delicioso desafio sob o aplauso da multidão. Encerrado o desafio sem vencido ou vencedor, Luiz de Dario tocou o Hino Nacional em um pé-de-bode de oito baixos nas costas o que o tornou vencedor do duelo para delírio do público. Impressionado o rei do baião convidou o nosso Luiz a seguir seus passos e tentar a sorte na carreira artística. Luiz não foi, aqui era seu lugar e aqui estava sua gente.

Pai de família exemplar - criou sua numerosa família com responsabilidade, todos paracatuenses de destaque: Dario músico fundador da escola de samba Acadêmicos de Dona Beija, jogador de futebol tendo atuado em várias seleções (mineira, paulista e brasileira) e clubes famosos como Flamengo, Palmeiras, América Mineiro e no exterior; Francisco, o Chico, advogado, também ex jogador de futebol. Amélia, enfermeira há trinta anos no Posto de Saúde do Alto do Córrego; Quincas também ex jogador do Cruzeiro e da seleção brasileira de Juniores; Luiz, o Lu, músico que herdou o talento musical do pai e mais Maria Eugênia, Benedita, a Fiita, Clarice e Suzana, a Catita, estas duas últimas professoras em Paracatu.

Luis de Dario com tantas qualidades de homem e aptidões artísticas foi a pessoa que lançou a semente de uma vida mais bela, mais fraterna e valorizou o negro em nossa cidade.

A família de Luiz Gouveia Damasceno (Luiz de Dario), carinhosamente agradece a todos os paracatuenses que sensibilizaram e reconheceram a trajetória de um homem que muito contribuiu para a Cultura Negra e o folclore da bicentenária Paracatu. 5/11/99

Benedita Damasceno Alves Suzana M de Oliveira
Damasceno
M. E. G. Damasceno Clarice Santos
José Damasceno [illegible] x Berlina F. Damasceno
Luiz Gouveia Damasceno Filho
[illegible] G. Damasceno
Ana Lúcia da Silva
Amélia Gouveia Galvão
Geraldina S. Silva

Biógrafo -
Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles

F... Cultura/N... A... /GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Romualdo Ulhoa Tomba

Aproveito a oportunidade para recordar um pouco sobre a pessoa do homenageado que foi um homem sensato, trabalhor dedicado à sua comunidade, caridoso, de caráter firme e humilde, traço essencial de sua personalidade que sempre procurou cultivar. Reconhecido como bom mediador era sempre procurado para aconselhar nos momentos difíceis, sobre assuntos públicos ou particulares. Amigo fiel, respeitado por correligionários e por adversários sempre soube atender a todos com justa atenção. Governou nossa cidade durante um período difícil, período de exceção em que o Brasil viveu sob a didatura do Estado Novo, em que o presidente Getúlio Vargas eliminou as prerrogativas democráticas e se instalou com plenos poderes no governo da União, além de ter enfrentado todas as dificuldades da Segunda Guerra Mundial (1939/1945). Essa situação não combinava com seu caráter de homem democrático, mas ele havia sido eleito pelo voto popular e tinha compromissos para com esse povo.

Os poderes de que foi investido poderiam propiciar a ele um enriquecimento ilícito, porém o que ele fez foi distribuir com justiça as oportunidades e trabalhar com afinco em busca do desenvolvimento da região. Bom exemplo disso foi o racionamento de gasolina ocorrido durante a Segunda Grande Guerra, quando o prefeito ficava encarregado de distribuir esse produto. Enquanto em algumas cidades os prefeitos se enriqueceram dando privilégios a alguns, em Paracatu a oportunidade foi oferecida a muitos, o que desagradou àqueles que gostariam de usar o poder público e a amizade para o benefício pessoal. Se nunca foi rico, ao terminar seu mandato se encontrava ainda mais pobre.

Suas principais obras:

1. Construiu a estrada ligando Paracatu ao porto ferroviário mais pró-

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

ximo que ficava em Patrocínio. Pode parecer muito comum hoje, mas quando pensamos que isso foi feito sem o auxílio de uma única máquina, tudo à mão, no cabo da enxada, na marreta e no serrote, percebemos a grandiosidade dessa obra essencial para o abastecimento da cidade e para o transporte de nossa produção;

2. Construiu a ponte sobre o ribeirão das Traíras;

3. Doou (de sua propriedade particular) o terreno do campo de aviação na Vargem do Moinho, inaugurou o aeroporto e foi um dos criadores do aeroclube de Paracatu que formou tantos pilotos para a cidade;

4. Criou a Biblioteca Pública Municipal com acervo composto por obras importantes para diversas áreas do conhecimento. Preocupar-se com a criação de uma biblioteca no sertão de Minas mostra um pouco das intenções do prefeito Tomba, mas para ele não bastava que tivéssemos livros, era necessário que fossem de qualidade e que pudessem servir a todos. A aquisição de livros foi feita com critério e com consulta a eminentes professores da Universidade Federal de Minas Gerais. Uma biblioteca não é um depósito de livros, mas uma extensão da comunidade onde as pessoas buscam novos saberes e novas relações com a vida, preocupar-se com isso significa buscar manter nossa fama de Atenas Mineira. E o que é uma cidade sem leitores e sem estudantes? Acredito que seja uma cidade fadada ao fracasso, pois não há progresso nem educação sem livros;

5. Criou uma pinacoteca com obras de importantes pintores como Guinhard, coisa comum apenas às grandes cidades;

6. Criou o posto agropecuário do Babão onde eram praticados os primeiros enxertos de plantas em Paracatu. Este posto teve grande importância para a agricultura da região e só desapareceu na década de 70.

7. Lutou pela preservação das pedras do calçamento de nossa cidade, o que marcou sua atuação política muito além de do seu mandato. No tempo em que a modernidade de Brasília ofuscou nossos dirigentes, defendeu ardorosamente a preservação de nossas ruas e becos de pedra. Essa modernidade chegou e destruiu muito de nossa beleza, da nossa identidade como cidade colonial e das nossas possibilidades de explorarmos, exibirmos e valorizarmos ainda hoje o trabalho escravo que ajudou a construir a Paracatu que temos hoje.

Quem o conheceu se refere a ele como político de reputação ilibada e homem de caráter reto, sempre capaz de brindar as pessoas com palavras de amizade, compreensão e tolerância.

Paracatu, 17 de novembro de 2000.

[assinatura]
Florival de Assis Ferreira – Repres. Conselho Sobrev. Fotografia
Maria das Graças C. [illegible] – Diretora Fundação M. C. Cultura
Helen Ulhôa Pimentel – Diretora de A. C. da F. M. C. C.
Graci da Silva Neiva Batista – Presidente Academia de Letras Noroeste de Minas
[illegible] – Promotora de Justiça
Adalia Ulhôa
Tereza Ulhôa Botelho
[assinatura]
Gláucia Ulhôa de Faria
[illegible] Ulhôa
Carlos [illegible] Ulhôa
[illegible] Pimentel – Presidente Rotary [illegible]
[illegible] Ulhôa
Mario Lucio Ulhôa
[illegible] Gonçalves Ulhôa
[illegible] Gonçalves Ulhôa
M. Aparecida U. de Faria
Andréa [illegible] Ulhôa – Lucas Ulhôa Santos – João Paulo Ulhôa Santos
[illegible] Andrade Ulhôa
Alexandre Romualdo Ulhôa
Ana Paula Andrade Ulhôa Faria

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

[illegible] p/ Adriles Ulhoa
[illegible]
Célia Serena Ulhoa
Leozy Ulhôa Brito
Horacio R. Brito
[illegible] Ulhoa
Fatima Aparecida dos Reis Ulhoa
Dulce Aparecida O. Calcado
Valéria Cláudia Kalavizzera Ulhoa
[illegible] Santiago V.
Claudirene [illegible] Correia
Maya Barreto O. Ulhôa
Rosimar Ulhôa Botelho
João Pires Filho (Fernando)
Francisco Solano Ulhôa Botelho
Rosileno Mayr O. Ulhoa
André Romualdo Ulhoa Tomba
FRANCISCO VILLA ULHÔA BOTELHO
Grazielle Oliveira Rocha
[illegible] Ulhoa [illegible]
[illegible]
Adriles Ulhoa Filho - Dizinho
[illegible]
Maria Conceição Ulhoa
Isadora Botelho Ulhoa
Elvira Campos Botelho Ulhoa
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]

Ruy de Araújo Caldas

Rui de Araújo Caldas nasceu em Paracatu em
26 de março de 1940. Filho de Jorge de Araújo Caldas
e Benedita de Melo Caldas. O pai era vaqueiro, a mãe
dona de casa. Apesar dos poucos recursos financeiros dos
pais, os filhos foram criados sob princípios rígidos de
educação e honestidade
Jorge e Benedita criaram sete filhos: Lindoura, filha
adotiva, Walter, Ruy, Maria Lúcia, Maria Auxiliado-
ra. No meio rural onde a família residia, Ruy cursou
as duas primeiras séries do Curso Primário. Em 1951
transferiu-se para Escola Estadual Afonso Arinos
onde cursou até a 6ª série. Em 1958 iniciou o curso
técnico na Escola Superior de Viçosa onde terminou
o ensino médio. Em 1961 é aprovado em 1º lugar
no curso de Engenharia Agrônoma, na Universida
de Federal de Viçosa. Em 1964 concluiu o curso de
graduação e é convidado a ser professor da USP (Uni-
versidade de São Paulo. Obteve seu grau de PhD em
Ohio, nos Estados Unidos. Em 1970 retorna ao Brasil
e continua seu trabalho como professor da Esalq
Usp. A esta altura casado com uma norte americana,
teve três filhos Pedro Cristina e Juliana.
De 1972 a 1995 foi professor de Bioquímica na UnB.
Nos anos de 95 e 96 foi professor e pesquisador na
Universidade Federal de Goiás.
Em 1997 a 1999 foi titular de Programas Especiais
Em 2000 estruturou o Centro de Gestão e Estudos
Estratégicos em Ciência, Tecnologia e Inovação.

Em 2001, é convidado a estruturar o programa de mestrado e doutorado em Ciências Genomicas e Biotecnologia na Universidade Católica de Brasília. Formou profissionais que hoje são líderes de pesquisa em varias instituições nacionais. como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa, Universidade Federal de Viçosa, Instituto Agronômo de Campinas, Universidade Federal do Paraná, Universidade Estadual Paulista e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Atualmente Ruy Caldas é o diretor do Programa "Stricto Senso", diretor do Centro Ciências da Vida.
Atua como consultor em missões de governo em projetos científicos educacionais, e na área de biotecnologia em vários países, ministra palestras, recebeu diversos prêmios e condecorações entre eles: Comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico, Diploma USAID Medalha "Comenda Afonso Arinos, Prêmio Empresarial Bioplanta Tecnologia de Plantas S/A Prêmio Cidadão Viçosense - Prefeitura de Viçosa. [illegible]

Maria Lucia Araujo Caldas   Benedita [illegible] Caldas
[illegible] Araujo Caldas   Maria [illegible] Caldas
[illegible]   [illegible] Cunha
Coraci da Silva [illegible] Batista   [illegible] Caldas
Dinamar Albernaz Neiva
Antonia [illegible] Caldas
[illegible] Maria dos Santos
[illegible] Marianno de Almeida
[illegible] Bianchini
Maria de Fatima [illegible] Cunha

Biógrafa - Inah Alvares da Silva Campos
Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles
Acervo Arquivo Público de Paracatu

Martha da Silva Neiva

Lila Cel Martha da Silva Neiva nasceu em Paracatu em 06 de agosto de 1924, sendo filha de Severiano da Silva Neiva e D. Amélia Albernaz Neiva.
Fez o seu curso primário na Escola Normal Antônio Carlos, onde se diplomou como professora em 1944, Seguiu para Belo-Horizonte fazendo curso superior na Escola de Enfermagem Carlos Chagas, diplomando-se com distinção em 1947.
Após a conclusão do curso de enfermagem Martha Neiva assumiu a chefia da então maior maternidade do Brasil, ou seja a Santa Casa de Misericórdia de Santos, em São Paulo.
Entretanto, Martha Neiva sentiu o chamado de sua terra, tudo deixando em São Paulo e regressando a seus pagos, e Paracatu então muito carente, recebeu-a de braços abertos.
Assim foi que se dedicou a atividade de parteira particular, atendendo a todas as parturientes de Paracatu, independentemente de qualquer pagamento, recebendo em seus braços durante muitos anos gerações e gerações de paracatuenses, em grande parte seus afilhados.
O trabalho de Martha Neiva em Paracatu se compara em termos regionais com àqueles realizados no mundo por Madre Tereza de Calcutá e Irmã Dulce de Salvador, guardadas as proporções mas não a intensidade do valor social.
Concomitante a este trabalho Martha Neiva foi servidora pública do Estado de Minas Gerais, prestando seus serviços no único posto de saúde da cidade por 38 anos

onde teve sempre uma posição de vanguarda na defesa dos mais pobres, tanto no seu atendimento mais rápido como na administração de remédios, o que a sacrificou e a levou a polêmicas com a direção das casas de saúde, mais enquadradas no sistema tradicional da assistência social.

Martha Neiva mereceu de seus conterrâneos o mandato de vereadora, que exerceu sem remuneração, sendo autora de projetos que beneficiaram nossa terra, voltados sempre para a melhoria do nível de vida de seu povo, bem como lecionou por muitos anos no ensino público das escolas estaduais e também criou uma escola particular de alfabetização e educação primária, muito popular e querida pelos infantes da terra.

Durante 15 anos Martha Neiva exerceu gratuitamente a assistência ao Juizado de Menores, tornando-se querida e atuante em nossa Paracatu, sempre preocupada com a pobreza e melhoria de vida dos jovens de nossa terra.

Esta é a pessoa que o povo de Paracatu, em sua unanimidade deseja que seja homenageada em nossa Casa de Cultura, por seu trabalho diuturno, e por representar em seu conjunto de qualidades, o ideal de perfeição da mulher paracatuense.

Abaixo seguem algumas assinaturas de pessoas que comungam esta opinião, apenas representativas do todo que constitui os beneficiários da vida de sacrifício de Martha Neiva.

Paracatu, 10 de Novembro de 2007.

Lila Lee Martha da Silva Neiva, Maria Isabel Campos Botelho – [illegible], Elvira Campos Botelho Ulhoa, Carlos Emanuel da Silva Neiva, Lana Lúcia Melo Franco Santiago

---

Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles -
Biógrafo - Dados recolhidos c/ familiares e amigos.

Fundo Casa de Cultura/ ... Acervo Arquivo Público de Paracatu

Dr Francisco Timóteo Lisboa

"Dr Chiquito"

Dr Francisco nasceu em Paracatu em 18 de outubro de 1916. Cursou o primário no Grupo Escolar Afonso Arinos, e o secundário do Colégio Dom Lustosa em Patrocínio - MG. Cursou medicina na FMG formando-se em 1944.

Em 1959 regressou a Paracatu onde permaneceu até o fim exercendo a medicina como um verdadeiro sacerdócio há 40 anos.

Dr Chiquito foi na verdade o precursor do que nós conhecemos como médico da família ou seja a sua preocupação não era apenas com a medicina curativa e sim preventiva. O seu trabalho foi reconhecido e agraciado por diversas entidades do estado de Minas Gerais, como a Associação Médica de MG, Associação Médica de Paracatu, Câmara Municipal, Rotary Club. Tudo isto graças ao seu trabalho filantrópico, cuja preocupação não estava direcionada para a aquisição de riquezas, mas tão somente em servir ao semelhante.

Fez da medicina a bandeira de sua vida, afastando-se até da vida social e das obrigações de fazendeiro.

O Dr Francisco Timóteo Lisboa, filho do Sr Antíssimo Lisboa e D. Celina Monteiro Lisboa faleceu no dia 15 de novembro de 2002 deixando muitas saudades, tristezas e o reconhecimento de uma cidade que muito o amou. Ao seu velório e enterro compareceu uma grande multidão

de amigos e admiradores do seu nobre caráter e de seu espírito de caridade e amor ao próximo.

Foi considerado o médico dos pobres e menos favorecidos e seu modelo de cidadão e profissional ficará como exemplo para as gerações vindouras.

Regina Anconi Lisboa de Mesquita
Jânia M. Byvoet
Antonia Consuelo Martins Byvoet
Rodrigo Martins
[illegible]
[illegible]

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Francisco Ferreira Braga
"Chico Banha"

Francisco Ferreira Braga, Chico Banha, como é carinhosamente conhecido por todos, nasceu em 02 de março de 1922, na Rua dos Olhos D'água, hoje Rua Dr Rubens Bitencourt, onde cresceu, casou-se, criou os filhos e morou durante 80 anos. É filho do Sr Josino Ferreira Braga, ferreiro, e Da Firmina Felizarda Braga, dona de casa. É irmão de Plácido Ferreira Braga e Efigênia Ferreira Braga.

Foi casado com D. Sebastiana Santos Braga com quem teve os filhos Maria Efigênia Josino e Firmina. Tendo enviuvado casou-se pela 2a vez com D. Ana Rita Couto Braga e nasceram ~~Ana R~~ digo, Antonia de Cássia, Marcia Aparecida, João Francisco, Mauro Sérgio e Osvaldo Luis. Os filhos de Chico Banha e Ana Rita receberam ótima criação, excelente exemplo de vida e são muito queridos na comunidade.

Chico Banha exerceu por longos anos, enquanto as forças lhe permitiram, a profissão de ferreiro que aprendeu com o pai e com a qual sustentou sua família.

Dotado de generosidade e um coração despojado, agregou às tarefas do dia a dia várias atividades voluntárias: foi membro atuante da banda Lira Paracatuense, a qual ajudou a fundar; foi membro da sociedade beneficente São Vicente de Paulo, desde os 09 anos de idade, influenciado pela atuação do pai e continua vicentino até hoje.

Assim que aprendeu a ler e escrever foi convidado pelo bispo da Ordem dos Carmelitas, Dom Elizeu Van de Weijer para ser coroinha assistente.
Trabalhou com todos os bispos que passaram por Paracatu, desde Dom Elizeu na década de 30, até o atual bispo diocesano Dom Leonardo de Miranda Pereira. Atua como ministro da eucaristia desde a década de 80; foi catequista durante 50 anos; foi membro atuante das Comunidades Eclesiais de Base e da Liga Católica até a extinção de ambas.
Foi agraciado com dezenas de afilhados em todo o município e orgulha-se de todos eles. Dentre os mais ilustres destacamos o Exmo Dr Joaquim Benedito Barbosa Gomes, Ministro do Supremo Tribunal Federal, do qual é padrinho de Batismo e grande amigo da família.
Chico Banha conta hoje 85 anos de vida dedicados à família e ao zelo e dedicação aos trabalhos da igreja Católica em Paracatu.
Há 05 anos mudou sua residência para o bairro Bela Vista, onde é querido e respeitado pelos vizinhos.
Em resumo, esta é a vida do cidadão Francisco Ferreira Braga, o nosso querido Chico Banha.
Paracatu, 11 de novembro de 2007.

Márcia Ap. F. Braga Souza Mauro Sérgio F. Braga
Oswaldo Luiz F. Braga Ana Rita C. Braga
Isis Alcarria João Francisco Ferreira Braga
Antonia de Cássia Ferreira Braga
Ronaldo Silva Fortão

Fonte: Casa de Cultura/NGP/... Arquivo Público de Paracatu

Ministro Joaquim Barbosa

Joaquim Benedito Barbosa Gomes é um jurista brasileiro; ministro do Supremo Tribunal Federal do Brasil desde 25 de junho de 2003, quando nomeado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Entrou para a história da justiça brasileira ao ser o primeiro negro nomeado ministro do STF. Joaquim Barbosa nasceu em Paracatu, noroeste de Minas Gerais. É o primogênito de 08 filhos. Pai pedreiro e mãe dona de casa, passou a ser arrimo de família quando estes se separaram. Aos 16 anos foi sozinho para Brasília, arranjou emprego na gráfica do Correio Braziliense e terminou o segundo grau, sempre estudando em colégio público. Cursou Direito na Universidade de Brasília, onde, em seguida, fez o mestrado em Direito do Estado.
Prestou concurso público para Procurador da República e passou. Licenciado, foi estudar na França por 04 anos: mais uma especialização, outro mestrado e um doutorado, todos na área de Direito do Estado. Na volta, retornou ao cargo de procurador no Rio de Janeiro e professor concursado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e ainda professor-visitante de algumas universidades dos Estados Unidos. É fluente em francês, inglês e alemão, nesta ordem. Antes de sua nomeação para o Supremo Tribunal Federal, o Ministro Joaquim Barbosa exerceu vários cargos na administração pública federal. Foi membro do Ministério Público Federal de 1984 a 2003, com atuação em Brasília (1984-1993) e no Rio de Janeiro (1993-2003); foi advogado do Servi-

Fundo Casa de Cultura/NSP/.../Acervo Arquivo Público de Paracatu

ço Federal de Processamento de Dados - SERPRO (1979-1984); foi Oficial de Chancelaria do Ministério das Relações Exteriores (1976-1979), tendo servido na Embaixada do Brasil em Helsinki, Finlândia; foi compositor gráfico do Centro Gráfico do Senado Federal.

Paralelamente ao exercício de cargos no serviço público manteve estreitas ligações com o mundo acadêmico. É Doutor e Mestre em Direito Público pela Universidade de Paris-II (Panthéon-Assas), onde cumpriu extenso programa de doutoramento de 1988 a 1992, o qual resultou na obtenção de 03 diplomas de pós-graduação. Cumpriu também o programa de Mestrado em Direito e Estado da Universidade de Brasília (1980-1982), que lhe valeu o diploma em Especialista em Direito e Estado por essa Universidade. É professor licenciado da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde ensinou as disciplinas de Direito Constitucional e Direito Administrativo. Foi Visiting Scholar (1999-2000) no Human Rights Institute da Columbia University School of Law, New York, e na University of California Los Angeles School of Law (2002-2003). É assíduo conferencista, tanto no Brasil quanto no exterior; foi bolsista no CNPq (1988-92), da Ford Foundation (1999-2000) e da Fundação Fullbright (2002-2003). É autor das obras "La Cour Suprême dans le Système Politique Brésilien", publicada na França em 1994 pela Librairie Générale de Droit et de Jurisprudence (LGDJ), na coleção "Bibliothèque Constitutionelle et de Science Politique"; "Ação Afirmativa & Princípio Constitucional da Igualdade" - o Direito como instrumento de Transformação Social. "A experiência dos EUA", publicada pela Editora Renovar, Rio de Janeiro, 2001; e de inúmeros artigos de doutrina.

Paracatu, 15 de outubro de 2011.

Biógrafo - Fernando Furtado Barreto.
Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles.

João Soares de Oliveira, João da Farmácia

Nos primeiros anos do século XX, o comércio de Paracatu era abastecido na sua quase totalidade, pelos vapores que cruzavam o Rio Paracatu, trazendo, entre outras mercadorias, café, arame, tecidos e ferragens. Seu Francisco Soares, de carro de boi, transportava tais mercadorias do Porto Buriti para a cidade, num trajeto que durava de 02 a 03 dias de viagem até a cidade. Casou-se com Fé Honória de Moura, Sá Fé e, morando na fazenda "Neto", de sua propriedade, pequena para os padrões da região, tiveram seu primogênito, o João, João Soares de Oliveira, que nasceu no dia 16 de junho de 1913 e que mais tarde se tornou o conhecido João da Farmácia. Tudo ia muito bem até os primeiros cinco anos de João. Foi quando seu pai, Francisco, conduzindo uma comitiva de estudantes a cavalo, única alternativa de transporte terrestre da época, teve um acidente fatal, quando, acampados, um tiro acidental disparado de sua própria arma lhe tirou a vida. Sá Fé, com os filhos,

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

passou a lutar com dificuldades com a falta do marido e João foi encaminhado para a casa dos compadres Joaquim e D. Ladinha Santiago, que o acolheram e passaram a se responsabilizar por sua criação. Com tenra idade, já ajudava nos serviços da casa, varrendo quintal e carregando os baldes d'água da mina que abastecia a casa. Aos 07 anos iniciou seus estudos na escola primária, cursando em seguida a Escola de Adaptação Normal por mais 04 anos, atingindo um bom nível de escolaridade para os padrões da época. Aos 12 anos foi encaminhado para o trabalho na farmácia da família Santiago, iniciando assim a longa carreira que o tornou um dos personagens mais conhecidos e admirados de Paracatu. Aprendeu rapidamente os serviços da farmácia, a ciência da manipulação de medicamentos, orientado por Dr Antero Santiago. Fez também, na capital mineira, um curso de manipulação e de laboratório de análise, obtendo certificado e autorização para a realização de exames básicos de urina e fezes. Já rapaz, namorador e com bastante zelo pela aparência, chamou-lhe a atenção uma linda morena, assídua frequentadora da Igreja Presbiteriana, vizinha da farmácia. E assim surgiu em sua vida Maria Trindade, a dona Cota, com quem se casou no ano de 1942, e que lhe deu 06 filhos e com quem dividiu a responsabilidade de educá-los, ao longo de mais de 60 anos de casados.

Também por mais de 60 anos dedicou seu trabalho à farmácia, atendendo a todos com solicitude e presteza, fazendo da sua profissão um verdadeiro sacerdócio. A deficiência ou inexistência de hospitais fazia com que os médicos atendessem e tratassem aos doentes em suas próprias residências e as famílias paracatuenses se valiam do João da Farmácia para a aplicação de injeções, soros, curativos e o mais necessário para o tratamento. Para ele, - os paracatuenses mais velhos são testemunhas -, não havia horário, noite ou madrugada. De uma solicitude a toda prova, atendia a todos, pobres e ricos, com a mesma presteza e bom humor, transformando-se num personagem de inúmeros casos, alguns muito curiosos, narrados por inúmeras pessoas que os presenciaram.

Fazia parte de sua vida uma inseparável bicicleta, que adquiriu ainda adolescente e que se transformou no seu meio de transporte preferido para atender a população durante toda a sua vida.

Incentivado pelos amigos e correligionários deu também sua contribuição à política local, sendo eleito vereador por dois mandatos, participando assiduamente das sessões, respeitado por seus pares por sua integridade e lhaneza. Dentre outros, é de sua autoria o projeto que fez do dia 20 de outubro a data máxima do município, corrigindo um erro histórico que atribuía a outro dia a comemoração do aniversário da cidade. Defensor incansável dos direitos dos cidadãos, frequentou as reuniões da câmara até poucos antes de sua morte, aos 91 anos de idade. Naquela casa sempre recebeu tratamento respeitoso e carinhoso de todos os vereadores, que lhe reservavam, inclusive, uma cadeira cativa no plenário.

Faleceu no dia 22 de outubro de 2004, cercado do carinho dos familiares e amigos, não resistindo à dor da perda de sua companheira D. Cota, que falecera 43 dias antes, no dia 09 de setembro.

Como última homenagem, a Câmara Municipal permitiu que seu corpo fosse velado em suas dependências, onde os paracatuenses puderam demonstrar, e o fizeram em grande número, o reconhecimento pelos

relevantes serviços que prestou à comunidade.
Assim, o Sr. João Soares de Oliveira, o João da Farmácia, deixou como legado o exemplo de honestidade, humildade, honradez e espírito público.
Paracatu, 15 de Outubro de 2011.

Vera Lúcia de Oliveira Leme, Rosa Maria de Oliveira Barreto - Wagner Francisco Soares Oliveira
Adelaide Soares de Oliveira Veiga, Antonio Soares Oliveira
CARLOS SILVANO SOARES OLIVEIRA -
Vinícius de Oliveira Lerina,
Flávia de Oliveira Barreto, Fernanda Barreto Ribeiro,
Carlo Santana de Oliveira, Fausto Furtado de Oliveira Barreto, Eduardo Ricardo Oliveira da Veiga
Amanda B. J. Oliveira, Natalie B. Sanders, Hugo Costa Gomes
[illegible] Botelho
Marlene Pereira Aragão Manoel G. Torres Fº
Fernando Santos Barch Marcos Soares da Silva
Aparecida de Fátima S. Silva
Hugo do Carmo MUNDIM
Márcia Caudau
Ricardo Oliveira / Lana Lúcia Melo Franco Santiago
Fabrícia Borges Mundim
SUSANN SANDERS
Maria de Lourdes Santiago M.
Guilherme de Melo Veiga Oliveira
Dalcídio Reis Vilela
Eugênia Maria de Jesus
Thalles de Jesus Vilela
Rafaella Oliveira Sanders
Antônio Silvio Teixeira de Melo
Simone Mendes Porto
Hugo Castro

Biógrafa: Ana Rocha Faria
Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles
Fundo Casa de Cultura/NOP/AQ01/GAV03/Cod.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

- Coronel José de Faria Pereira Sobrinho -

Nascido em Paracatu em 23 de agosto de 1925 foi o segundo filho entre dez irmãos. Filho de Bernardino de Faria Pereira e D. Mercedes Jordão de Faria, que viveram sempre em Paracatu como fazendeiros. Casou-se com a senhora Nilda Siqueira e tiveram 03 filhos: Roberly, Thalles e Newton.
José Faria iniciou seus estudos no Grupo Escolar Afonso Arinos sendo suas primeiras professoras D. Risoleta e D. Conceição Macedo. Terminado o curso primário foi para Belo Horizonte para continuar seus estudos no Colégio Arnaldo. Terminado o curso secundário ingressou na Escola de Aeronáutica onde estudou e exerceu várias funções: Piloto Privado, Cadete do Ar, Aspirante Aviador, Aviador Naval e muitas outras.
Foi comandante da Esquadrilha de Adestramento - BABE, chefe do Departamento de Aviação do CIAAN-MB; comandante da 2ª Esquadrilha de Ligação e Observação; Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica e do Exército. Foi piloto de 03 presidentes da República e tinha mais de 20.000 horas de voo.
Também representou a Aeronáutica brasileira em vários países: Estados Unidos, França, Inglaterra, Japão e outros. Publicou várias obras de ensino militar, dentre elas: Manual de esclarecimento aéreo, Manual de força aérea, Escola de comando e estado maior da Aeronáutica e muitas outras.
Recebeu várias condecorações militares de Presidentes

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

da República, Ministros de Estados e Comandantes, recebendo também várias medalhas de bons serviços militares.

Enfim, amou a carreira da Aeronáutica Militar, deu o melhor de si e foi um vencedor. Amava o Rio de Janeiro, amava o ar, alçando grandes vôos, mas sem esquecer-se de sua terra natal.

Em suas visitas à Paracatu sempre questionava o desaparecimento das igrejas de sua época, das pedras, das ruas, enfim. Pilotou jatos profissionalmente até os setenta e sete anos. Irriquieto e com saudades do ar descobriu o ultraleve, nova paixão. Foi membro da Associação Brasileira de Ultraleves. Já adoentado fez seu penúltimo vôo em 22 de julho deste com seu amigo o Brigadeiro Batista. Terminando, permitam-me lembrar da poetisa paracatuense Branca Botelho em sua poesia "Cidade pequena":

"Que vontade de respirar o ar do alto!
O vento dos horizontes abertos
Vôa, minh'alma, voa.
Vôa alto por cima de tudo.
Quisera que você se distendesse
como um elástico
E crescesse... crescesse...
Até abarcar o mundo!"

Foi o que lhe aconteceu José de Faria Pereira Sobrinho.

Seu vôo derradeiro foi no domingo dia 02 de setembro de 2012 deixando méritos notórios para sua família, para o Brasil, e Paracatu sua terra natal. Deve ter ido conhecer as praias do oceano de luz, morada certa dos homens simples e de bom coração - cumpridores de seu dever de vida.

Paracatu, 25 de outubro de 2012.

Lana Lúcia Melo Franco Santiago

Max [illegible] Ulhoa - 1ºCP
[illegible] Oliveira [illegible]
Rosana Faria Maciel
[illegible] Remígio [illegible]
Gilberto Martins dos Santos 45º BPM
Christiane de Faria
Débora Faria Wachsmuth
Felipe Mendes Faria
Ana Rocha Faria
[illegible] Faria [illegible]
Yara Mendes C. Faria
Daniel Faria Wachsmuth
Inês Rocha Faria
[illegible] Rocha Faria
Helder Faria Oliveira
Mário Faria [illegible]
David Vasconcelos [illegible]
Enio Rocha Faria
Walkiria Pimentel Barbosa Faria
Pedro Pimentel Rocha Faria
[illegible] Faria
[illegible] José Jordão Faria
Solange Faria Maciel Bichi
Gema [illegible] Jordão Faria
[illegible] Albernaz
Kátia Aparecida Maria Ferreira
Enio Rocha Faria
[illegible]
[illegible] Faria
[illegible] Abreu [illegible]
[illegible] Mendes [illegible]
Murilo Aragão Faria

—Biógrafa = Jane Auxiliadora Jordão Botelho
—Transcrição = Dalia Maria Neiva Moreira Salles

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQOI/GAV03/Cód.0I/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Ruy Jordão de Carvalho

Ruy Jordão de Carvalho nasceu em Paracatu em 17 de abril de 1919, o quinto filho de José Jordão Júnior e D. Leopoldina Vieira Jordão. Conheceu as primeiras letras no Grupo Escolar Afonso Arinos, distinto e afamado educandário paracatuense até os nossos dias. Desde cedo manifestou grande pendor e admiração pelas artes em geral. Também pelo jornalismo e pelas letras. Gostava de História e amava tanto Paracatu, sua terra natal, que tudo o que via de bom ele almejava e não media esforços para que Paracatu também pudesse possuir coisa igual.

Foi casado com D. Maria do Carmo Taveira e tiveram os seguintes filhos: Gilson, Magda, Jane, Jussara e Sálvio.

Como político trouxe para Paracatu o partido MDB, Movimento Democrático Brasileiro o qual veio reforçar o sentimento democrático que ele possuía e carinhosamente o apelidou Meu Deus Bom.

Fez de tudo para apresentação e conservação do teatro "Philodramático", porém para sua tristeza, quando chegou a adquirir o prédio que tanto enobreceu Paracatu, o mesmo já tinha sido incendiado, tanto o palco e uma grande parte do prédio; o que para a época, tornou-se impossível a recuperação do mesmo. Mas, foi a partir daí, que ele construiu o novo prédio, que veio abrigar o novo cinema "Cine Paracatu", sendo aplaudido por grande parte da população.

É também de sua responsabilidade a inserção de Paracatu na vida econômica do país com a instalação do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, sendo gerente da mesma por alguns anos.

Presidiu o Aero Clube Paracatuense por 03 gestões. Conseguiu por intermédio da Aeronáutica o primeiro avião denominado "Paulistinha" e autorisação para instruções de vôo. Trouxe pela 1ª vez a Paracatu, a famosa Esquadrilha da Fumaça.

Também por 03 gestões dirigiu o Jóquei Clube Paracatuense introduzindo a quadra de patinação e reabilitando a parte do turfe, a social, bar, restaurante e os jogos permitidos por lei. Criou a eleição da "rainha do turfe", quando, por coincidência, foi eleita a primeira rainha sua filha Jane Auxiliadora Jordão. Foi fundador da banda de música "Lira Paracatuense", registrando-a no conselho federal de música do Rio de Janeiro. Participou na criação da Hidroelétrica, Companhia Telefônica e Rádio em Paracatu.

Foi a Brasília a pedido de Juscelino Kubitschek para ajudar na construção da capital levando 03 caminhões e muitos operários paracatuenses.

Ainda no Cine Paracatu além de ter revolucionado a sétima arte exibindo as melhores películas, Ruy Jordão de Carvalho revelou também suas veleidades artísticas, quando encenou e atuou na peça "A ré misteriosa" contracenando com a saudosa Maria Pereira da Costa, que interpretou o papel título.

Bem mais tarde doou todo o material de projeção do Cine Paracatu ao nosso Museu Histórico, onde ele se encontra bem conservado e despertando alegres recordações aos visitantes.

Incentivou e auxiliou na implantação do jornal "A Tribuna" por intermédio do jornalista José Henriques Barata.

Ruy Jordão recebeu as seguintes condecorações:

- Comenda Santos Dumont outorgada pelo Ministério da Aeronáutica, pelos bons serviços prestados à Força Aérea Brasileira - Comendador Ruy Jordão de Carvalho.
- Condecoração Meganha de ouro pelo comandante do Batalhão de Patos de Minas Coronel Saint' Clair da polícia

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

militar de Minas Gerais, pelos bons serviços prestados.
- Moção da Câmara Municipal de Paracatu em reconhecimento aos relevantes serviços prestados nesta cidade por iniciativa do vereador Edgard Caldas, em 1991.
- Homenagem pela Câmara Municipal de Paracatu em 2003 em reconhecimento pelos justos trabalhos prestados à sua terra natal, pelo vereador Juarez Pereira.
- Recebeu grande homenagem em carta aberta pelo editor do jornal "O Movimento", jornalista José Edmar Gomes, em 2008.

Finalmente, aos 88 anos, vítima do mal de Parckson, em 31 de janeiro de 2008, na terra que o viu nascer, Paracatu, ele voltou para Deus.

Sobre Ruy Jordão de Carvalho, o historiador Oliveira Mello escreveu:

"Uma pessoa sempre pronta a combater por sua família, por sua terra, e envelheceu esperando uma manhã melhor para todos".

Paracatu, 18 de outubro de 2013.

Gracile Mendes de Souza Xavier
Janine Rocha
Jane Auxiliadora Jordão Botelho
Terezinha de Jesus Santana Guimarães
Josefina das Graças Jordão
Jaqueline Wagner Albernaz dos Santos
Terezinha Santiago Cordeiro
Maria José Oliveira Lima
Gleide Caldeira de Oliveira
Isabel Conceição Franco
Esperança Jordão Rocha
Maria da Cruz Santana
TEMÍSTOCLES ROCHA NT
Caridade Jordão Batista
Waldir Ulhôa Batista

Maria José Gonçalves Santos
Magda Jordão
[illegible] Botelho
[illegible] da Silva Alves Batista
[illegible] do Carmo Jordão
Edyna Sueli das Dores
Juliana Botelho Carneiro
Maria de [illegible]
Sabrina Jordão Botelho Dantas
Antonella Jordão Botelho Dantas Souto
Matteo Jordão Botelho Dantas Souto
Fabrício Dantas Souto

Zote André

No inverno de 22 de junho de 1924, nascia na cida
de de Paracatu, Joaquim André Sobrinho, penúltimo dos
10 filhos do casal João André e Maria Cândida André
O menino de tez morena, corpo forte, cabelo escuro
e maneiras educadas, logo foi apelidado carinhosa
mente de Joaquimzote-Zote.
Sua infância foi marcada pelos folguedos da época,
pelos estudos no Grupo Escolar e pelos afazeres junto
à mãe, aos irmãos e ao pai. Desde esta época, a
música o atraía e nas festas familiares já tocava
acordeão praticamente como autodidata.
As primeiras noções musicais ocorreram na adoles
cência, com seu Ismael da Banda Euterpe, tendo
aprendido com facilidade tocar clarinete e saxo
fone. A partir daí, a música entrou na sua vida
como uma parceira, uma namorada secreta, e o
jovem Zote entrou em um mundo mágico de sons,
ritmos e melodias que só os artistas podem comungar
Em março de 1946, transferiu-se para o Rio de
Janeiro para prestar o serviço militar, junto ao
1º Regimento de Cavalaria, onde tocava nos bai
les e festas do Batalhão. Após cumprir seus de
veres junto à Pátria, retornou à cidade Natal
empregando-se no comércio e logo adquiriu
o seu próprio armazém de secos e molhados,
denominado de Casa Central, localizado à

Rua Goiás, 413. Nesta época, contava aproxima
damente com 23 anos, encontrava-se no apogeu
da juventude e além do trabalho no armazém,
tocava nos bailes domésticos e no Jóquei Clube,
em serestas ao luar, junto aos amigos e várias
vezes, junto ao querido amigo Juscelino Kubitschek
que vinha de Brasília para participar das belas
serenatas nas fazendas. Zote era muito querido e
respeitado pela sociedade paracatuense, era assíduo
frequentador da Igreja Católica, tinha grandes ami
gos e juntos, por volta de 1951, fundaram a Liga
Católica Esporte Clube (futuro União Esporte Clube),
destacando-se neste trabalho. Em fevereiro de 1957
casou-se com Ivone Machado Rocha, com quem
teve 6 filhos e foi casado por mais de 50 anos.
No período de 1962 a 1965 foi vereador, época
em que este serviço político era voluntário.
Em 28 de outubro de 1962 fundou a Sociedade
Corporação Musical Lira Paracatuense que teve
como maestro o Sr. José Araújo. A seguir, o
próprio Zote assumiu a coordenação de tão
importante projeto e esteve à frente da Banda
Lira por mais de 40 anos. A Banda Lira Para
catuense tornou-se patrimônio cultural e
musical da cidade, abrilhantando procissões,
desfiles, inaugurações e todos os eventos nos
quais era solicitada. Foram 44 anos frente à
Lira Paracatuense, período dedicado ao pre
paro e ensino de novos músicos, ensaios se
manais, viagens, apresentações e estudos
associados aos compromissos junto à famí
lia e à sociedade Paracatuense. E assim,
o nosso querido maestro foi amadurecendo

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

e envelhecendo junto à Banda, até que em 2006, aos 83 anos, afastou-se da coordenação do tão querido empreendimento, vindo à despedir-se definitivamente em 17 de Agosto de 2007, quando o criador o solicitou para fazer parte da Banda Musical Celestial.

"Seu coração deixou de pulsar, mas sua melodia permanece..."

Eucária Oliveira Neiva (D. Tataia)

Eucária Oliveira Neiva nasceu em 01 de abril de 1911 na cidade de Paracatu, filha de José Tomáz de Oliveira Melo e Augusta da Silva Neiva. Nasceu na zona Rural do município, na região do Quebra Eixo e passou sua infância na Fazenda Barreirinho, na companhia de seus pais e de cinco irmãos. Eucária, mais conhecida como D. Tataia, autodidata e dedicada a trabalhos manuais não se limitou apenas a ser do lar, era costureira e desenvolvia atividades diversas com o dom que tinha de criar. Na época dos festejos de São Benedito, um dos mais venerados santos da cidade até hoje, a procura pelas imagens de cera chamadas de milagres era intensa. Sua fama se espalhou e muitas pessoas de outras localidades vinham à cidade a procura de seus trabalhos. A saúde sempre foi debilitada devido a brucelose que teve na infância e também pela asma, mas não parou de trabalhar, principalmente com crianças. Em 1954 iniciou as coroações à Nossa Senhora, que acontecia durante o mês de maio. Era um coro de anjos formados por crianças e adolescentes que cantavam em louvor à Maria, mãe de Jesus. D. Tataia foi para o município durante décadas, um referencial das festas e eventos religiosos. Contribuiu na educação e formação religiosa das crianças, que ainda se recordam com saudades de seus

ensinamentos. Dedicava-se também aos grupos que faziam Romarias para Aparecida do Norte e para Bom Jesus da Lapa, na Bahia. Sua preocupação em conservar o Patrimônio Histórico da cidade reluziu quando defendeu a Igreja do Rosário de um possível arrendamento para o Banco do Brasil. Na época, Dom Raimundo, Bispo diocesano pretendia suspender as missas na Igreja e segundo testemunhas, isso não aconteceu porque D. Tataia interviu através de carta enviada a autoridades do Estado. Mais uma vez D. Tataia defende parte da história desta terra.

D. Tataia trabalhou até os últimos dias de sua vida. No ano de sua morte, os problemas de saúde se agravaram deixando-a presa numa cadeira de rodas, mas ainda assim fez com muita dificuldade sua última coroação. Seu pedido era que alguém continuasse a devoção a quem chamava sempre de Rainha do Céu. Faleceu no dia 18 de novembro de 1988.

Ed Guimarães

Edvaldo Guimarães nasceu no dia 17 de outubro de 1966, na cidade de Ipatinga-MG, filho de José Pedro Guimarães e Raymunda Maltha Guimarães, tendo dois irmãos, Harly Guimarães e Nilce Malta Guimarães. Começou sua carreira no Rádio aos 15 anos de idade, em 1981 na Rádio União de João Pinheiro, onde morava nesta época. Em 1984 veio para Paracatu trabalhar na fase de implementação, na Rádio Boa Vista FM. Foi também através dos seus trabalhos com rádio que adotou o nome artístico de Ed. Guimarães. Em 1983 Ed conhece Mirian Célia, sua primeira esposa, com quem viveu por mais de 20 anos e teve seus quatro filhos: Monique, Ed Junior, Iago e Edu Victor.

Foi fundador do Programa FM Reporter, onde atuou por mais de 25 anos, contando a história de desenvolvimento da cidade que lhe recebeu de braços abertos. Narrou momentos felizes, mas também tragédias e fatalidades. Ed usava seu programa para ajudar a população de maneira em geral, conseguindo vários tratamentos de saúde, fazendo encontros de parentes que não se viam há muitos anos ou dando voz a instituições de caridade e ONG's. Recebeu o título de cidadão Paracatuense e assim realizou o sonho de também ser filho da Paracatu que tanto se orgulhava. Com Claudete Campos, sua segunda esposa, casou-se na cidade de Las Vegas

Fundo Casa de Cultura/NGP/A001/GAV03/Cad.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

tendo vivido ao seu lado por 9 anos até o dia do seu falecimento. Ed foi um exemplo de força, garra e vontade de viver! Durante o tratamento contra o câncer, sempre passou para a família e para os amigos muita firmeza e confiança em sua recuperação. Faleceu em 11 de Junho de 2015, no hospital Beneficência Portuguesa na cidade de São Paulo - SP, foi velado na Câmara Municipal de Paracatu e sepultado no cemitério Santa Cruz. Sua partida foi uma perda muito grande para todos os paracatuenses e sua imagem e voz ainda vivem na memória de Paracatu.

Christiano da Costa Bezerra

Christiano da Costa Bezerra nasceu em 25 de julho de 1908, em Paracatu, Minas Gerais. Era filho de Ciríaco da Costa Bezerra e Antônia das Danças Mercês.

Era o primogênito de sete irmãos. Aos 14 anos perdeu sua mãe e pouco depois, seu pai, sendo amparado pela avó e tias. Sendo o mais velho dos irmãos, começou a trabalhar para cuidar dos outros irmãos menores. Trabalhou na roça, depois aprendeu a trabalhar de pedreiro, no que trabalhou vários anos e finalmente foi Oficial de Justiça. Neste trabalho, viajou muito, enfrentou muita gente brava com calma e firmeza.

Casou-se aos 27 anos com Thomázia Ferreira da Costa e tiveram uma filha: Maria Adelina da Costa Bezerra.

Quando jovem, gostava muito de música e fazia serenata com os amigos, nos finais de semana. Tocou na Banda Euterpe de Paracatu durante anos.

Era muito religioso, não perdia as programações da Igreja. Nas barraquinhas, era leiloeiro e fazia com muita empolgação. Era rezador e atendia a todos que o procuravam.

Não tomava água e nenhuma outra bebida, só tomava leite.

Pai carinhoso, bondoso, paciente, sempre amigo e compreensível. Avô excelente, os netos amavam estar perto dele.

Estava sempre bem, não aceitava estar doente, sempre forte e animado, esperava viver 100 anos.

Não realizou este sonho, pois aos 75 anos foi acometido por um câncer que o levou à morte aos 78 anos, em 07 de Junho de 1987.

Recebeu cuidados da filha, genro, netos, da irmã e amigos, que até hoje lembram dele com saudades e doces recordações.

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Romulo Martins Oliveira

"Veterano das Forças de Paz da ONU no Timor Leste."

Rômulo Martins de Oliveira, paracatuense, nascido em 28/04/1981; filho de Conceicão Martins, mais conhecida como Dona Preta, tem dois irmãos, Rodrigo Martins e Renzo Martins. A mãe sempre o ensinou a honrar e defender o país. Desde a infância Romulo sonhava em defender e representar o Brasil em uma guerra ou em uma missão de paz. Ao completar 18 anos se alistou em Brasilia no ano de 1999. Seu ideal era servir na gloriosa polícia do Exercito Brasileiro. Em 2001 foi transferido para a 1ª Cia da P.E (Cia de Elite do Exercito) onde foi treinado em táticas anti-guerrilhas, controle de distúrbio civil, operacões com cães, segurancas de autoridades nacionais e internacionais e táticas de guerra. Lá realizou várias missões em quase todo território nacional. No ano de 2004 foi convocado para manter a paz no Timor Leste. No dia 03 de Junho de 2004 embarcou para o Timor Leste em uma viagem que durou 55horas. Lá, aliado a mais 74 militares do Exercito Brasileiro compôs a IRU (Unidade de Resposta Imediata da ONU) a famosa "linha de frente", "pronto emprego". Foi recebido por militares de várias nacões e teve a oportunidade de difundir nossa cultura com aquele povo, foi um verdadeiro intercambio cultural. Cumpriu várias funcões humanitárias: segurança do vice-secretarios das Nacões Unidas e de vários embaixadores e autoridades estrangeiras

Ajudou a construir uma escola na capital do Timor Leste - Dile, a qual recebeu o nome de Duque de Caxias - Patrono do Exército Brasileiro, esta escola serviu de abrigo para os refugiados de guerra e foi onde o Soldado Rômulo contava as histórias paracatuenses aos refugiados.

Depois de várias missões no Timor Leste representando o Brasil, foi agraciado com a boina azul e a medalha das Nações Unidas por ter cumprido com todas as missões, e recebeu vários elogios de outras nações pelo desempenho. Cumprindo sete meses de missão, retornou ao Brasil, onde foi recebido pela mãe no Batalhão da polícia do Exército de Brasília.

Em 2005 foi agraciado com a menção de Regozijo pela Câmara Municipal de Paracatu, pelos relevantes serviços prestados na consolidação da paz no Timor Leste.

Em 2006 foi condecorado com medalhas, Soldado da Paz e Medalha Ordem do Mérito do Batalhão Suez, Batalhão que foi pioneiro nas missões de paz.

Em 2009 foi agraciado também pelo secretário de Segurança Pública de Minas Gerais por ter feito parte da força tarefa quando o Sistema Prisional em MG entrou em Greve, foi esta força que ajudou a controlar as Rebeliões em Belo Horizonte. Convidado a palestrar, sempre fala da importância do patriotismo e da honra em ter representado o Brasil. Quando vai a outras cidades sempre fala de Paracatu, cidade a qual sempre honrou e levou o nome a vários países.

Soldado Rômulo, o Soldado da Paz!

Antônio Olar Alvares da Silva Campos

É popularmente conhecido como Dedé da farmácia. Filho de Martinho Alvares da Silva Campos e Elizeta Marcolino Duarte Campos. Nasceu na zona rural do município de Paracatu, na Fazenda Lavado, em 03 de janeiro de 1933. Dedé começou a trabalhar na Drogaria Santiago - de propriedade de Gregório e Pedro Santiago exatamente em 03 de março de 1946. Aos 13 anos já limpava a farmácia, esterelizava e lavava as seringas (que na época eram de vidro). Obtinha toda liberdade, apoio e ajuda para se desenvolver. Rapidamente estava ajudando na manipulação de medicamentos, atendimento aos clientes e aviando receitas. Dedé conviveu com vários médicos: Doutor José Neiva, Doutor Joaquim Brochado, Doutor Fortunato.

Havia muita conversa e aprendizado. Fixou-se em Patos de Minas por dois anos e resolveu que estava na hora de ter a sua própria farmácia.

Foi para um lugarejo chamado Biboca. Como a farmácia era em um lugarejo, ele viajava todo mês para Patos de Minas, para fazer as compras de sua mercadoria. Depois se mudou para Vazante, que era um povoado maior, e lá ficou por 10 anos. Em 1967 voltou para Paracatu, Dr Gregório já idoso queria deixar a farmácia, mas não queria vender para qualquer pessoa. Pediu para chamar Dedé, e este não tendo como negar o pedido de Gregório, comprou a farmácia. Em

Fundo Casa de Cultura/NGP/A001/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

homenagem e respeito a eles, nunca mu-
dou o nome da farmácia, mantendo Dro-
garia Santiago. Passou a morar com sua
família em cima do seu comércio, atual
prédio do Sacolão Sacola Cheia. O local era
enorme, no fundo havia umas camas
de campanha para receber as pessoas que
moravam nas roças, e que não tinham onde
ficar e quando estavam doentes, permaneciam
ali até melhorarem, com direito a refeições
sem cobrar nada por isso. Paracatu só tinha
um hospital e não comportava toda popu-
lação, por morar perto da farmácia, era
sempre chamado de madrugada para atender
quem precisava de sua ajuda. Sempre aten-
deu todos com atenção, dedicação e respeito,
nunca errou um caso de apêndice, reconhe-
cia na hora e já mandava para o hospital.
"Seu Dedé" fez um curso de Oficial em
Farmácia em Belo Horizonte, obtendo um certi-
ficado de farmacêutico prático. É casado
com Dalene Resende Campos há 59 anos, e
possuem 5 filhos biológicos: Valéria, Denize,
Martinho, Adriana e Daniela e uma filha
de coração, Luciana (chegou na família aos
9 anos de idade).
Hoje tem 72 anos de farmácia com muita dedi-
cação, respeito, sinceridade e amor.

Terezinha de Jesus Santana Guimarães

Nasceu em Paracatu, no dia 10 de Janeiro de
1959. Filha de Terezinha Santana Guimarães e Domingos
de Sá Guimarães. Casada com Solano Meireles, mãe
de Mariela, João e Matheus. Graduou-se em Técnico
de Enfermagem, após a graduação, foi chamada para
trabalhar no Hospital de Base de Brasília. Viveu na
Venezuela, onde aprendeu um novo idioma. Regressou
para o Brasil, passando a morar em Brasília. Tra-
balhou na Fundação Educacional do Distrito Federal
no cargo de agente de saúde. Voltou a estudar.
Recebeu o diploma de Espanhol pelo Instituto Cervantes
(Espanha). Começou o curso de História no CEUB
e, ao voltar para sua terra natal, passou a
trabalhar no Centro de Saúde do Alto do Açude,
ocupando o cargo de Técnico em Enfermagem. Con-
cluiu o curso de História na Finom. Tomou posse
no cargo de historiadora do município, lotada
na Secretaria Municipal de Cultura, onde de-
sempenhava seu papel de historiadora de forma
teatral e folclórica para desenvolver os projetos
de Educação patrimonial que alcançaram cri-
anças, jovens e adultos, levando-os a conhecer
e amar a história da nossa cidade. Ficou
muito conhecida como "Vovó Tereza" que na
verdade é uma homenagem a sua mãe,
Terezinha Santana Guimarães, que era outra
apaixonada pelas histórias paracatuenses.

também criou a personagem "Barriguda"
(conhecida árvore do Santana, que contava
histórias de Paracatu). Fiel aos princípios herdados,
procura desempenhar suas funções com zelo. Participou
do Corpo Técnico, elaborando pareceres que assessoram
o COMPHAP (Conselho Municipal do Patrimônio Histórico
Artístico e Paisagístico de Paracatu), bem como o
Ministério Público. Elaborou e executou projetos
voltados para a educação patrimonial e Jornada
do Patrimônio Cultural do Patrimônio de Minas
Gerais em parceria com outras secretarias e
instituições, inclusive, com a Fundação Casa de
Cultura, onde assessorava na pesquisa histórica
do tradicional Calendário das Bordadeiras, com
o objetivo de divulgar o rico patrimônio cultural
existente na cidade, descortinando o olhar dos
cidadãos e dos turistas. Conduzia alunos e visitantes
pelo centro histórico da cidade. Essas ações foram
colocadas em relatórios que passaram pela aná-
lise do IEPHA, voltando em verbas para o
município, conforme a pontuação recebida. Sua
sede por conhecimento sempre a leva a se ca-
pacitar, pois acredita que só assim poderá ser-
vir melhor a sua cidade. Desde 24 de maio de 2017
ocupa a cadeira nº 02 (Nestório de Paula Ribeiro),
sendo agora também uma das acadêmicas da
Academia de Letras de Paracatu. Empenha-se em
atender às solicitações, pesquisando sobre diversos
temas relacionados a Paracatu. Conta histórias
e causos paracatuenses, tanto aqui como
por onde vai, pois valoriza e tem gratidão por sua
terra amada.

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Esclarecimento

Declaro para os devidos fins que, recebi este
livro, nomeado de Livro de Ouro, com páginas
arrancadas. Tal livro, que deveria conter 100
páginas enumeradas apresenta apenas 66, as
demais foram arrancadas. não se sabe por quem
e nem por qual motivo. Para resguardar a
minha administração e os Conselhos que co-
migo se reuniram, por ocasião da escolha
de Personalidades Paracatuenses, candidatos
ao Salão de Fotografias da Casa de Cultura,
acrescento a este livro tal nota de esclareci-
mento.

Graciele Mendes de Souza Xavier. Diretora
Presidente da Fundação Municipal Casa de
Cultura.

Testemunhas:
Cássia Feminina dos Pires.
Janine Rocha Andrade
Claudisier Wagner Albernaz dos Santos

Terezinha Santiago Cordeiro
Claudia Araújo Jones
Elisângela Mesquita da Silva
Isac Costa Arruda

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQDI/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Regulamento para escolha das personalidades que poderão participar do Salão de Fotografias da Fundação Municipal Casa de Cultura de Paracatu.

1. O Salão de Fotografias é um espaço determinado na Fundação Municipal Casa de Cultura de Paracatu, no qual são homenageadas personalidades que dignificam o nome de Paracatu, nas diversas áreas.

2. O Salão de Fotografias fica localizado no hall convergente entre as salas do curso de música, de pintura, secretaria e salão de reuniões, conforme prevê o Plano de Ocupação da Fundação.

3. Só poderão ser afixadas fotos de personalidades no Salão de Fotografias depois de serem julgados pela Comissão criada pela Fundação.

3.1 Esta Comissão, abaixo-relacionada, terá mandato coincidente com a Presidência da Fundação.

4. Será escolhido um presidente para esta Comissão que deverá nortear os trabalhos da escolha do homenageado.

5. O Presidente da Comissão do Salão de Fotografias será eleito por voto secreto dentre os participantes da comissão em reunião dirigida pelo Diretor-Presidente da Fundação Municipal Casa de Cultura.

6. O homenageado poderá ser escolhido diretamente pela comissão ou indicado por qualquer membro da comunidade, desde que seja aprovado pela comissão, que será soberana

em sua decisão.

7- A Comissão escolherá apenas um homenageado anualmente.

8- Fica estabelecida a data da comemoração do aniversário da cidade de Paracatu, 20 de outubro, para que seja prestada a homenagem, em sessão solene, no Salão Nobre da Fundação, onde será apresentada à comunidade os atributos que justificaram a presença da fotografia e biografia que passará a constar do "Livro de Ouro", arquivado nesta Fundação.

9- As fotografias emolduradas poderão atingir a medida máxima de até 0,40 X 0,50 cm, sendo de cor preta e branca.

10- Os homenageados poderão ser escolhidos dentro do critério de destaque cultural, social, político, empresarial e comunitário desde que tenha elevado o nome de Paracatu dentro e fora de nossas fronteiras.

10.1- Não poderá ser escolhido, por maior que seja o mérito, uma pessoa que esteja exercendo cargo político.

11- Não poderá haver dentro dos critérios de avaliação para escolha do homenageado nenhuma discriminação racial, social, política ou financeira.

12- Fica expressamente proibida a retirada de fotografia que venha a compor o acervo da Fundação Municipal Casa de Cultura de Paracatu.

13- Fica criada a Primeira Comissão, composta dos seguintes membros:

Fundo Casa de Cultura/NGP/A001/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Coraci Neiva
Florival Ferreira
Jane Jordão
Luiz Gonçalves
Maria Isabel
Marisa Macedo
Max Ulhoa
Nenir Araújo
Ranulfo Neiva

Paracatu, 09 de outubro de 1995.

Fundação Municipal Casa de Cultura de Paracatu
Maria das Graças Caetano Jales
Diretora Presidente

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Entretanto, seu grande mérito foi o de ser auto-didata.
Modesto, mas com toda autenticidade, sem títulos de doutor, foi grande homem. Colocava sua inteligência a serviço da educação, do povo humilde, com nobreza, lealdade e idealismo.

O amor a Deus e à Pátria estavam acima de qualquer consideração. Foi um grande educador paracatuense, responsável pela formação cultural dos primeiros grandes homens que dignificaram o nome da cidade.

Como legado seu existe uma coleção de discursos escritos para todas as datas cívicas, dirigidos às crianças e jovens sobretudo, escortando-os ao amor à Pátria. São páginas literárias de imenso valor cultural - elas comprovam o seu dom da oratória e um profundo conhecimento da História do Brasil, sua Geografia e da Língua Portuguesa. Percebe-se em todas elas o orgulho de ser brasileiro.

O Professor Hosino Neiva fez do magistério um sacerdócio, no altar colocou também sua Pátria - e neste sacerdócio ele diferenciou os caminhos de sua vida.

Coraci da Silva Neiva Batista.
[illegible]
[illegible] [illegible]
[illegible]

Lavoisier Wagner Albernaz

Primogênito entre oito filhos de Benedita Albernaz dos Santos (Fiota), casada com Armando dos Santos. Lavoisier Wagner Albernaz nasceu em Paracatu, em 12 de dezembro de 1947.

Estudou no Grupo Escolar Afonso Arinos, depois na Escola Agrotécnica de Brasília. Volta a Paracatu e conclui o antigo curso ginasial na Escola Estadual Antônio Carlos. Em Brasília, outra vez, conclui o segundo grau escolar e, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos de Minas licencia-se em Letras. É professor de português na E.E. Antônio Carlos de Paracatu.

No campo literário associa as artes plásticas e teatrais e participa de todos os movimentos culturais de sua terra.

Publicou o livro de poesia **Viagem Absoluta** que, nas palavras de Alvaro Campos, "é uma viagem às origens, ao passado, à beleza das coisas simples e o viajar se compraz na contemplação universal da poesia."

A sua poesia é muito impregnada da paisagem e dos costumes de Paracatu. Há muito cheiro de terra,

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

de coisas simples da vida, aspectos humanos, demasiadamente humanos.

Em 1992 produziu o "Morro do Ouro: Ambição e agonia" sendo responsável também pelo roteiro, figurino e direção do filme, cujo elenco foi escolhido dentre os habitantes da cidade.

Atualmente Lavoisier Albernaz pesquisa o folclore do Município, pretendendo lançar em breve, um trabalho sobre o assunto.

Lavoisier Wagner Albernaz

Maria Conceição Adjuto Botelho

Em 29 de maio de 1892, na cidade de Paracatu, nascia Maria Conceição Adjuto Botelho filha de Francisco Garcia Adjuto e de Alexandrina Loureiro Adjuto.

Uma autodidata completa, pois recebera apenas a instrução primária. Casou-se muito jovem, com o fazendeiro Francisco Botelho.

As suas atividades juvenis foram de representar no teatro de Pedro Salazar. É através dele, despertou-se para as especulações filosóficas. Referindo-se a um ginásio improvisado pelo Dr. Salazar, é a própria Maria Conceição quem fala:

"Foi aí que pela primeira vez entrei em contato com a filosofia. Menina cheia de inquietação, insatisfeita com a ordem do mundo, tinha sede de conhecimento e com avidez me aproximei da filosofia. Filosofia clássica, racional era a que se ministrava. Sendo coisa bem rara a vocação filosófica, ele se animava com o meu progresso e não perdia ocasião de me tecer elogios."

Além de Pedro Salazar, também o prof. Júlio Roquete e Dr. Sérgio Ulhoa despertaram na para o mundo filosófico.

Depois em 1930, com a chegada do Dr. Queiroz de Lima, que torna-se diretor da Escola Normal Oficial Maria

Conceição trava nova amizade e fica assim, a par dos movimentos inovadores da intelectualidade da época. Daí em diante, passa a ler e estudar com afinco sobre as diversas correntes filosóficas. E, como resultado de seus estudos, escreveu **Amenizemos a Vida**, publicado em 1934. Um ensaio filosófico considerado pela autora uma tentativa de assimilação das diversas leituras feitas. No entanto, ela admite conceitos de grande atualidade como este sobre a mulher. "Emancipada, a mulher proverá a sua subsistência com seu próprio trabalho, não se levando à tragédia do casamento sem amor. Emancipada, escutará somente as vozes de seu coração, já que com o seu trabalho tem a existência garantida e não se descerá a artigo de comércio com tarifas e regulamentos do mais baixo nível de degradação e que pode cair a criatura humana". (p. 31) Além desse livro, em 1961 publicou Reforma da Filosofia. Dentre seus filhos devem-se destacar Pedro de Botelho, no campo da filosofia, com repercussão nacional. E na poesia, Branca e Beatriz.

Faleceu em sua cidade natal em 15 de maio de 1977.

Francisca Solano Ulhoa Botelho

Fundo Casa de Cultura/NGP/ADQI/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Olímpio Gonzaga

Olímpio Gonzaga nasceu em 21 de julho de 1877. Filho do tabelião Euzébio Michael Gonzaga e de D. Joana Lopes de Trindade.

Homem inquieto, após os estudos elementares e concluído o curso de normalista pela Escola Normal de Paracatu, iniciou a vida profissional como professor público primário da cadeira do sexo masculino do Distrito do Rio Preto, em Capim Branco (Unaí), em 01 de maio de 1900. À frente dessa regência permaneceu até 1912.

Nesse período como professor, nos instantes de folga, passou a dedicar-se à pesquisa histórica de Paracatu. Em 1910, às suas expensas, publicou o livro **Memória Histórica de Paracatu**, que o faria conhecido. Sempre procurou manter contato com as revistas especializadas e com historiadores da época.

Vale ressaltar, com justiça e exatidão, que Olímpio Gonzaga foi o pioneiro na compilação da história paracatuense, marcando época na própria historiografia mineira.

Outros livros escrevera Olímpio Gonzaga, mas, infelismente não

vieram à lume. Capítulos ficaram esparsos em jornais de Paracatu e da região. Dedicou-se ainda à genealogia, alguns estudos publicados em revistas especializadas. Dedicou-se também ao folclore, escrevendo Lendas do Brasil Central (ninguém sabe de seu destino)

Uma vez abandonado o magistério, já como Tenente Quartel Mestre da Guarda Nacional, desde 1910, fixou residência em Paracatu, como Contador, Partidor e Distribuidor da comarca (1913-1920) estabeleceu-se com comércio de armarinhos, secos e molhados, atelier fotográfico e como concessionários da Ford.

Foi nomeado Escrivão da Coletoria Federal de Paracatu (1933-1940), posteriormente, Coletor Federal, cargo em que se aposentou. Veio a falecer em 6 de dezembro de 1948, deixando viúva Laura de Sá Guimarães, sem descendência.

Leonina Gonzaga Pereira

[illegible]

Quintino Vargas Martins Ferreira

Walter Silva [illegible]

Pero Adjuto Botelho

Pero Adjuto Botelho, como assinava em seus trabalhos filosóficos, nasceu a 09 de março de 1920, em Paracatu. Era filho do fazendeiro Francisco Botelho e da filósofa Maria Conceição Adjuto Botelho (Dondona).

Fez o curso primário na fazenda de seus pais, tendo sua mãe como professora. Em Patrocínio, no D. Lustosa, iniciou o curso secundário, concluindo-o em Belo Horizonte, no Colégio Afonso Arinos. O curso superior foi feito na Escola de Sociologia Política da Universidade de São Paulo. Através de bolsa de estudos Fundação Rockfeller, em 1946, parte para o México e aí permanece até 1950, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autônoma de México. Realiza curso de especialização, aperfeiçoamento e doutorado, sob direção de José Gaos, ainda no México, dedicando-se às pesquisas na filosofia grega.

Um dos seus principais trabalhos de pesquisa, no México, foi acerca da natureza especial de Philis que atribuíram os gregos à Sophia e que funda, em estilo grego e ocidental, a filosofia. Trata-se de uma contribuição à fenomenologia do saber filosófico

Regressou ao Brasil, em 1950, como

Fundo Casa de Cultura/NGP/ADDI/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

prof. de Lógica, introducão à filosofia e didática da filosofia da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Deixou publicados, além de grande número de artigos em revistas e suplementos especializados, os livros tratado da mente grega; Três Fragmentos; O Intelectual e o Político; Poética; Ontologia da Obra de Arte. Inéditos ficaram: Tratado do Saber, Filosófico; Engenho e Arte; Antropologia: Dianóia; A Obra de Arte.

Faleceu, repentinamente, em Madri (Espanha), onde realizava trabalhos de pesquisa, em 08 de janeiro de 1971. Seu corpo foi translado para o Brasil e recebeu sepultura em sua terra natal, sob a consternacão dos familiares e de todos os conterrâneos.

Francisco Solano Motta Botelho

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Quintino Vargas

Quintino Vargas nasceu a 31 de outubro de 1891, no município de Paraopeba (M.G.), na fazenda São Sebastião, de onde se transferiu logo após, em companhia de seus pais Jorge Fernandes Vargas e Vitalina Correa Vargas, para a sesmaria do Monteiro distrito de Santo Antônio da Lagoa, atual Cordisburgo. Aí frequentou a escola, onde fez parte do curso primário na escola de Candido Pereira de Souza. Até 18 anos, trabalhou com sua família na lavoura e como ajudante de tropeiro, atividade exercida por seu pai.

Em 1910, transfere-se para Pirapora, região de novos impulsos econômicos, proporcionados pela chegada dos trilhos da Central do Brasil e pela navegação do Rio São Francisco.

Após longa experiência no comércio fluvial, estabelece-se em Paracatu, voltando a trabalhar com tropas até adquirir um estabelecimento comercial fixo. Casa-se com Maria Sóter Gonzaga em 1919.

Na sua visão de seus contemporâneos, sua maior e constante preocupação era "o progresso". Foi o precussor da navegação no Rio Paracatu, organizando entre 1918 e 1920 uma companhia de navegacão ligando a cidade de Paracatu ao porto de Pirapora no Rio São Francisco.

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Continuou em Paracatu, como comerciante e fazendeiro, já demonstrando aí sua liderança política na região, quando surge no país a questão da sucessão presidencial do Governo da República, ocupado por Washington Luís.

As crises econômicas e políticas ocorridas no decorrer dos anos 20, unidas à questão sucessória levam o país à Revolução de Outubro de 1930. Assim se apresenta Quintino Vargas ao Comando do Estado Maior Revolucionário, sendo apresentado por seu irmão o Coronel José Vargas da Silva, Assistente Militar do Secretário do Interior, que compunha o quadro dirigente da Revolução.

Voltando a Paracatu, foi recebido entusiasticamente pelo povo, onde retorna suas antigas atividades. Com a vitória da revolução é indicado como candidato à Prefeitura de Paracatu, sendo de imediato nomeado pelo Presidente Olegário Maciel. Eleito vereador em 1936, e já posicionado contra o governo Vargas, foi vítima de perseguição política tendo, devido às pressões que se retirar de Paracatu.

No auge de sua carreira política, quando buscava a consolidação de suas propostas, idéias e trabalho, vem a todos a notícia de seu inesperado falecimento, a 19 de agosto de 1949.

Lúcio Vargas Roncaglia
Quintino Vargas Martins Ferreira
Maria de Fátima Vargas da Costa

Romero Lepesqueur

Nascido em Paracatu, a 23 de abril de 1928, filho mais velho entre 4 irmãos. Seus pais, Gastão e Dilênia Lepesqueur, viveram sempre em Paracatu como fazendeiros. Casou-se com a Sra Toyoko Ohtani Lepesqueur,

Iniciou os estudos no Grupo Escolar Afonso Arinos, o ginásio foi feito em Uberaba MG. com os Irmãos Marista (Colégio Diocesano) e em São João-del-Rei com os padres Franciscanos (Colégio Sto Antônio), ao longo dos anos de 1939 a 1945.

Prestou seu 1º concurso público em 1946, ingressando, como 1º colocado, na Escola Preparatória de Cadetes do Exército, então em São Paulo-S.P (hoje em Campinas S.P). Aí adquiriu as condições de ser promovido a cadete da Escola Militar de Resende (hoje AMAN), em Resende-RJ.

Em 1948 foi declarado Aspirante-a-Oficial, situando-se em 1º lugar na Arma de Artilharia.

Ao longo de 48 anos, exerceu sempre funções exclusivamente militares, entre as quais:

Instrutor do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Curitiba, como tenente e capitão.

Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

Oficial de Estado-Maior da Brigada Latino-

Americana da Força Interamericana de Paz, durante a intervenção da Organização dos Estados Americanos (OEA) na República Dominicana.
Redator da Military Review, publicação militar da Escola de Estado-Maior do Exército Norte-Americano, em Fort Leavenworth - EUA.
Assistente do Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército.
Chefe do Gabinete da Diretoria de Processamento de Dados do Ministério do Exército.
Chefe da Divisão, na Escola Superior de Guerra.
1º Diretor da Auditoria do Exército.
1º Diretor do Centro de Avaliações do Exército, tendo organizado e instalado esses dois Órgãos:
Cmt da 8ª Região Militar (Belém-PA)
Vice-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas - EMFA.
Secretário de Ciência e Tecnologia do Exército durante mais de 3 anos.
Cmt Militar do Leste, com jurisdição sobre os Estados de Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.

Maria Letícia L. Cordeiro
Wander Cortes

Fundo Casa de Cultura/NUP/AQUI/BAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Sérgio Gonçalves Ulhôa

Nascido a 9 de setembro de 1866, na cidade de Paracatu, aqui faleceu a 19 de julho de 1939. Foram seus pais:
- Romualdo Gonçalves de Andrade e D. Francelina Pimentel de Ulhoa. Casou-se Dr Sérgio Ulhoa em Paracatu com D. Estefânia Vilela de Ulhoa, tendo vários filhos: José, Para, Maria, Chiquita, Maria Madalena, Adelino e Cândido. Formou-se em medicina no ano de 1890, pela Faculdade do Rio de Janeiro.

Voltou, então, para sua terra natal, onde exerceu sua nobre profissão até os últimos anos de vida, como um verdadeiro sacerdócio, atendendo a todos com dedicação, sem visar pagamento, desejando apenas curar as doenças ou pelo menos aliviar as dores de seus semelhantes. Para isso, viajava a cavalo por todo o município de Paracatu, o mais vasto de Minas, naquela ocasião. Foi professor de Ciências na antiga Escola Normal de Paracatu, tendo lutado pela criação do primeiro grupo escolar de nossa cidade.

Atividades Profissionais: Destacou-se no magistério, como político, foi vereador e pesquisador.

Atividade Científica. Defendeu tese sobre o uso de fórceps.

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Virgílio Rodrigues Bijos

Nasceu a 15 de dezembro de 1914. Na rua Sacramento; hoje, rua Eduardo Pimentel.

Fez o curso primário no Grupo Escolar Afonso Arinos

Aprendeu o ofício de padeiro e exerceu a profissão a vida toda.

Casou-se com Dona Odete de Souza Gonçalves e tiveram 14 filhos

Sempre lutou pela Cultura Paracatuense, conseguindo uma biblioteca para a cidade.

Quando vereador lutou pela regulamentação de uma lei para fundação de um museu histórico para a cidade.

Cidadão ímpar, combatente e defensor intransigente da causa pública e dos direitos da cidadania.

Não media esforços para praticar a caridade. E ainda estudava Botânica e a agricultura.

Foi Diretor-Presidente do Centro Cristo Redentor.

Era um incansável defensor dos menos favorecidos.

Faleceu em 05 de novembro de 1989.

Horacio R. Bijos

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Luiza Rocha

Luiza Rocha nasceu em Paracatu em 12 de junho de 1920, filha de Temístocles Rocha e Isabel Rocha. Fez o curso primário na Escola Estadual Afonso Arinos, o curso de adaptação e curso normal na Escola Normal Oficial Antônio Carlos de Paracatu, tendo recebido o diploma de normalista em 30 de dezembro de 1938. Acompanhando a sua caderneta escolar, que entre outras observações sobre vocação constou o seguinte: "poucas alunas têm certamente revelado aptdões equivalentes à Luiza Rocha."

Durante seus estudos dedicava parte de seu tempo ajudando o pai no comércio, de quem recebeu as melhores lições sobre a "arte de negociar" dentro dos ditames da honestidade. Trazia consigo o ideal de continuar seus estudos, entretanto reconhecia a necessidade de colaborar com seu pai na batalha que sempre enfrentou como fazendeiro, político proprietário e comerciante. Optou então pelo comércio onde iniciou o seu árduo trabalho em 1939, procurando sempre ao lado de seus familiares dinamizar a firma que hoje é orgulho em Paracatu.

A empresária Luiza Rocha através de uma administração cristã faz com que todos participem dos lucros da Empresa. Sua personalidade é sempre marcada pelo ideal de servir sua terra e sua gente.

Em 1962 atendendo pedido de seu pai candidatou-se ao cargo de vereadora, tendo sido a primeira mulher paracatuense a ocupar tão nobre cargo. Nesta época em que as mulheres aceitavam sem contestação que "política é negócio de homem" Luiza Rocha despontou como a vereadora mais ativa de que já se teve notícia. Durante o seu mandato foi secretária e presidente da Câmara Municipal. Sua atuação política se fez presente no setor educacional quando:
junto ao governador do Estado Dr. José de Magalhães Pinto e do Deputado Estadual Dr. Jorge Vargas conseguiu a criação e construção da Escola Estadual Temístocles Rocha, a construção do prédio da Escola Estadual Dr. Sérgio Ulhôa, da Escola Estadual Júlia Camargos, da reforma da Escola Estadual Afonso Arinos e Escola Antônio Carlos; da criação das Escolas Combinadas Anexas ao Orfanato São José.
Junto à comunidade destaca sua colaboração à Congregação das Irmãs Carmelitas desde sua chegada à nossa cidade até a construção de uma das maiores obras que engrandece a nossa terra o Colégio Dom Elizeu. Notória é sua atuação quando assume a reforma e ampliação das dependências do Asilo de São Vicente de Paula que se encontrava em ruínas. Com apoio de toda comunidade e dos vicentinos foi aquele asilo transformado em moderna construção que vem prestando maior conforto aos que ali residem.
Em 1989 completou 50 anos de trabalhos junto à Empresa Rocha e Cia Ltda recebendo, na oportunidade da Associação Comercial e Industrial de Paracatu através de sua Diretoria justa homenagem.
Luiza Rocha dotada de espírito forte sustenta os valores familiares pelo exemplo de dedicação amor e fraternidade cristã. É o elo que mantém a família unida. O amor de Luiza Rocha se concretiza pelas suas obras pois em cada canto de Paracatu sua presença se faz através de seu amor e de sua doação total em favor dos seus semelhantes e do progresso de Paracatu.
Com simplicidade procura em todos os aspectos servir e sentir a extensão e profundeza do grande ensinamento "**Há mais alegria em dar que em receber**".
Quando procurada dispensa todo seu calor humano com uma palavra e com um gesto de encorajamento "**Conte Comigo**", demonstrando desta forma a vivência maior do Evangelho que é amar a Deus e ao próximo. Sua fé se revela através das obras que edifica.

Luiza Rocha
x Beatriz Rocha
Conceição Rocha
M. Isabel Rocha

Anita Lopes Rocha
Tereza Botelho
Rita de Cássia Lopes Rocha
José Fernandes. Rádio [illegible]
Maria José de Sá Rocha
Ana Lúcia Francisco Pires
Maria [illegible] de Oliveira
Ernestina Mendes Borges
Alzi [illegible]
[illegible] Gilbert Batista Diniz
[illegible]
[illegible]

Biógrafa - D. Carmem Brochado Costa
Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles

[illegible]/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Marta Brochado Adjuto

É filha de Dr Joaquim Brochado e D. Maria Botelho. Nasceu em Paracatu onde fez os seus primeiros estudos na Escolinha de D. Júlia Camargos, no Grupo Escolar Afonso Arinos e na Escola Normal Antônio Carlos, transferindo-se mais tarde para Belo Horizonte, onde recebeu o diploma de Normalista no Colégio Sacré-Coeur de Marie. Retornando a Paracatu, lecionou por vários anos atividades ligadas a trabalhos manuais e modelagem, disciplina esta que mais tarde se transformou em "Artes Plásticas" e Economia Doméstica", onde permaneceu até se aposentar.

Desde muito cedo se revelou uma criança corajosa, irriquieta e curiosa. Na fazenda de seu pai, onde passavam as férias, ela liderava o grupo de amigos e colegas que sempre a acompanhavam nestas temporadas. Era a primeira que montava nos cavalos sem procurar saber se eram mansos ou não, tinha sorte pois não me lembro de nenhuma queda grave que tenha levado de algum deles. Chefiava também o grupo para a natação saltando dos altos barrancos que se erguiam dos córregos da fazenda. Gostava de conviver com os vizinhos amigos de seu pai de quem recebeu exemplo de amor e dedicação aos pobres, ao exercer a profissão de médico. Com ele, aprendeu muitas coisas, inclusive as primeiras noções de enfermagem acompanhando-o muitas vezes nos atendimentos a domicílio, quando era solicitado.

Revelou sempre muita curiosidade ao selecionar as amostras-grátis dos remédios que vinham dos laboratórios e que ficavam separados para serem levados aos pobres. Analisava minuciosamente as bulas dos mesmos e orientava os

Fundo Casa de Cultura/NGB/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

doentes nas maneiras de usá-los. O resultado foi sempre positivo e isto a empolgava na sua função de pequena charlatã. Este hábito a acompanhou pela vida afora.

Em 19 de outubro de 1942 casou-se com o Dr Almir Alaor Porto Adjuto, jovem e inteligente advogado que sempre participou ativamente da vida social e política desta cidade, tendo sido o seu companheiro e amigo de todas as horas. Tiveram sete filhos e quis o destino premiá-la com um filho excepcional. Premiá-la sim, pois foi a partir deste que ela depois de lutar com todos os recursos da medicina, chegou a conclusão de que seu filho não estava só, que como ele existiam inúmeras crianças doentes e desamparadas que aguardavam uma mão amiga para reerguê-las. Foi ai que nasceu a APAE, inicialmente APARE - Associação Paracatuense de Amparo e Recuperação do Excepcional, hoje integrada ao movimento nacional com a denominação de APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

D. Martha, verificando o alto índice de pessoas necessitadas de educação especializada e como mãe de um excepcional, conhecendo as dificuldades que este tipo de família enfrenta, atirou-se à tarefa de criar e manter a associação.

A Entidade foi fundada em 1977, inicialmente com pequeno número de alunos e hoje já conta com 230 matriculados.

Nos momentos de folga D. Martha dedicava se a assistir aos que necessitam de uma mão amiga, levando conforto aos que sofrem, encaminhando doentes à médicos locais ou para Brasília e Belo Horizonte, orientando procedimentos para aposentadoria, aliando-se em campanhas de distribuição de agasalhos e alimentos, procurando minimizar injustiças sociais. Além disto ela é presença constante e marcante nos momentos festivos ou dolorosos de parentes e amigos, que são muitos.

Assim é D. Martha, incansável, determinada, guerreira, que apesar dos cabelos brancos continua sendo uma presença jóvem e bonita.

Martha Brochado Adjuto
Almir Alaor Porto Adjuto
[illegible]
Mauro Brochado [illegible]
Lúcia Brochado Botelho
Carmen Brochado Porto
João [illegible]
Aiyara Aguiar Adjuto
Erika F. Adjuto
Izabella F. Adjuto
[illegible]
Frederico Ulhoa Adjuto
Lourenço Aguiar Adjuto
Alexandre Ulhoa Adjuto
Maria Costa Brochado
Magda Faria Adjuto
Maria Aparecida A. Adjuto
Clélia Ulhoa
[illegible]
[illegible]
Marlene Ulhoa Adjuto
Pedro Aguiar Adjuto
Mariana Ulhoa Adjuto

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Antônio Pedro Caxito

O primeiro filho da Prelazia de Paracatu a tornar-se sacerdote nasceu em São Romão M.G. ao 31 dias de dezembro de 1926. Filho do casal Joaquim D'Abadia Caxito e Mª da Ascenção Caxito, sendo o quinto filho dentre quatorze irmãos.

Ingressou na Ordem do Carmo dia 22 de janeiro em 1944. Realizou seus estudos eclesiásticos em São Paulo onde foi ordenado dia 11 de dezembro de 1949 por Dom Elizeu Van de Weijer que era Bispo Prelado de Paracatu.

Lecionou no Seminário Maior da Ordem Carmelita em São Paulo, no Seminário Menor de Itu prior e mestre de noviços em Mogi das Cruzes.

Chegou a Paracatu em 6 de junho de 1965. Foi prior do Convento das irmãs Carmelitas de Paracatu e foi nomeado vigário poucos dias após a morte de Dom Elizeu.

Frei Pedro chegou pequenininho aqui em Paracatu e foi se instalando no coração de cada um. Foi conquistando a amizade a confiança e o amor do povo desta cidade e de toda a vizinhança. Por todos é conhecido como amigo, o protetor espiritual, o santo do confessionário.

Enquanto vigário da paróquia teve um zelo especial com a guarda do patrimônio histórico, artístico e cultural de Paracatu.

Frei Pedro, o padre santo, o padre amigo foi se envolvendo de tal modo nas comunidades de Paracatu e Diocese com seu espírito de amor, de confiança, de esperança tudo isso envolvido

por uma película de humanidade (humildade).

Dedicou-se também a educação sendo professor de Filosofia e História da Educação na E. E. Antônio Carlos no curso de formação de Professores.

Com seu carisma não só ensinou mas também conquistou a confiança e o respeito de seus educandos.

Atendendo aos imperativos de sua vocação e cumprindo os deveres de sua missão ele viu nascer, batizou e acolheu mais de quatro gerações da família paracatuense.

A 13 de maio de 1983 a Câmara Municipal desta cidade concedeu o título de cidadão Benemérito de Paracatu a Frei Pedro Caxito. Ordem do Carmo.

Acontece que Frei Pedro vai além de um cumpridor de deveres exercendo as suas funções de sacerdote, acumulando o exercício de cidadania cristã às funções de conselheiro, de confessor, de compadre, de tio, de amigo. Permaneceu na Diocese de Paracatu até 1988. Regressando a São Paulo exerce o cargo de Conselheiro da Paróquia Carmelitana Santo Elias. Hoje, nossa história se engrandece ao laurear a nobre galeria de fotografias dos ilustres cidadãos paracatuenses e faz jus esta citação: Paracatu é de Frei Pedro e Frei Pedro é de Paracatu. 21/01/99

Frei Pedro Caxito Carm. - Leonor [illegible] Pereira - [illegible]
[illegible] Cardoso Coraci da [illegible] [illegible] Batista
[illegible] - Maria das Graças Caetano Sales

Fonte: [illegible] /Acervo Arquivo Público de Paracatu

Luiz Gouveia Damasceno

(Luiz de Dario)

Luiz de Dario, na verdade Luiz de Darilo, pois esse era o verdadeiro nome de seu pai, casado com D. Rita Pereira Damasceno, nasceu em Paracatu em 06 de janeiro de 1914 e faleceu prematuramente em 16 de junho de 1958. Foi um dos baluartes da cultura negra de nosso município exercendo com afinco diversas atividades culturais e artísticas.

Homem sensível, pai de uma das maiores glórias paracatuenses o nosso **Dario Alegria**.

Propagandista - pioneiro na área de comunicação fazendo propaganda para o comércio com um megafone improvisado.

Movimento negro - foi o fundador da primeira sociedade de negros e pessoas desfavorecidas - SOP. Sociedade Operária Paracatuense (Saca Rolha), tendo como companheiros de Diretoria José Gouveia Damasceno (Zé Pipoqueiro), Jacinta Pereira da Silva, Georgina Doceira e José Alves Meireles (Zé de Leno.)

Carnavalesco - criou o primeiro carnaval de rua em nossa cidade por volta de 1952 onde as pessoas desfilavam iluminadas pelo lampião de Seu Neco, pois nessa época não havia energia elétrica por estas bandas.

Religioso - era o leiloeiro oficial nas grandes festas do Divino e de São Benedito.

Folclorista - reviveu a Tapuiada criada pelo Padre Domingos, por três vezes na década de 50, merecendo vários registros e reportagens no jornal Estado de Minas.

Líder Nato - exercia forte liderança junto a comunidade, organizando festas famosas com seus com-

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

panheiros Zote André, Pé de Pato, Zé Pipoqueiro, Chico Banha, Nenem Rola, Paulo Turuna, Anísio Caldeira, Nezinho, Paulo Brochado, Antônio Chita, etc... Nestas festas, apesar das poucas posses Luiz sugeria a vestimenta dos homens e mulheres que caprichavam nos trajes sempre de casimira e voal.

Comerciante - tinha na Praça do Santana o "Boca da onça" onde se vendia de tudo, desde fumo até a famosa cerveja Antártica de Ribeirão Preto, posteriormente foi proprietário da sorveteria Ponto Chic e do restaurante Califórnia.

Músico - por fim para completar tantas qualidades era um exímio músico tocando vários instrumentos mas principalmente a Sanfona e o Pé-de-Bode alegrando todos os paracatuenses e visitantes. Já acompanhou em seresta o presidente Juscelino Kubitschek e era sempre requisitado para tocar nas rádios das cidades vizinhas como Patos de Minas e Goiânia. De certa feita Paracatu recebeu a visita do rei do baião Luiz Gonzaga; este convidou nosso Luiz de Dario ao palco e lá travaram um delicioso desafio sob o aplauso da multidão. Encerrado o desafio sem vencido ou vencedor, Luiz de Dario tocou o Hino Nacional em um pé-de-bode de oito baixos nas costas o que o tornou vencedor do duelo para delírio do público. Impressionado o rei do baião convidou o nosso Luiz a seguir seus passos e tentar a sorte na carreira artística. Luiz não foi, aqui era seu lugar e aqui estava sua gente.

Pai de família exemplar - criou sua numerosa família com responsabilidade, todos paracatuenses de destaque: Dario músico fundador da escola de samba Acadêmicos de Dona Beija, jogador de futebol tendo atuado em várias seleções (mineira, paulista e brasileira) e clubes famosos como Flamengo, Palmeiras, América Mineiro e no exterior; Francisco, o Chico, advogado, também ex jogador de futebol. Amélia, enfermeira há trinta anos no Posto de Saúde do Alto do Córrego; Quincas também ex jogador do Cruzeiro e da seleção brasileira de Juniores; Luiz, o Lu, músico que herdou o talento musical do pai e mais Maria Eugênia, Benedita, a Fiita, Clarice e Suzana, a Catita, estas duas últimas professoras em Paracatu.

Luis de Dario com tantas qualidades de homem e aptidões artísticas foi a pessoa que lançou a semente de uma vida mais bela, mais fraterna e valorizou o negro em nossa cidade.

A família de Luiz Gouveia Damasceno (Luiz de Dario), carinhosamente agradece a todos os paracatuenses que sensibilizaram e reconheceram a trajetória de um homem que muito contribuiu para a Cultura Negra e o folclore da bicentenária Paracatu. 5/11/99

Benedita Damasceno Alves   Suzana H. de Oliveira
Damasceno
Mª E. G. Damasceno   Clarice Dantas   Bertina F. Damasceno
José Gouveia Damasceno
Luiz Gouveia Damasceno Filho
Paulo G. Damasceno
Aparecida da Silva
Amélia Gouveia Galvão
Geraldina G. Silva

Biógrafo -
Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles

.../A001/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Romualdo Ulhoa Tomba

Aproveito a oportunidade para recordar um pouco sobre a pessoa do homenageado que foi um homem sensato, trabalhor dedicado à sua comunidade, caridoso, de caráter firme e humilde, traço essencial de sua personalidade que sempre procurou cultivar. Reconhecido como bom mediador era sempre procurado para aconselhar nos momentos difíceis, sobre assuntos públicos ou particulares. Amigo fiel, respeitado por correligionários e por adversários sempre soube atender a todos com justa atenção. Governou nossa cidade durante um período difícil, período de exceção em que o Brasil viveu sob a didatura do Estado Novo, em que o presidente Getúlio Vargas eliminou as prerrogativas democráticas e se instalou com plenos poderes no governo da União, além de ter enfrentado todas as dificuldades da Segunda Guerra Mundial (1939/1945). Essa situação não combinava com seu caráter de homem democrático, mas ele havia sido eleito pelo voto popular e tinha compromissos para com esse povo.

Os poderes de que foi investido poderiam propiciar a ele um enriquecimento ilícito, porém o que ele fez foi distribuir com justiça as oportunidades e trabalhar com afinco em busca do desenvolvimento da região. Bom exemplo disso foi o racionamento de gasolina ocorrido durante a Segunda Grande Guerra, quando o prefeito ficava encarregado de distribuir esse produto. Enquanto em algumas cidades os prefeitos se enriqueceram dando privilégios a alguns, em Paracatu a oportunidade foi oferecida a muitos, o que desagradou àqueles que gostariam de usar o poder público e a amizade para o benefício pessoal. Se nunca foi rico, ao terminar seu mandato se encontrava ainda mais pobre.

Suas principais obras:

1. Construiu a estrada ligando Paracatu ao porto ferroviário mais pró-

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

ximo que ficava em Patrocínio. Pode parecer muito comum hoje, mas quando pensamos que isso foi feito sem o auxílio de uma única máquina, tudo à mão, no cabo da enxada, na marreta e no serrote, percebemos a grandiosidade dessa obra essencial para o abastecimento da cidade e para o transporte de nossa produção;

2- Construiu a ponte sobre o ribeirão das Traíras;

3. Doou (de sua propriedade particular) o terreno do campo de aviação na Vargem do Moinho, inaugurou o aeroporto e foi um dos criadores do aeroclube de Paracatu que formou tantos pilotos para a cidade;

4. Criou a Biblioteca Pública Municipal com acervo composto por obras importantes para diversas áreas do conhecimento. Preocupar-se com a criação de uma biblioteca no sertão de Minas mostra um pouco das intenções do prefeito Tomba, mas para ele não bastava que tivéssemos livros, era necessário que fossem de qualidade e que pudessem servir a todos. A aquisição de livros foi feita com critério e com consulta a eminentes professores da Universidade Federal de Minas Gerais. Uma biblioteca não é um depósito de livros, mas uma extensão da comunidade onde as pessoas buscam novos saberes e novas relações com a vida, preocupar-se com isso significa buscar manter nossa fama de Atenas Mineira. E o que é uma cidade sem leitores e sem estudantes? Acredito que seja uma cidade fadada ao fracasso, pois não há progresso nem educação sem livros;

5. Criou uma pinacoteca com obras de importantes pintores como Guinhard, coisa comum apenas às grandes cidades;

6. Criou o posto agropecuário do Babão onde eram praticados os primeiros enxertos de plantas em Paracatu. Este posto teve grande importância para a agricultura da região e só desapareceu na década de 70.

7. Lutou pela preservação das pedras do calçamento de nossa cidade, o que marcou sua atuação política muito além do seu mandato. No tempo em que a modernidade de Brasília ofuscou nossos dirigentes, defendeu ardorosamente a preservação de nossas ruas e becos de pedra. Essa modernidade chegou e destruiu muito de nossa beleza, da nossa identidade como cidade colonial e das nossas possibilidades de explorarmos, exibirmos e valorizarmos ainda hoje o trabalho escravo que ajudou a construir a Paracatu que temos hoje.

Quem o conheceu se refere a ele como político de reputação ilibada e homem de caráter reto, sempre capaz de brindar as pessoas com palavras de amizade, compreensão e tolerância.

Paracatu, 17 de novembro de 2000.

[assinatura]
Florival de Assis Ferreira - Repres. Conselho Salão Fotografias
Maria das Graças C. [illegible] - Diretora Fundação M. C. Cultura
Helen Ulhôa Pimentel - Diretora de A. C. da F.M.C.C.
Graci da Silva Maia Batista - Presidente Academia de Letras Noroeste de Minas
[illegible] - Promotora de Justiça
[illegible] Ulhôa
Tereza Ulhôa Botelho
Glaúcia Ulhôa de Faria
[illegible]
[illegible] Ulhôa
Carlos [illegible] Ulhôa
[illegible] Batista Pimentel Resende [illegible]
[illegible] Ulhôa
Mário Lúcio Ulhôa
[illegible] Gonçalves Ulhôa
[illegible] Gonçalves Ulhôa
Mª Aparecida U. de Faria
Andréa Alves Ulhôa - Lucas Ulhôa Santos - João Paulo Ulhôa Santos
[illegible] Andrade Ulhôa
Alexandre Romualdo Ulhôa
Ana Paula Andrade Ulhôa Faria

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

[illegible] p/ Adriles Ulhoa
[illegible]
Célia Serena Ulhoa
Leazy Ulhôa Bijos
Horacio A. Bijos
[illegible] Ulhoa
Fátima Aparecida dos Reis Ulhoa
Dulce Aparecida C. Calçado
Valéria Cláudia [illegible] Ulhoa
[illegible] Araújo U.
[illegible]
Naya Barcelos O. Ulhoa
Rosemar Ulhoa Botelho
João Pires Filho ([illegible])
Francisco Solano Ulhoa Botelho
[illegible] O. Ulhoa
André Romualdo Ulhoa Torres
FRANCISCO VILLA ULHÔA BOTELHO
Graziela Oliveira Rocha
[illegible] Ulhoa [illegible]
Adriles Ulhoa Filho – Dizinho
Maria Conceição Ulhoa
Isadora Botelho Ulhoa
Eliana Campos Botelho Ulhoa
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]

Ruy de Araújo Caldas

Rui de Araújo Caldas nasceu em Paracatu em 26 de março de 1940. Filho de Jorge de Araújo Caldas e Benedita de Melo Caldas. O pai era vaqueiro, a mãe dona de casa. Apesar dos poucos recursos financeiros dos pais, os filhos foram criados sob princípios rígidos de educação e honestidade.

Jorge e Benedita criaram sete filhos: Lindoura, filha adotiva, Walter, Ruy, Maria Lúcia, Maria Auxiliadora. No meio rural onde a família residia, Ruy cursou as duas primeiras séries do Curso Primário. Em 1951 transferiu-se para Escola Estadual Afonso Arinos onde cursou até a 6a série. Em 1958 iniciou o curso técnico na Escola Superior de Viçosa onde terminou o ensino médio. Em 1961 é aprovado em 1º lugar no curso de Engenharia Agrônoma, na Universidade Federal de Viçosa. Em 1964 concluiu o curso de graduação e é convidado a ser professor da USP (Universidade de São Paulo). Obteve seu grau de PhD em Ohio, nos Estados Unidos. Em 1970 retorna ao Brasil e continua seu trabalho como professor da Esalq Usp. A esta altura casado com uma norte americana, teve três filhos Pedro Cristina e Juliana.

De 1972 a 1995 foi professor de Bioquímica na UnB.

Nos anos de 95 e 96 foi professor e pesquisador na Universidade Federal de Goiás.

Em 1997 a 1999 foi titular de Programas Especiais

Em 2000 estruturou o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos em Ciência, Tecnologia e Inovação.

Em 2001, é convidado a estruturar o programa de mestrado e doutorado em Ciências Genomicas e Biotecnologia na Universidade Católica de Brasília. Formou profissionais que hoje são líderes de pesquisa em varias instituições nacionais. como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa, Universidade Federal de Viçosa, Instituto Agronômo de Campinas, Universidade Federal do Paraná, Universidade Estadual Paulista e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Atualmente Ruy Caldas é o diretor do Programa "Stricto Senso", diretor do Centro Ciências da Vida. Atua como consultor em missões de governo em projetos científicos educacionais, e na área de biotecnologia em vários países, ministra palestras, recebeu diversos prêmios e condecorações entre eles: Comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico, Diploma USAID Medalha "Comenda Afonso Arinos, Prêmio Empresarial Bioplanta Tecnologia de Plantas S/A Prêmio Cidadão Viçosense - Prefeitura de Viçosa.

[illegible signature]

Maria Lucia Araújo Caldas
Benedita [illegible] Caldas
[illegible] Araújo Caldas
Maria [illegible] Caldas
[illegible] D. [illegible]
[illegible] Cunha
[illegible] da Silva [illegible] Batista
[illegible] Caldas
Dinamar Albernaz Neiva
Antônia [illegible] Caetano
[illegible] Maria dos Santos
[illegible] Marcos de Almeida
[illegible] Bianchini
Maria de Fátima [illegible] Cunha

Biógrafa - Inah Alvares da Silva Campos
Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles

Acervo Arquivo Público de Paracatu

Martha da Silva Neiva

Lila Lee Martha da Silva Neiva nasceu em Paracatu em 06 de agosto de 1924, sendo filha de Severiano da Silva Neiva e D. Amélia Albernaz Neiva.

Fez o seu curso primário na Escola Normal Antônio Carlos, onde se diplomou como professora em 1944. Seguiu para Belo Horizonte fazendo curso superior na Escola de Enfermagem Carlos Chagas, diplomando-se com distinção em 1947.

Após a conclusão do curso de enfermagem Martha Neiva assumiu a chefia da então maior maternidade do Brasil, ou seja a Santa Casa de Misericórdia de Santos, em São Paulo.

Entretanto, Martha Neiva sentiu o chamado de sua terra, tudo deixando em São Paulo e regressando a seus pagos, e Paracatu então muito carente, recebeu-a de braços abertos.

Assim foi que se dedicou a atividade de parteira particular, atendendo a todas as parturientes de Paracatu, independentemente de qualquer pagamento, recebendo em seus braços durante muitos anos gerações e gerações de paracatuenses, em grande parte seus afilhados.

O trabalho de Martha Neiva em Paracatu se compara em termos regionais com àqueles realizados no mundo por Madre Tereza de Calcutá e Irmã Dulce de Salvador, guardadas as proporções mas não a intensidade do valor social.

Concomitante a este trabalho Martha Neiva foi servidora pública do Estado de Minas Gerais, prestando seus serviços no único posto de saúde da cidade por 38 anos

onde teve sempre uma posição de vanguarda na defesa dos mais pobres, tanto no seu atendimento mais rápido como na administração de remédios, o que a sacrificou e a levou a polêmicas com a direção das casas de saúde, mais enquadradas no sistema tradicional da assistência social.

Martha Neiva mereceu de seus conterrâneos o mandato de vereadora, que exerceu sem remuneração, sendo autora de projetos que beneficiaram nossa terra, voltados sempre para a melhoria do nível de vida de seu povo, bem como lecionou por muitos anos no ensino público das escolas estaduais e também criou uma escola particular de alfabetização e educação primária, muito popular e querida pelos infantes da terra.

Durante 15 anos Martha Neiva exerceu gratuitamente a assistência ao Juizado de Menores, tornando-se querida e atuante em nossa Paracatu, sempre preocupada com a pobreza e melhoria de vida dos jovens de nossa terra.

Esta é a pessoa que o povo de Paracatu, em sua unanimidade deseja que seja homenageada em nossa Casa de Cultura, por seu trabalho diuturno, e por representar em seu conjunto de qualidades, o ideal de perfeição da mulher paracatuense.

Abaixo seguem algumas assinaturas de pessoas que comungam esta opinião, apenas representativas do todo que constitui os beneficiários da vida de sacrifício de Martha Neiva.

Paracatu, 10 de Novembro de 2007.

Lila Lee Martha da Silva Neiva. Maria Isabel Campos Botelho – [illegible] Elvira Campos Botelho Ulhoa.
Carlos Emanuel da Silva Neiva
Lana Lúcia Melo Franco Santiago

Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles -
Biógrafo - Dados recolhidos c/ familiares e amigos.

Fundo Casa de Cultura/ ... Acervo Arquivo Público de Paracatu

Dr Francisco Timóteo Lisboa

"Dr Chiquito"

Dr Francisco nasceu em Paracatu em 18 de outubro de 1916. Cursou o primário no Grupo Escolar Afonso Arinos, e o secundário do Colégio Dom Lustosa em Patrocínio - MG. Cursou medicina na FMG formando-se em 1944.

Em 1959 regressou a Paracatu onde permaneceu até o fim exercendo a medicina como um verdadeiro sacerdócio há 40 anos.

Dr Chiquito foi na verdade o precursor do que nós conhecemos como médico da família ou seja a sua preocupação não era apenas com a medicina curativa e sim preventiva. O seu trabalho foi reconhecido e agraciado por diversas entidades do estado de Minas Gerais, como a Associação Médica de MG, Associação Médica de Paracatu, Câmara Municipal, Rotary Club. Tudo isto graças ao seu trabalho filantrópico, cuja preocupação não estava direcionada para a aquisição de riquezas, mas tão somente em servir ao semelhante.

Fez da medicina a bandeira de sua vida, afastando-se até da vida social e das obrigações de fazendeiro.

O Dr Francisco Timóteo Lisboa, filho do Sr Antíssimo Lisboa e D. Celina Monteiro Lisboa faleceu no dia 15 de novembro de 2002 deixando muitas saudades, tristezas e o reconhecimento de uma cidade que muito o amou. Ao seu velório e enterro compareceu uma grande multidão

de amigos e admiradores do seu nobre caráter e de seu espírito de caridade e amor ao próximo.
Foi considerado o médico dos pobres e menos favorecidos e seu modelo de cidadão e profissional ficará como exemplo para as gerações vindouras.

Regina Anconi Lisboa de Mesquita
Lena M. Byvoct. Antonio Coutinho Martins Byvoct
Antonia Rodrigues Fiéis
[illegible]
[illegible]

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Biógrafo -
Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles

Francisco Ferreira Braga
"Chico Banha"

Francisco Ferreira Braga, Chico Banha, como é carinhosamente conhecido por todos, nasceu em 02 de março de 1922, na Rua dos Olhos D'água, hoje Rua Dr Rubens Bitencourt, onde cresceu, casou-se, criou os filhos e morou durante 80 anos. É filho do Sr Josino Ferreira Braga, ferreiro, e Da Firmina Felizarda Braga, dona de casa. É irmão de Plácido Ferreira Braga e Efigênia Ferreira Braga.
Foi casado com D. Sebastiana Santos Braga com quem teve os filhos Maria Efigênia Josino e Firmina. Tendo enviuvado casou-se pela 2a vez com D. Ana Rita Couto Braga e nasceram ~~Ana R~~ digo, Antonia de Cássia, Marcia Aparecida, João Francisco, Mauro Sérgio e Osvaldo Luis. Os filhos de Chico Banha e Ana Rita receberam ótima criação, excelente exemplo de vida e são muito queridos na comunidade.
Chico Banha exerceu por longos anos, enquanto as forças lhe permitiram, a profissão de ferreiro que aprendeu com o pai e com a qual sustentou sua família.
Dotado de generosidade e um coração despojado, agregou às tarefas do dia a dia várias atividades voluntárias: foi membro atuante da banda Lira Paracatuense, a qual ajudou a fundar; foi membro da sociedade beneficente São Vicente de Paulo, desde os 09 anos de idade, influenciado pela atuação do pai e continua vicentino até hoje.

Assim que aprendeu a ler e escrever foi convidado pelo bispo da Ordem dos Carmelitas, Dom Elizeu Van de Weijer para ser coroinha assistente.
Trabalhou com todos os bispos que passaram por Paracatu, desde Dom Elizeu na década de 30, até o atual bispo diocesano Dom Leonardo de Miranda Pereira. Atua como ministro da eucaristia desde a década de 80; foi catequista durante 50 anos; foi membro atuante das Comunidades Eclesiais de Base e da Liga Católica até a extinção de ambas.
Foi agraciado com dezenas de afilhados em todo o município e orgulha-se de todos eles. Dentre os mais ilustres destacamos o Exmo Dr Joaquim Benedito Barbosa Gomes, Ministro do Supremo Tribunal Federal, do qual é padrinho de Batismo e grande amigo da família.
Chico Banha conta hoje 85 anos de vida dedicados à família e ao zelo e dedicação aos trabalhos da igreja Católica em Paracatu.
Há 05 anos mudou sua residência para o bairro Bela Vista, onde é querido e respeitado pelos vizinhos.
Em resumo, esta é a vida do cidadão Francisco Ferreira Braga, o nosso querido Chico Banha.
Paracatu, 11 de novembro de 2007.

Márcia Ap. F. Braga Souza Mauro Sérgio F. Braga
Oswaldo Luiz F. Braga Ana Rita C. Braga
Isis Alcarira ; João Francisco Ferreira Braga
Antonia de cássia Ferreira Braga
Ronaldo Silva Tordão

-Biógrafo-
-Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles -

Fundo Casa da Cultura/NGP/APPI/CAVPB/Col.ORAL - Arquivo Público de Paracatu

Ministro Joaquim Barbosa

Joaquim Benedito Barbosa Gomes é um jurista brasileiro; ministro do Supremo Tribunal Federal do Brasil desde 25 de junho de 2003, quando nomeado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Entrou para a história da justiça brasileira ao ser o primeiro negro nomeado ministro do STF. Joaquim Barbosa nasceu em Paracatu, noroeste de Minas Gerais. É o primogênito de 08 filhos. Pai pedreiro e mãe dona de casa, passou a ser arrimo de família quando estes se separaram. Aos 16 anos foi sozinho para Brasília, arranjou emprego na gráfica do Correio Braziliense e terminou o segundo grau, sempre estudando em colégio público. Cursou Direito na Universidade de Brasília, onde, em seguida, fez o mestrado em Direito do Estado.
Prestou concurso público para Procurador da República e passou. Licenciado, foi estudar na França por 04 anos: mais uma especialização, outro mestrado e um doutorado, todos na área de Direito do Estado. Na volta, retornou ao cargo de procurador no Rio de Janeiro e professor concursado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e ainda professor-visitante de algumas universidades dos Estados Unidos. É fluente em francês, inglês e alemão, nesta ordem. Antes de sua nomeação para o Supremo Tribunal Federal, o Ministro Joaquim Barbosa exerceu vários cargos na administração pública federal. Foi membro do Ministério Público Federal de 1984 a 2003, com atuação em Brasília (1984-1993) e no Rio de Janeiro (1993-2003); foi advogado do Servi-

ço Federal de Processamento de Dados - SERPRO (1979-1984); foi Oficial de Chancelaria do Ministério das Relações Exteriores (1976-1979), tendo servido na Embaixada do Brasil em Helsinki, Finlândia; foi compositor gráfico do Centro Gráfico do Senado Federal.
Paralelamente ao exercício de cargos no serviço público manteve estreitas ligações com o mundo acadêmico. É Doutor e Mestre em Direito Público pela Universidade de Paris - II (Panthéon - Assas), onde cumpriu extenso programa de doutoramento de 1988 a 1992, o qual resultou na obtenção de 03 diplomas de pós-graduação. Cumpriu também o programa de Mestrado em Direito e Estado da Universidade de Brasília (1980-1982), que lhe valeu o diploma em Especialista em Direito e Estado por essa Universidade. É professor licenciado da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde ensinou as disciplinas de Direito Constitucional e Direito Administrativo. Foi Visiting Scholar (1999-2000) no Human Rights Institute da Columbia University School of Law, New York, e na University of California Los Angeles School of Law (2002-2003). É assíduo conferencista, tanto no Brasil quanto no exterior; foi bolsista no CNPq (1988-92), da Ford Foundation (1999-2000) e da Fundação Fullbright (2002-2003). É autor das obras "La Cour Suprême dans le Système Politique Brésilien", publicada na França em 1994 pela Librairie Générale de Droit et de Jurisprudence (LGDJ), na coleção "Bibliothèque Constitutionelle et de Science Politique"; "Ação Afirmativa & Princípio Constitucional da Igualdade" - o Direito como instrumento de Transformação Social. "A experiência dos EUA", publicada pela Editora Renovar, Rio de Janeiro, 2001; e de inúmeros artigos de doutrina.
Paracatu, 15 de outubro de 2011.

Fundo Casa de Cultura/NSP/A001/GAV03/Cad.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Biógrafo - Fernando Furtado Barreto.
Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles.

João Soares de Oliveira, João da Farmácia

Nos primeiros anos do século XX, o comércio de Paracatu era abastecido na sua quase totalidade, pelos vapores que cruzavam o Rio Paracatu, trazendo, entre outras mercadorias, café, arame, tecidos e ferragens. Seu Francisco Soares, de carro de boi, transportava tais mercadorias do Porto Buriti para a cidade, num trajeto que durava de 02 a 03 dias de viagem até a cidade. Casou-se com Fé Honória de Moura, Sá Fé e, morando na fazenda "Neto", de sua propriedade, pequena para os padrões da região, tiveram seu primogênito, o João, João Soares de Oliveira, que nasceu no dia 16 de junho de 1913 e que mais tarde se tornou o conhecido João da Farmácia. Tudo ia muito bem até os primeiros cinco anos de João. Foi quando seu pai, Francisco, conduzindo uma comitiva de estudantes a cavalo, única alternativa de transporte terrestre da época, teve um acidente fatal, quando, acampados, um tiro acidental disparado de sua própria arma lhe tirou a vida. Sá Fé, com os filhos,

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

passou a lutar com dificuldades com a falta do marido e João foi encaminhado para a casa dos compadres Joaquim e D. Ladinha Santiago, que o acolheram e passaram a se responsabilizar por sua criação. Com tenra idade, já ajudava nos serviços da casa, varrendo quintal e carregando os baldes d'água da mina que abastecia a casa. Aos 07 anos iniciou seus estudos na escola primária, cursando em seguida a Escola de Adaptação Normal por mais 04 anos, atingindo um bom nível de escolaridade para os padrões da época. Aos 12 anos foi encaminhado para o trabalho na farmácia da família Santiago, iniciando assim a longa carreira que o tornou um dos personagens mais conhecidos e admirados de Paracatu. Aprendeu rapidamente os serviços da farmácia, a ciência da manipulação de medicamentos, orientado por Dr Antero Santiago. Fez também, na capital mineira, um curso de manipulação e de laboratório de análise, obtendo certificado e autorização para a realização de exames básicos de urina e fezes. Já rapaz, namorador e com bastante zelo pela aparência, chamou-lhe a atenção uma linda morena, assídua frequentadora da Igreja Presbiteriana, vizinha da farmácia. E assim surgiu em sua vida Maria Trindade, a dona Cota, com quem se casou no ano de 1942, e que lhe deu 06 filhos e com quem dividiu a responsabilidade de educá-los, ao longo de mais de 60 anos de casados. Também por mais de 60 anos dedicou seu trabalho à farmácia, atendendo a todos com solicitude e presteza, fazendo da sua profissão um verdadeiro sacerdócio. A deficiência ou inexistência de hospitais fazia com que os médicos atendessem e tratassem os doentes em suas próprias residências e as famílias paracatuenses se valiam do João da Farmácia para a aplicação de injeções, soros, curativos e o mais necessário para o tratamento. Para ele, - os paracatuenses mais velhos são testemunhas -, não havia horário, noite ou madrugada. De uma solicitude a toda prova, atendia a todos, pobres e ricos, com a mesma presteza e bom humor, transformando-se num personagem de inúmeros casos, alguns muito curiosos, narrados por inúmeras pessoas que os presenciaram.

Fazia parte de sua vida uma inseparável bicicleta, que adquiriu ainda adolescente e que se transformou no seu meio de transporte preferido para atender a população durante toda a sua vida.

Incentivado pelos amigos e correligionários deu também sua contribuição à política local, sendo eleito vereador por dois mandatos, participando assiduamente das sessões, respeitado por seus pares por sua integridade e lhaneza. Dentre outros, é de sua autoria o projeto que fez do dia 20 de outubro a data máxima do município, corrigindo um erro histórico que atribuía a outro dia a comemoração do aniversário da cidade. Defensor incansável dos direitos dos cidadãos, frequentou as reuniões da câmara até poucos antes de sua morte, aos 91 anos de idade. Naquela casa sempre recebeu tratamento respeitoso e carinhoso de todos os vereadores, que lhe reservavam, inclusive, uma cadeira cativa no plenário.

Faleceu no dia 22 de outubro de 2004, cercado do carinho dos familiares e amigos, não resistindo à dor da perda de sua companheira D. Cota, que falecera 43 dias antes, no dia 09 de setembro.

Como última homenagem, a Câmara Municipal permitiu que seu corpo fosse velado em suas dependências, onde os paracatuenses puderam demonstrar, e o fizeram em grande número, o reconhecimento pelos

relevantes serviços que prestou à comunidade.
Assim, o Sr. João Soares de Oliveira, o João da Farmácia, deixou como legado o exemplo de honestidade, humildade, honradez e espírito público.
Paracatu, 15 de Outubro de 2011.

Vera Lúcia de Oliveira Lemos, Rosa Maria de Oliveira Barreto - Wagner Francisco Soares Oliveira
Adelaide Soares de Oliveira Veiga, [illegible] Soares Oliveira
Carlos Silvano Soares Oliveira -
Vinícius de Oliveira Sarma,
Flávia de Oliveira Barreto, Fernanda Barreto Ribeiro
Carlo Santana de Oliveira, Fausto Furtado de Oliveira Barreto, Eduardo Ricardo Oliveira da Veiga
Amanda B. J. Oliveira, Natalie B. Sanders, Hugo Costa Gomes
[illegible] Botelho
[illegible]
Marlene Pereira Aragão Manoel G. Torres Fº
Fernando Santos Barch [illegible] dos Silva
Aparecida de Fátima S. Silva
Hugo do Carmo Mundim [illegible]
Márcia [illegible]
Ricardo Oliveira / Lana Lúcia Melo Franco Santiago
Fabrícia Borges Mundim
SUSANN SANDERS
Maria de Lou Santiago M.
Guilherme de Melo Veiga Oliveira
Delcídio Reis Vilela
Eugênia Maria de Jesus
Talles de Jesus Vilela
Rafaella Oliveira Sanders
Antônio Silvio Teixeira de Melo
Simone Mendes Porto
Hugo Castro [illegible]

Biógrafa: Ana Rocha Faria
Transcrição - Dalia Maria Neiva Moreira Salles

Fundo Casa de Cultura/NOP/AQ01/GAV03/Cod.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Coronel José de Faria Pereira Sobrinho

Nascido em Paracatu em 23 de agosto de 1925 foi o segundo filho entre dez irmãos. Filho de Bernardino de Faria Pereira e D. Mercedes Jordão de Faria, que viveram sempre em Paracatu como fazendeiros.
Casou-se com a senhora Nilda Siqueira e tiveram 03 filhos: Roberly, Thalles e Newton.
José Faria iniciou seus estudos no Grupo Escolar Afonso Arinos sendo suas primeiras professoras D. Risoleta e D. Conceição Macedo. Terminado o curso primário foi para Belo Horizonte para continuar seus estudos no Colégio Arnaldo. Terminado o curso secundário ingressou na Escola de Aeronáutica onde estudou e exerceu várias funções: Piloto Privado, Cadete do Ar, Aspirante Aviador, Aviador Naval e muitas outras.
Foi comandante da Esquadrilha de Adestramento - BABE, Chefe do Departamento de Aviação do CIAAN-MB; Comandante da 2ª Esquadrilha de Ligação e Observação; Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica e do Exército. Foi piloto de 03 presidentes da República e tinha mais de 20.000 horas de voo.
Também representou a Aeronáutica brasileira em vários países: Estados Unidos, França, Inglaterra, Japão e outros. Publicou várias obras de ensino militar, dentre elas: Manual de esclarecimento aéreo, Manual de força aérea, Escola de comando e estado maior da Aeronáutica e muitas outras.
Recebeu várias condecorações militares de Presidentes

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

da República, Ministros de Estados e Comandantes, re-
cebendo também várias medalhas de bons serviços
militares.
Enfim, amou a carreira da Aeronáutica Militar, deu
o melhor de si e foi um vencedor. Amava o Rio de
Janeiro, amava o ar, alçando grandes vôos, mas
sem esquecer-se de sua terra natal.
Em suas visitas à Paracatu sempre questionava o de-
saparecimento das igrejas de sua época, das pedras,
das ruas, enfim. Pilotou jatos profissionalmente até
os setenta e sete anos. Irriquieto e com saudades do
ar descobriu o ultraleve, nova paixão. Foi membro
da Associação Brasileira de Ultraleves. Já adoen-
tado fez seu penúltimo vôo em 22 de julho deste com
seu amigo o Brigadeiro Batista. Terminando, permi
tam-me lembrar da poetisa paracatuense Branca
Botelho em sua poesia "Cidade pequena":
-"Que vontade de respirar o ar do alto!
O vento dos horizontes abertos
Vôa, minh'alma, voa.
Vôa alto por cima de tudo.
Quisera que você se distendesse
como um elástico
E crescesse... crescesse...
Até abarcar o mundo!"
Foi o que lhe aconteceu José de Faria Pereira Sobrinho.
Seu vôo derradeiro foi no domingo dia 02 de se
tembro de 2012 deixando méritos notórios para
sua família, para o Brasil, e Paracatu sua ter-
ra natal. Deve ter ido conhecer as praias do oceano
de luz, morada certa dos homens simples e de bom
coração - cumpridores de seu dever de vida.
Paracatu, 25 de outubro de 2012.
Lana Lúcia Melo Franco Santiago

Max Gonçalves Ulhoa - 1ºCP
Uldcleia Oliveira Piguetti
Rosana Faria Maciel
Maria Remígio Cafeki
Gilberto Martins dos Santos 45º BPM
Christiane de Faria
Débora Faria Wachsmuth
Felipe Mendes Faria
Ana Rocha Faria
[illegible] Faria Macrím
Yara Mendes C. Faria
Daniel Faria Wachsmuth
Inês Rocha Faria
Mário Rocha Faria
Helder Faria Oliveira
Mário Faria F.
David Vasconcelos Rabelo
Ênio Rocha Faria
Walkíria Pimentel Barbosa Faria
Pedro Pimentel Rocha Faria
[illegible] Faria
Jonas José Jordão Faria
Solange Faria Maciel Biulchi
Gilma [illegible] Jordão Faria
[illegible] Silveira Albernaz
Kátia Aparecida Maia Pereira
Ênio Rocha Faria
[illegible]
Nélio Faria
[illegible] Abreu Cost.
Alberto Mendes [illegible]
Murilo Aragão Faria

—Biógrafa = Jane Auxiliadora Jordão Botelho
—Transcrição = Dalia Maria Nelva Moreira Salles

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Ruy Jordão de Carvalho

Ruy Jordão de Carvalho nasceu em Paracatu em 17 de abril de 1919, o quinto filho de José Jordão Júnior e D. Leopoldina Vieira Jordão. Conheceu as primeiras letras no Grupo Escolar Afonso Arinos, distinto e afamado educandário paracatuense até os nossos dias. Desde cedo manifestou grande pendor e admiração pelas artes em geral. Também pelo jornalismo e pelas letras. Gostava de História e amava tanto Paracatu, sua terra natal, que tudo o que via de bom ele almejava e não media esforços para que Paracatu também pudesse possuir coisa igual.

Foi casado com D. Maria do Carmo Taveira e tiveram os seguintes filhos: Gilson, Magda, Jane, Jussara e Sálvio.

Como político trouxe para Paracatu o partido MDB, Movimento Democrático Brasileiro o qual veio reforçar o sentimento democrático que ele possuia e carinhosamente o apelidou Meu Deus Bom.

Fez de tudo para apresentação e conservação do teatro "Philodramático", porém para sua tristeza, quando chegou a adquirir o prédio que tanto enobreceu Paracatu, o mesmo já tinha sido incendiado, tanto o palco e uma grande parte do prédio; o que para a época, tornou-se impossível a recuperação do mesmo. Mas, foi a partir daí, que ele construiu o novo prédio, que veio abrigar o novo cinema "Cine Paracatu", sendo aplaudido por grande parte da população.

É também de sua responsabilidade a inserção de Paracatu na vida econômica do país com a instalação do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, sendo gerente da mesma por alguns anos.

Presidiu o Aero Clube Paracatuense por 03 gestões. Conseguiu por intermédio da Aeronáutica o primeiro avião denominado "Paulistinha" e autorisação para instruções de vôo. Trouxe pela 1ª vez a Paracatu, a famosa Esquadrilha da Fumaça. Também por 03 gestões dirigiu o Jóquei Clube Paracatuense introduzindo a quadra de patinação e reabilitando a parte do turfe, a social, bar, restaurante e os jogos permitidos por lei. Criou a eleição da "rainha do turfe", quando, por coincidência, foi eleita a primeira rainha sua filha Jane Auxiliadora Jordão. Foi fundador da banda de música "Lira Paracatuense", registrando-a no conselho federal de música do Rio de Janeiro. Participou na criação da Hidroelétrica, Companhia Telefônica e Rádio em Paracatu.

Foi a Brasília a pedido de Juscelino Kubitschek para ajudar na construção da capital levando 03 caminhões e muitos operários paracatuenses.

Ainda no Cine Paracatu além de ter revolucionado a sétima arte exibindo as melhores películas, Ruy Jordão de Carvalho revelou também suas veleidades artísticas, quando encenou e atuou na peça "A ré misteriosa" contracenando com a saudosa Maria Pereira da Costa, que interpretou o papel título. Bem mais tarde doou todo o material de projeção do Cine Paracatu ao nosso Museu Histórico, onde ele se encontra bem conservado e despertando alegres recordações aos visitantes.

Incentivou e auxiliou na implantação do jornal "A Tribuna" por intermédio do jornalista José Henriques Barata.

Ruy Jordão recebeu as seguintes condecorações:

- Comenda Santos Dumont outorgada pelo Ministério da Aeronáutica, pelos bons serviços prestados à Força Aérea Brasileira – Comendador Ruy Jordão de Carvalho.
- Condecoração Meganha de ouro pelo comandante do Batalhão de Patos de Minas Coronel Saint' Clair da policia

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

militar de Minas Gerais, pelos bons serviços prestados.
– Moção da Câmara Municipal de Paracatu em reconhecimento aos relevantes serviços prestados nesta cidade por iniciativa do vereador Edgard Caldas, em 1991.
– Homenagem pela Câmara Municipal de Paracatu em 2003 em reconhecimento pelos justos trabalhos prestados à sua terra natal, pelo vereador Juarez Pereira.
– Recebeu grande homenagem em carta aberta pelo editor do jornal "O Movimento", jornalista José Edmar Gomes, em 2008.
Finalmente, aos 88 anos, vítima do mal de Parckson, em 31 de janeiro de 2008, na terra que o viu nascer, Paracatu, ele voltou para Deus.
Sobre Ruy Jordão de Carvalho, o historiador Oliveira Mello escreveu:
" Uma pessoa sempre pronta a combater por sua família, por sua terra, e envelheceu esperando uma manhã melhor para todos".
– Paracatu, 18 de outubro de 2013. –

Graciele Bendes de Souza Xavier
Janine Rocha
Jane Auxiliadora Jordão Botelho
Terezinha de Jesus Santana Guimarães
Joana das Graças Jordão
Jaqueline Wagner Albernaz dos Santos
Terezinha Santiago Cordeiro
Maria José Oliveira Lima
Cleide Caldeira de Oliveira
Isabel Conceição Franco
Esperança Jordão Rocha
Maria da Cruz Santana
TEMÍSTOCLES ROCHA NT
Caridade Jordão Batista
Waldir Ulhôa Batista

Maria José Gonçalves Santos
Magda Jordão
[illegible]
Conceição da Silva Neves Batista
Cristina do Carmo Jordão
Edna Sueli das Dores
Juliana Botelho Carneiro
[illegible]
Sabrina Jordão Botelho Dantas
Antonella Jordão Botelho Dantas Souto
Matteo Jordão Botelho Dantas Souto
Fabrício Dantas Souto

Zote André

No inverno de 22 de junho de 1924, nascia na cidade de Paracatu, Joaquim André Sobrinho, penúltimo dos 10 filhos do casal João André e Maria Cândida André. O menino de tez morena, corpo forte, cabelo escuro e maneiras educadas, logo foi apelidado carinhosamente de Joaquinzote-Zote.

Sua infância foi marcada pelos folguedos da época, pelos estudos no Grupo Escolar e pelos afazeres junto à mãe, aos irmãos e ao pai. Desde esta época, a música o atraía e nas festas familiares já tocava acordeão praticamente como autodidata.

As primeiras noções musicais ocorreram na adolescência, com seu Ismael da Banda Euterpe, tendo aprendido com facilidade tocar clarinete e saxofone. A partir daí, a música entrou na sua vida como uma parceira, uma namorada secreta, e o jovem Zote entrou em um mundo mágico de sons, ritmos e melodias que só os artistas podem comungar.

Em março de 1946, transferiu-se para o Rio de Janeiro para prestar o serviço militar, junto ao 1º Regimento de Cavalaria, onde tocava nos bailes e festas do Batalhão. Após cumprir seus deveres junto à Pátria, retornou à cidade Natal empregando-se no comércio e logo adquiriu o seu próprio armazem de secos e molhados, denominado de Casa Central, localizado à Rua Goiás, 413. Nesta época, contava aproximadamente com 23 anos, encontrava-se no apogeu da juventude e além do trabalho no armazém, tocava nos bailes domésticos e no Jóquei Clube, em serestas ao luar, junto aos amigos e várias vezes, junto ao querido amigo Juscelino Kubtschek que vinha de Brasília para participar das belas serenatas nas fazendas. Zote era muito querido e respeitado pela sociedade paracatuense, era assíduo frequentador da Igreja Católica, tinha grandes amigos e juntos, por volta de 1951, fundaram a Liga Católica Esporte Clube (futuro União Esporte Clube), destacando-se neste trabalho. Em fevereiro de 1957 casou-se com Ivone Machado Rocha, com quem teve 6 filhos e foi casado por mais de 50 anos.

No período de 1962 a 1965 foi vereador, época em que este serviço político era voluntário.

Em 28 de outubro de 1962 fundou a Sociedade Corporação Musical Lira Paracatuense que teve como maestro o Sr. José Araújo. A seguir, o próprio Zote assumiu a coordenação de tão importante projeto e esteve à frente da Banda Lira por mais de 40 anos. A Banda Lira Paracatuense tornou-se patrimônio cultural e musical da cidade, abrilhantando procissões, desfiles, inaugurações e todos os eventos nos quais era solicitada. Foram 44 anos frente à Lira Paracatuense, período dedicado ao preparo e ensino de novos músicos, ensaios semanais, viagens, apresentações e estudos associados aos compromissos junto à família e à sociedade Paracatuense. E assim, o nosso querido maestro foi amadurecendo

Arquivo Público de Paracatu

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

e envelhecendo junto à Banda, até que em 2006, aos 83 anos, afastou-se da coordenação do tão querido empreendimento, vindo à despedir-se definitivamente em 17 de Agosto de 2007, quando o criador o solicitou para fazer parte da Banda Musical Celestial.

"Seu coração deixou de pulsar, mas sua melodia permanece..."

Eucária Oliveira Neiva (D. Tataia)

Eucária Oliveira Neiva nasceu em 01 de abril de 1911 na cidade de Paracatu, filha de José Tomáz de Oliveira Melo e Augusta da Silva Neiva. Nasceu na zona Rural do município, na região do Quebra Eito e passou sua infância na Fazenda Barreirinho, na companhia de seus pais e de cinco irmãos. Eucária, mais conhecida como D. Tataia, autodidata e dedicada a trabalhos manuais não se limitou apenas a ser do lar, era costureira e desenvolvia atividades diversas com o dom que tinha de criar. Na época dos festejos de São Benedito, um dos mais venerados santos da cidade até hoje, a procura pelas imagens de cera chamadas de milagres era intensa. Sua fama se espalhou e muitas pessoas de outras localidades vinham à cidade a procura de seus trabalhos. A saúde sempre foi debilitada devido a brucelose que teve na infância e também pela asma, mas não parou de trabalhar, principalmente com crianças. Em 1954 iniciou as coroações à Nossa Senhora, que acontecia durante o mês de maio. Era um coro de anjos formados por crianças e adolescentes que cantavam em louvor à Maria, mãe de Jesus. D. Tataia foi para o município durante décadas, um referencial das festas e eventos religiosos. Contribuiu na educação e formação religiosa das crianças, que ainda se recordam com saudades de seus

ensinamentos. Dedicava-se também aos grupos que faziam Romarias para Aparecida do Norte e para Bom Jesus da Lapa, na Bahia. Sua preocupação em conservar o Patrimônio Histórico da cidade reluziu quando defendeu a Igreja do Rosário de um possível arrendamento para o Banco do Brasil. Na época, Dom Raimundo, Bispo diocesano pretendia suspender as missas na Igreja e segundo testemunhas, isso não aconteceu porque D. Tataia interviu através de carta enviada a autoridades do Estado. Mais uma vez D. Tataia defende parte da história desta terra.

D. Tataia trabalhou até os últimos dias de sua vida. No ano de sua morte, os problemas de saúde se agravaram deixando-a presa numa cadeira de rodas, mas ainda assim fez com muita dificuldade sua última coroação. Seu pedido era que alguém continuasse a devoção a quem chamava sempre de Rainha do Céu. Faleceu no dia 18 de novembro de 1988.

Ed Guimarães

Edvaldo Guimarães nasceu no dia 17 de outubro de 1966, na cidade de Ipatinga-MG, filho de José Pedro Guimarães e Raymunda Maltha Guimarães, tendo dois irmãos, Harly Guimarães e Nilce Malta Guimarães. Começou sua carreira no Rádio aos 15 anos de idade, em 1981 na Rádio União de João Pinheiro, onde morava nesta época. Em 1984 veio para Paracatu trabalhar na fase de implementação, na Rádio Boa Vista FM. Foi também através dos seus trabalhos com rádio que adotou o nome artístico de Ed. Guimarães. Em 1983 Ed conhece Mirian Célia, sua primeira esposa, com quem viveu por mais de 20 anos e teve seus quatro filhos: Monique, Ed Junior, Iago e Edu Victor. Foi fundador do Programa FM Reporter, onde atuou por mais de 25 anos, contando a história de desenvolvimento da cidade que lhe recebeu de braços abertos. Narrou momentos felizes, mas também tragédias e fatalidades. Ed usava seu programa para ajudar a população de maneira em geral, conseguindo vários tratamentos de saúde, fazendo encontros de parentes que não se viam há muitos anos ou dando voz a instituições de caridade e ONG's. Recebeu o título de cidadão Paracatuense e assim realizou o sonho de também ser filho da Paracatu que tanto se orgulhava. Com Claudete Campos, sua segunda esposa, casou-se na cidade de Las Vegas

Fundo Casa de Cultura/NGP/A001/GAV03/Cad.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

tendo vivido ao seu lado por 9 anos até o dia do seu falecimento. Ed foi um exemplo de força, garra e vontade de viver! Durante o tratamento contra o câncer, sempre passou para a família e para os amigos muita firmeza e confiança em sua recuperação. Faleceu em 11 de Junho de 2015, no hospital Beneficência Portuguesa na cidade de São Paulo - SP, foi velado na Câmara Municipal de Paracatu e sepultado no cemitério Santa Cruz. Sua partida foi uma perda muito grande para todos os paracatuenses e sua imagem e voz ainda vivem na memória de Paracatu.

Christiano da Costa Bezerra

Christiano da Costa Bezerra nasceu em 25 de julho de 1908, em Paracatu, Minas Gerais. Era filho de Ciríaco da Costa Bezerra e Antônia das Dança Mercês.

Era o primogênito de sete irmãos. Aos 14 anos perdeu sua mãe e pouco depois, seu pai, sendo amparado pela avó e tias. Sendo o mais velho dos irmãos, começou a trabalhar para cuidar dos outros irmãos menores. Trabalhou na roça, depois aprendeu a trabalhar de pedreiro, no que trabalhou vários anos e finalmente foi Oficial de Justiça. Neste trabalho, viajou muito, enfrentou muita gente brava com calma e firmeza.

Casou-se aos 27 anos com Thomázia Ferreira da Costa e tiveram uma filha: Maria Adelina da Costa Bezerra.

Quando jovem, gostava muito de música e fazia serenata com os amigos, nos finais de semana. Tocou na Banda Euterpe de Paracatu durante anos.

Era muito religioso, não perdia as programações da Igreja. Nas barraquinhas, era leiloeiro e fazia com muita empolgação. Era rezador e atendia a todos que o procuravam.

Não tomava água e nenhuma outra bebida, só tomava leite.

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Pai carinhoso, bondoso, paciente, sempre amigo e compreensível. Avô excelente, os netos amavam estar perto dele.
Estava sempre bem, não aceitava estar doente, sempre forte e animado, esperava viver 100 anos.
Não realizou este sonho, pois aos 75 anos foi acometido por um câncer que o levou à morte aos 78 anos, em 07 de Junho de 1987.
Recebeu cuidados da filha, genro, netos, da irmã e amigos, que até hoje lembram dele com saudades e doces recordações.

Romulo Martins Oliveira

"Veterano das Forças de Paz da ONU no Timor Leste."

Rômulo Martins de Oliveira, paracatuense, nascido em 28/04/1981; filho de Conceicão Martins, mais conhecida como Dona Preta, tem dois irmãos, Rodrigo Martins e Renzo Martins. A mãe sempre o ensinou a honrar e defender o país. Desde a infância Romulo sonhava em defender e representar o Brasil em uma guerra ou em uma missão de paz. Ao completar 18 anos se alistou em Brasilia no ano de 1999. Seu ideal era servir na gloriosa policia do Exercito Brasileiro. Em 2001 foi transferido para a 1ª Cia da P.E (Cia de Elite do Exercito) onde foi treinado em táticas anti-guerrilhas, controle de disturbio civil, operacoes com cães, segurancas de autoridades nacionais e internacionais e táticas de guerra. Lá realizou várias missões em quase todo territorio nacional. No ano de 2004 foi convocado para manter a paz no Timor Leste. No dia 03 de Junho de 2004 embarcou para o Timor Leste em uma viagem que durou 55horas. Lá, aliado a mais 74 militares do Exercito Brasileiro compôs a IRU (Unidade de Resposta Imediata da ONU) a famosa "linha de frente", "pronto emprego". Foi recebido por militares de várias nacões e teve a oportunidade de difundir nossa cultura com aquele povo, foi um verdadeiro intercambio cultural. Cumpriu várias funcões humanitárias: segurança do vice-secretarios das Nacões Unidas e de vários embaixadores e autoridades estrangeiras

Ajudou a construir uma escola na capital do Timor Leste - Dile, a qual recebeu o nome de Duque de Caxias - Patrono do Exercito Brasileiro, esta escola serviu de abrigo para os refugiados de guerra e foi onde o Soldado Rômulo contava as histórias paracatuenses aos refugiados.
Depois de várias missões no Timor Leste representando o Brasil, foi agraciado com a boina azul e a medalha das Nações Unidas por ter cumprido com todas as missões, e recebeu vários elogios de outras nações pelo desempenho. Cumprindo sete meses de missão, retornou ao Brasil, onde foi recebido pela mãe no Batalhão da polícia do Exercito de Brasília.
Em 2005 foi agraciado com a menção de Regozijo pela Câmara Municipal de Paracatu, pelos relevantes serviços prestados na consolidação da paz no Timor Leste.
Em 2006 foi condecorado com medalhas, Soldado da Paz e Medalha Ordem do Mérito do Batalhão Suez, Batalhão que foi pioneiro nas missões de paz.
Em 2009 foi agraciado também pelo secretário de Segurança Pública de Minas Gerais por ter feito parte da Força Tarefa quando o Sistema Prisional em MG entrou em Greve, foi esta força que ajudou a controlar as Rebeliões em Belo Horizonte. Convidado a palestrar, sempre fala da importância do patriotismo e da honra em ter representado o Brasil. Quando vai a outras cidades sempre fala de Paracatu, cidade a qual sempre honrou e levou o nome a vários países.
Soldado Rômulo, o Soldado da Paz!

Fundo Casa de Cultura/NGP/ADDI/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Antônio Olar Alvares da Silva Campos

É popularmente conhecido como Dedé da farmácia. Filho de Martinho Alvares da Silva Campos e Elizeta Marcolino Duarte Campos. Nasceu na zona rural do município de Paracatu, na Fazenda Lavado, em 03 de janeiro de 1933. Dedé começou a trabalhar na Drogaria Santiago - de propriedade de Gregório e Pedro Santiago exatamente em 03 de março de 1946. Aos 13 anos já limpava a farmácia, esterelizava e lavava as seringas (que na época eram de vidro). Obtinha toda liberdade, apoio e ajuda para se desenvolver. Rapidamente estava ajudando na manipulação de medicamentos, atendimento aos clientes e aviando receitas. Dedé conviveu com vários médicos: Doutor José Neiva, Doutor Joaquim Brochado, Doutor Fortunato.
Havia muita conversa e aprendizado. Fixou-se em Patos de Minas por dois anos e resolveu que estava na hora de ter a sua própria farmácia.
Foi para um lugarejo chamado Biboca. Como a farmácia era em um lugarejo, ele viajava todo mês para Patos de Minas, para fazer as compras de sua mercadoria. Depois se mudou para Vazante, que era um povoado maior, e lá ficou por 10 anos. Em 1967 voltou para Paracatu, Dr Gregório já idoso queria deixar a farmácia, mas não queria vender para qualquer pessoa. Pediu para chamar Dedé, e este não tendo como negar o pedido de Gregório, comprou a farmácia. Em

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

homenagem e respeito a eles, nunca mudou o nome da farmácia, mantendo Drogaria Santiago. Passou a morar com sua família em cima do seu comércio, atual prédio do Sacolão Sacola Cheia. O local era enorme, no fundo havia umas camas de campanha para receber as pessoas que moravam nas roças, e que não tinham onde ficar e quando estavam doentes, permaneciam ali até melhorarem, com direito a refeições sem cobrar nada por isso. Paracatu só tinha um hospital e não comportava toda população, por morar perto da farmácia, era sempre chamado de madrugada para atender quem precisava de sua ajuda. Sempre atendeu todos com atenção, dedicação e respeito, nunca errou um caso de apêndice, reconhecia na hora e já mandava para o hospital.

"Seu Dedé" fez um curso de Oficial em Farmácia em Belo Horizonte, obtendo um certificado de farmacêutico prático. É casado com Dalene Resende Campos há 59 anos, e possuem 5 filhos biológicos: Valéria, Denize, Martinho, Adriana e Daniela e uma filha de coração, Luciana (chegou na família aos 9 anos de idade).

Hoje tem 72 anos de farmácia com muita dedicação, respeito, sinceridade e amor.

Terezinha de Jesus Santana Guimarães

Nasceu em Paracatu, no dia 10 de Janeiro de 1959. Filha de Terezinha Santana Guimarães e Domingos de Sá Guimarães. Casada com Solano Meireles, mãe de Mariela, João e Matheus. Graduou-se em Técnico de Enfermagem, após a graduação, foi chamada para trabalhar no Hospital de Base de Brasília. Viveu na Venezuela, onde aprendeu um novo idioma. Regressou para o Brasil, passando a morar em Brasília. Trabalhou na Fundação Educacional do Distrito Federal no cargo de agente de saúde. Voltou a estudar. Recebeu o diploma de Espanhol pelo Instituto Cervantes (Espanha). Começou o curso de História no CEUB e, ao voltar para sua terra natal, passou a trabalhar no Centro de Saúde do Alto do Açude, ocupando o cargo de Técnico em Enfermagem. Concluiu o curso de História na Finom. Tomou posse no cargo de historiadora do município, lotada na Secretaria Municipal de Cultura, onde desempenhava seu papel de historiadora de forma teatral e folclórica para desenvolver os projetos de Educação patrimonial que alcançaram crianças, jovens e adultos, levando-os a conhecer e amar a história da nossa cidade. Ficou muito conhecida como "Vovó Tereza" que na verdade é uma homenagem a sua mãe, Terezinha Santana Guimarães, que era outra apaixonada pelas histórias paracatuenses.

também criou a personagem "Barriguda" (conhecida árvore do Santana, que contava histórias de Paracatu). Fiel aos princípios herdados, procura desempenhar suas funções com zelo. Participou do Corpo Técnico, elaborando pareceres que assessoram o COMPHAP (Conselho Municipal do Patrimônio Histórico Artístico e Paisagístico de Paracatu), bem como o Ministério Público. Elaborou e executou projetos voltados para a educação patrimonial e Jornada do Patrimônio Cultural do Patrimonio de Minas Gerais em parceria com outras secretarias e instituições, inclusive, com a Fundação Casa de Cultura, onde assessorava na pesquisa histórica do tradicional Calendário das Bordadeiras, com o objetivo de divulgar o rico patrimônio cultural existente na cidade, descortinando o olhar dos cidadãos e dos turistas. Conduzia alunos e visitantes pelo centro histórico da cidade. Essas ações foram colocadas em relatórios que passaram pela análise do IEPHA, voltando em verbas para o município, conforme a pontuação recebida. Sua sede por conhecimento sempre a leva a se capacitar, pois acredita que só assim poderá servir melhor a sua cidade. Desde 24 de maio de 2017 ocupa a cadeira nº 02 (Nestório de Paula Ribeiro), sendo agora também uma das acadêmicas da Academia de Letras de Paracatu. Empenha-se em atender às solicitações, pesquisando sobre diversos temas relacionados a Paracatu. Conta histórias e causos paracatuenses, tanto aqui como por onde vai, pois valoriza e tem gratidão por sua terra amada.

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Esclarecimento

Declaro para os devidos fins que, recebi este livro, nomeado de Livro de Ouro, com páginas arrancadas. Tal livro, que deveria conter 100 páginas enumeradas apresenta apenas 66, as demais foram arrancadas. não se sabe por quem e nem por qual motivo. Para resguardar a minha administração e os Conselhos que comigo se reuniram, por ocasião da escolha de Personalidades Paracatuenses, candidatos ao Salão de Fotografias da Casa de Cultura, acrescento a este livro tal nota de esclarecimento.

Graciele Mendes de Souza Xavier - Diretora Presidente da Fundação Municipal Casa de Cultura.

Testemunhas:

Cássia Ferreira dos Ares.
Janine Rocha Andrade
Claudisier Wagner Albernaz dos Santos

Terezinha Santiago Cordeiro
Claudia Araújo Jones
Elisângela Mesquita da Silva
Isac Costa Arruda

Fundo Casa de Cultura/NGP/ADDI/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Regulamento para escolha das personalidades que poderão participar do Salão de Fotografias da Fundação Municipal Casa de Cultura de Paracatu.

1. O Salão de Fotografias é um espaço determinado na Fundação Municipal Casa de Cultura de Paracatu, no qual são homenageadas personalidades que dignificam o nome de Paracatu, nas diversas áreas.

2. O Salão de Fotografias fica localizado no hall convergente entre as salas do curso de música, de pintura, secretaria e salão de reuniões, conforme prevê o Plano de Ocupação da Fundação.

3. Só poderão ser afixadas fotos de personalidades no Salão de Fotografias depois de serem julgados pela Comissão criada pela Fundação.

3.1 Esta Comissão, abaixo-relacionada, terá mandato coincidente com a Presidência da Fundação.

4. Será escolhido um presidente para esta Comissão que deverá nortear os trabalhos da escolha do homenageado.

5. O Presidente da Comissão do Salão de Fotografias será eleito por voto secreto dentre os participantes da comissão em reunião dirigida pelo Diretor-Presidente da Fundação Municipal Casa de Cultura.

6. O homenageado poderá ser escolhido diretamente pela comissão ou indicado por qualquer membro da comunidade, desde que seja aprovado pela comissão, que será soberana

em sua decisão.

7- A Comissão escolherá apenas um homenageado anualmente.

8- Fica estabelecida a data da comemoração do aniversário da cidade de Paracatu, 20 de outubro, para que seja prestada a homenagem, em sessão solene, no Salão Nobre da Fundação, onde será apresentada à comunidade os atributos que justificaram a presença da fotografia e biografia que passará a constar do "Livro de Ouro", arquivado nesta Fundação.

9- As fotografias emolduradas poderão atingir a medida máxima de até 0,40 X 0,50 cm, sende de cor preta e branca.

10- Os homenageados poderão ser escolhidos dentro do critério de destaque cultural, social, político, empresarial e comunitário desde que tenha elevado o nome de Paracatu dentro e fora de nossas fronteiras.

10.1- Não poderá ser escolhido, por maior que seja o mérito, uma pessoa que esteja exercendo cargo político.

11- Não poderá haver dentro dos critérios de avaliação para escolha do homenageado nenhuma discriminação racial, social, política ou financeira.

12- Fica expressamente proibida a retirada de fotografia que venha a compor o acervo da Fundação Municipal Casa de Cultura de Paracatu.

13- Fica criada a Primeira Comissão, composta dos seguintes membros:

Fundo Casa de Cultura/NGP/AQ01/GAV03/Cód.01/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Coraci Neiva
Florival Ferreira
Jane Jordão
Luiz Gonçalves
Maria Isabel
Marisa Macedo
Max Ulhoa
Nenir Araújo
Ranulfo Neiva

Paracatu, 09 de outubro de 1995.

Fundação Municipal Casa de Cultura de Paracatu
Maria das Graças Caetano Jales
Diretora Presidente